Diário de Lisboa

ANO 62.º N.º 20 893
Julho 198
Sábado

20$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Considerando as vitórias obtidas e o apelo do Presidente

Presos PRP suspenderam greves da fome

Tendo em consideração «as vitórias obtidas e o apelo do Presidente da República, o qual garante o seu empenhamento pessoal na resolução rápida de todo o problema» os presos do PRP suspenderam a greve da fome às 2 horas da madrugada de hoje. Nesta declaração agora distribuída os referidos presos afirmam ter tomado «a decisão de considerar preenchidas, em grande parte, as nossas reivindicações e não sacrificar mais uma vida». Ontem a Comissão de Solidariedade com os Presos Antifascistas tinha feito um apelo aos grevistas da fome para que estes suspendessem a greve visto estarem, segundo esta comissão, as condições necessárias para a resolução da situação destes. Também ontem o Presidente da República tornou pública uma posição em que apelava aos poderes públicos e aos presos em greve da fome no sentido de se desbloquear a situação criada. Pág. 5

Em conversa com o nosso enviado

Sharon admite que os palestinianos têm direito a terra... na Jordânia

O ministro israelita da Defesa, Sharon, disse ontem ao nosso enviado especial a Telavive, Ribeiro Cardoso, que os palestinianos têm direito a território no Jordânia, e que Israel cometeu um erro histórico ao apoiar, em tempos, o rei Hussein. O nosso enviado, que esta madrugada partiu de Telavive para Beirute, confirma que parece ter chegado o fim «desta» OLP, e que os israelitas parecem estar na disposição de dar o «golpe final» na zona oeste da martirizada capital libanesa. Mário Soares, entretanto, seguiu durante a noite de Telavive para Atenas, onde tem encontro marcado com Papandreou, e dali segue para a Síria, onde espera poder avistar-se com representantes da OLP.

Pág. 24

Israel poderá decidir amanhã assalto final a Beirute-Oeste

Págs. 12 e 13

Dossier homicídio

Quem mata quem?

Pág. 9

Hoje às 20 horas

RTP-2 retransmite o Brasil-Argentina

A super-estrela argentina Diego Maradona abandona o campo, expulso, depois da sua inqualificável agressão contra o brasileiro Baptista. A equipa da Argentina, que conseguiu meter «o golo da raiva» nos últimos minutos do desafio, leva amanhã para Buenos Aires a memória de um jogo violento, em que não conseguiu impedir o 3-1. O canal 2 da RTP retransmite hoje, a partir das 20 horas, o desafio. Na foto: Maradona, acabrunhado, recebe a despedida do seu colega Tarantini. Pág. 17

Festa do 'Avante!' centrada no Poder Local

Começou ontem à noite, no Casalinho da Ajuda, a 6.ª edição da Festa do Avante. Tendo, como já noticiámos,como tema central o Poder Local, na Festa decorrem diversos colóquios que abordam problemas relacionaos com as autarquias. Assim, hoje, no auditório descoberto, estão previstos quatro debates que terão lugar às 15.30 17, 20 e 22 e que versarão respectivamente: experiências concretas da gestão APU em Coruche e Évora. Autarquias e Movimento Popular. Porquê realiza a APU nas autarquias mais do que as outras forças políticas. A Regionalização e o Pacote Antiautárquico da AD e as Freguesias de maioria APU no Norte e nas Beiras.

No palco 1 os apreciadores de boa música terão hoje a partir das 21 horas com que se regalar Baden Powel, compositor brasileiro, Odetta e Josh White, dos Estados Unidos a presença dos espirituais, o grupo «Moncada» de Cuba e Manu Dibango, dos Camarões.

Amanhã ao fim da tarde, no placo 1, o já habitual comício da Festa com Álvaro Cunhal. Também no Palco 1, a partir das 20 horas, o espectáculo prossegue com a actuação conjunta do grupo Trovante e de Sérgio Godinho, seguindo-se o «regae» com Clint Eastwood e General Saint, buffy Saine-Marie, o «country» na voz de uma índia canadiana e a encerrar o programa Carlos Mendes.

Se não quer ficar só pelo Palco 1 aproveite para visitar os «stands» de artesanato das diversas regiões do País, vá até ao Videoteatro e veja o Campeonato em «écran» gigante ou fique-se pelos petiscos que na Festa abundam.

Portugal e a África Austral

O dr. Francisco Pinto Balsemão, Primeiro-Ministro e presidente do PSD, pela dupla circunstância de chefiar o Governo AD e de presidir aos destinos do partido que é a componente mais importante da coligação que detém uma maioria parlamentar e exerce a governação do País, representando Portugal, e em nosso nome, andou a dizer por terras austrais da África que o Governo que dirige e este Povo, são solidários dos Estados independentes, atentos aos problemas dos Estados da Linha da Frente, determinados na condenação do racismo e das intromissões na vida das Novas Nações africanas.

Disse-o cuidadosamente. Disse-o, usando uma linguagem evasiva, pesada e medida, não raro ambígua. Mas disse-o. E isso ouviram, e assim o entenderam, os seus interlocutores de Maputo e de Harare, um Samora Machel, um Robert Mugabe.

Sem abandonarmos ao Governo — a este ou a outro qualquer — o exclusivo das relações com os povos da África Austral, é necessário reconhecer que, pela própria natureza dos problemas actuais e pela importância nacional da política de amizade e de cooperação com os povos da África Austral, cabem ao Governo — a este ou outro qualquer — especiais e concretas responsabilidades.

Poderá algumas vezes a iniciativa política ou de organizações não-governamentais preceder, ou exceder, a acção dos Governos. Mas os Governos do Portugal de Abril não poderão colocar-se à margem — e muito menos contra — uma política de amizade e de cooperação que seja convergente, independentemente das formas que revestir e da sua origem particular (não

Continua na pág. 24

Concurso «DL»/82

Ainda pode concorrer

CONTINUA A REPETIÇÃO DOS CUPÕES DA 1.ª SÉRIE

Hoje n.ºs 6 e 7

Para a história do Fundo de Fomento da Habitação

Pedido por uns, indesejado por outros

António Fonseca Ferreira

«Crónica de uma morte anunciada» *é o título do último livro do grande escritor Gabriel Garcia Marquez, ainda não editado entre nós.*

Não sabemos se o actual governo, para decretar o tão insólito como surrealista fim que acaba de anunciar para o Fundo de Fomento da Habitação, foi beber a sua inspiração ao lirismo fantástico da prosa do escritor colombiano. Mas sabemos que o que se passa com esse organismo é absurdo e fortemente prejudicial dos interesses do país. Um contributo mais para a desesperança dos portugueses verem resolvidos os seus problemas de habitação.

A criação do FFH

O FFH foi criado em Maio de 1969, antecedendo de cerca de um mês a realização do «Colóquio sobre Política de Habitação», que teve lugar no LNEC por iniciativa do Governo de Marcelo Caetano.

Estávamos em plena fase de «liberalização» que, sem dúvida, resultava mais das necessidades objectivas da reestruturação do aparelho de Estado, impostas pelo desenvolvimento e interesses do capital financeiro e industrial do que da vontade (fraca) e do espírito académico e conservador do velho delfim de Salazar.

A expansão industrial verificada na segunda metade da década de sessenta, com a implantação de grandes unidades de produção (siderurgia, estaleiros de construção e reparação naval, unidades petroquímicas e metalomecânicas, etc.) **exigia uma intervenção acrescida e eficaz do Estado na melhoria e embaratecimento das condições de reprodução da força de trabalho.** O que tinha de se traduzir, directamente, em dois aspectos: construção de habitações de renda económica e melhoria do sistema de previdência/prestações sociais.

Incrementar a habitação social

A criação do FFH inseria-se nas recomendações dos textos dos Planos de Fomento, que visavam «o incremento da construção de habitação social entre os objectivos capitais do nosso desenvolvimento socioeconómico». A nível institucional visava-se centralizar «num único organismo a prossecução de diversas medidas de política habitacional estabelecidas legalmente e que, algumas vezes, vinham a não ser aproveitadas em todo o seu alcance». Esta unificação departamental vinha sendo preconizada há vários anos. Assim aconteceu, de forma incisiva, durante o Colóquio sobre o Problema Habitacional promovido pela Associação dos Inquilinos Lisbonenses, em Novembro/Dezembro de 1967, onde se constatava que as entidades com jurisdição sobre a promoção pública de habitação eram, para além das câmaras municipais, em número de doze, repartidas por sete ministérios.

Dos textos deste colóquio – e de muitos outros da época – transparece uma consciência generalizada dos malefícios desta dispersão, defendendo-se a integração num único organismo das diferentes entidades públicas promotoras e financiadoras de habitação. Tal se afigurava como um passo indispensável ao impulso da intervenção e acção racionalizadora do Estado na política habitacional objectivo de que muito então se falava. Nesta proposta convergiam os sectores da oposição ao regime e os que no seu interior defendiam uma política activa de melhoria das condições de reprodução da força do trabalho, indispensável ao aumento da produtividade e dos lucros no sector industrial.

Controlo e a ineficácia

Já nos referimos ao colóquio de 1969 como sendo uma abertura do regime a essas correntes, momento privilegiado para afinação e reforço das respectivas propostas. Todavia, na formalização da criação do FFH e no preenchimento dos respectivos cargos dirigentes outras forças se anteciparam. Forças menos dadas a colóquios mas detendo posições determinantes do aparelho de Estado. Não podendo evitar a criação do FFH, pragmaticamente, anteciparam-se no seu controlo. E há quem veja neste episódio as causas dos pecados originais do Fundo. Alguns chamavam-lhe nos anos seguintes um «nado-morto», retrato das contradições e lutas a que tem estado sujeito.

Diversos observadores apontam este facto como uma gestação equívoca do organismo. Destinando-se o colóquio de 1969, segundo o próprio governo, a definir as orientações para uma nova política de habitação, seria lógico aguardar as respectivas conclusões para dar forma institucional a essa política. Simplesmente, era a fase das grandes lutas intestinas à classe dominante, apontando uns para a renovação, outros para a manutenção e controlo estático do aparelho de Estado.

Deste difícil parto parece consequência o facto de numa primeira fase o FFH reunir somente os serviços do MOP com competência no domínio habitacional. Só em 1972 se incorporaram no FFH as funções e parte dos meios que no âmbito do então Ministério das Corporações e Previdência Social constituíram o principal promotor público: Federação das Caixas de Previdência – Habitações Económicas. O novo diploma orgânico – DL 583/72 – estipulava no seu art.º 3.º n.º 1, que constituem atribuições do Fundo de Fomento da Habitação:

«a) O estudo sistemático da problemática da habitação;

b) A coordenação das iniciativas respeitantes ao sector;

c) A execução das medidas de política habitacional da responsabilidade do Estado».

Entre 1969 e 1974 a acção do organismo limitou-se, praticamente, ao prosseguimento das obras e projectos transitados dos serviços extintos. Destaca-se um empreendimento de 3000 fogos, em Agualva-Cacém, iniciado em 1970 e concluído em 1975. Um certo número de empreendimentos, programados para serem executados no decurso do III Plano de Fomento, tais como Almada - Costa da Caparica, Setúbal, Ingote (Coimbra), Viso (Porto) e Guimarães, e que haviam justificado a criação do FFH, foram largamente propagandeados pelo regime mas encontravam-se, em finais de 1974, a nível da «mancha», sem que os projectos de urbanização e arquitectura se tivessem iniciado.

Como a política de habitação de um país está estreitamente ligada ao estádio de desenvolvimento económico e à relação de forças entre as diversas fracções da burguesia, não estavam entre nós criadas as condições para o lançamento de um vasto programa de habitação social. Afinal, **a corrente de racionalização capitalista fora batida em todas as frentes e a especulação imobiliária conheceu, entre 1969 e finais de 1973, um período áureo.**

Os sectores mais retrógrados da sociedade portuguesa, fortemente tributários da especulação fundiária e imobiliária, não toleravam a intervenção normativa e concorrencial do sector público. Não admitiam a promoção directa de habitações pelo Estado, mantendo inoperante o FFH.

Entretanto, foi-se constituindo um corpo de funcionários que em 1974 atingia 570. Parte deles «herdados» de organismos burocratizados e envelhecidos, transferindo para o FFH as mazelas físicas e profissionais, a par de uma grande disparidade de estatuto nas carreiras e inadaptações funcionais em que é fértil a nossa Administração Pública.

Aos jovens que entretanto foram admitidos no Fundo não era dada oportunidade de «trabalhar para o terreno», o que haveria de traduzir-se num certo academismo e na falta de aprendizagem profissional.

A estruturação funcional só existia na letra do diploma orgânico e para preenchimento dos lugares da hierarquia.

O único presidente do organismo durante este período agia de forma autocrática e isolada. Nunca chegaram a ser nomeados os vice-presidentes nem implementado o conselho geral previsto na lei orgânica.

As mudanças e as esperanças de 1974

O período que se segue ao 25 de Abril e as transformações político-sociais então operadas no poder suscitaram a necessidade (e a esperança) de profundas mudanças no sector.

Pareciam criadas as condições para uma acrescida e renovada intervenção do FFH.

Neste, pela sua qualidade de instrumento fundamental do sector, pelo comprometimento e inoperacionalidade dos seus responsáveis, eram inevitáveis conturbações hierárquicas e funcionais. As condições em que se desenrolou o processo político, retardando a definição clara da política habitacional e do papel do FFH, tornaram os problemas mais complexos e dificultaram a respectiva solução.

Em finais de 1974 foram afastados alguns responsáveis dos serviços, elegendo os funcionários uma «Comissão Coordenadora e de Reforma», formalmente encarregada pelo SEHU de elaborar no prazo de 60 dias um projecto de reestruturação do organismo. Entre os eleitores para a comissão incluia-se o antigo presidente.

A generosidade e dinamismo do pessoal, neste processo, são evidentes. Todavia, a breve prazo, encontrava-se entravado o funcionamento da comissão. Tal se explica por divergências e dissensões internas, pelo facto de o presidente continuar a funcionar perante o SEHU e o FFH nos moldes em que sempre funcionara e também devido à demora governamental na definição de directrizes para o organismo.

O projecto de reestruturação não chegou a ser elaborado e a actividade paralisa, praticamente, durante 1974.

Em Julho inicia-se o processo SAAL que mobiliza activamente uma parte do pessoal, em claro confronto com as estruturas existentes.

Em finais de 1974 são decididas pelo governo novas formas de intervenção do Estado na promoção habitacional – contratos de desenvolvimento, cooperativas, empréstimos às câmaras, etc. – implicando uma extensão muito significativa das funções do FFH. É publicada legislação que altera, de quatro para oito, o número das direcções de serviço, passando o executivo – um presidente e dois vice-presidentes – a ser coadjuvado por um conselho directivo com largas atribuições. Este integra os responsáveis pelos serviços e é formalmente encarregado de propor, com prioridade, as alterações estruturais e orgânicas que adequadamente habilitem o FFH ao desempenho das suas responsabilidades nas novas circunstâncias. O DL 701/74 preconiza, igualmente, a criação de delegações regionais. A maioria dos novos responsáveis é recrutada de entre os quadros do próprio organismo, com uma presidência onde dominam os militares.

Dinamismo e produtividade em 75/76

Com a entrada da nova equipa insuflou-se energia e imaginação na acção do FFH, dinamizando-se os processos em curso e iniciando novos empreendimentos com o objectivo de, nos mais curtos prazos lançar em concurso e execução o maior número de fogos possível. Este desiderato era facilitado pela vontade política então existente a todos os níveis no sentido de incrementar a promoção habitacional e pelo generoso entusiasmo das camadas mais jovens de trabalhadores.

Alguns dos sectores funcionam de forma eficaz e exemplar. As equipas assumem responsavelmente, de forma competente e dinâmica, a execução das tarefas, após participação nas decisões e na elaboração dos planos propostos pelos responsáveis. Mercê dos métodos adoptados o lançamento de concursos e obras inicia-se, a partir de Fevereiro de 1975, a um ritmo muito satisfatório. **O FFH passa da promoção de uma média de 2000 fogos/ano antes de 25 de Abril para a adjudicação de 21 183 fogos, em 1975.**

Contudo, diversos factores levam ao desenvolvimento de uma contestação e agitação internas, traduzidas na votação do saneamento do presidente em 3 de Março de 1975, na decisão superior da instauração de um inquérito à gestão do organismo (processo que se haveria de se revelar bem tortuoso e ineficaz), à desagregação do conselho directivo que em Maio pede a demissão e numa perturbação funcional que impediu metas produtivas mais amplas.

O projecto de reestruturação, elaborado de forma ambígua e arrastada, concluído em finais de Maio, não chega a ser aprovado pelo conselho directivo, já desagregado e demissionário.

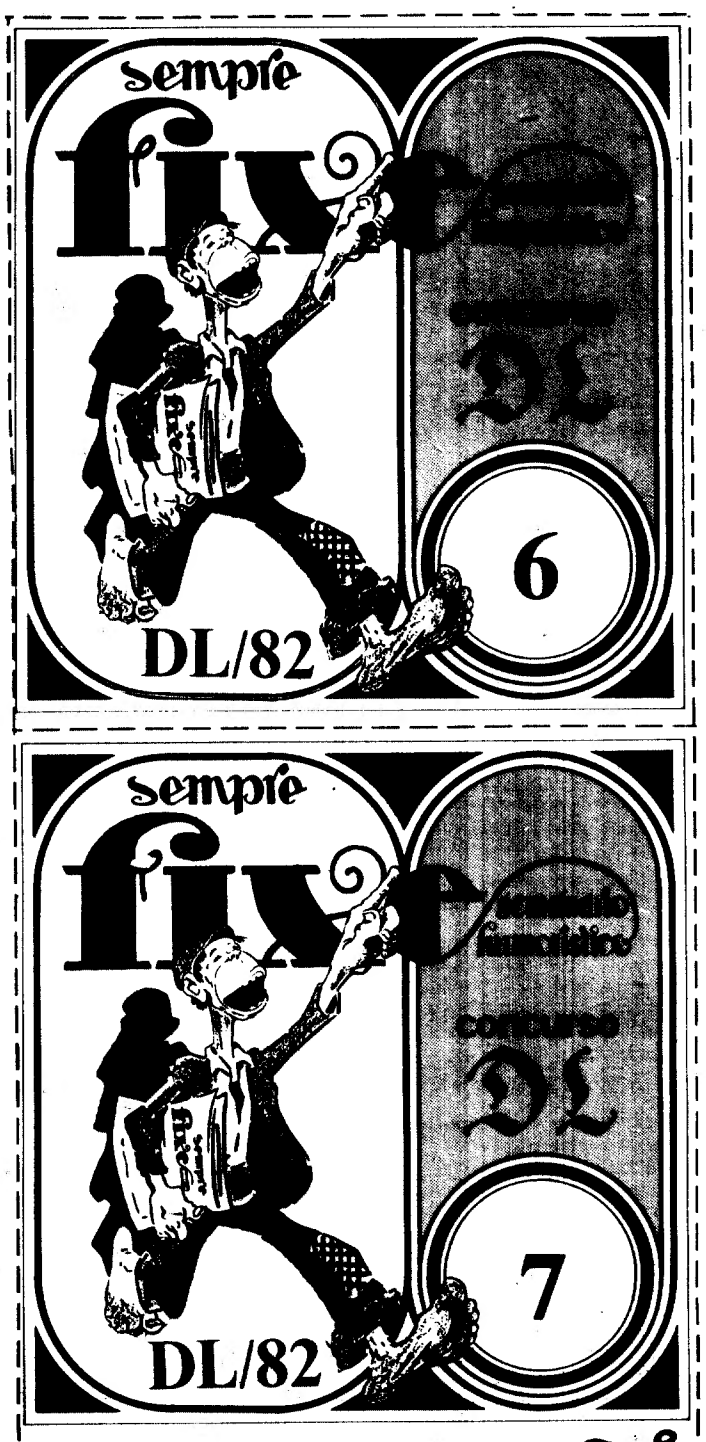
As convulsões políticas, ideológicas e institucionais, vividas no país durante esse período explicam por si, como causa envolvente, (em grande parte) o que no FFH se passou.

A inadequação das estruturas orgânicas do FFH às novas realidades e necessidades da política habitacional, implementada a partir de finais de 1974, para além de não permitir o desenvolvimento da sua capacidade produtiva, teve por consequência a «sobreposição» de dois organismos: um «velho» Fundo, cristalizado e um outro, constituído pelos novos serviços e também por alguns sectores dispersos dos serviços existentes, enquadrados dentro do novo espírito e modalidades da política habitacional. Necessariamente que desta situação decorre uma grande descoordenação quer internamente quer na intervenção externa do Fundo.

As necessidades de aceleração do fomento habitacional impuseram um ritmo a que não se adequar as estruturas, meios e processos institucionais.

Uma comissão militar substi-

Continua na pág. 16



Envie as colecções até 24 de Agosto

Terminada a publicação das duas Séries de Cupões e do Boletim de Indentificação, o leitor só tem agora que enviar as suas Colecções (cupões n.ºs 1 a 30 de qualquer das séries).

Lembramos que:

● **O leitor deve usar apenas um boletim** por cada colecção e enviar apenas uma colecção em cada envelope.

● **O BOLETIM DE INDENTIFICAÇÃO** deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de indentidade) morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal.

● **O TALÃO RECIBO** deverá ser igualmente preenchido com a morada correctamente indicada (não corte nem separe da metade superior) e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado terá de juntar um selo de correio de 10$00. Coloque o selo visivelmente junto do Boletim, de forma a não o inutilizar (não use fita gomada, não agrafe e não cole).

● **O PRAZO DE ENVIO** termina em 24 de Agosto de 1982 (data do carimbo do correio) e as colecções devem ser enviada para

DIÁRIO DE LISBOA – CONCURSO
RUA LUZ SORIANO, 44
1200 LISBOA

● **O ENVIO PELO CORREIO** é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções.

● **O APURAMENTO DAS COLECÇÕES** será feito entre 3 e 10 de Setembro sendo esta última a data prevista para o sorteio.

DL
ASSINATURAS E NÚMEROS ATRASADOS
Rua Luz Soriano; 17

Horário: 09.00 às 13.00 e 14.00 às 17.30

ENCERRADO AOS SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS

Pedidos pelo Correio
Podem ser atendidos, mediante pagamento antecipado, através de cheque, vale ou selos dos CTT

NÃO ENVIAMOS À COBRANÇA

Desenvolvimento mundial e corrida aos armamentos (2)

Mário Murteira

O «Relatório Global 2000», diversamente de muitas análises da mesma natureza, limita-se a estender aos começos do próximo século as actuais tendências que relacionam, a nível mundial, a população, os recursos e o meio ambiente sem elaborar cenários alternativos de evolução. Mais precisamente, o estudo admite três hipóteses centrais:

As presentes políticas relativas à estabilização da população, conservação de recursos naturais e protecção do meio ambiente não sofrerão alterações sensíveis;

Continuarão a verificar-se rápidas taxas de progresso tecnológico e os mecanismos de mercado permitirão assegurar ajustamentos entre ofertas e procuras;

Não haverá rupturas importantes no comércio internacional, como resultado de guerra, perturbação do sistema monetário internacional ou crise política. A partir daqui são sucessivamente abordados temas relativos à população, recursos agrícolas, aquáticos e minerais, energia, poluição por vários factores, alterações climáticas, extinção de espécies, etc.

Vamos anotar algumas conclusões mais significativas, para o propósito que nos conduz.

A população mundial crescerá de 4,1 biliões de pessoas em 1975 até 6,35 em 2000 (55% de aumento) segundo a hipótese média das projecções. O rápido crescimento da população não se atenuará de forma apreciável (1,8% anual em 1975 e 1,7% em 2000). Desses 635 biliões, 5 viverão nos países em desenvolvimento: mais de 90% do crescimento demográfico mundial ocorrerá nos países subdesenvolvidos. Note-se que em 2000 a população do planeta aumentará 100 milhões por ano, contra 75 em 1975.

De salientar que o prolongamento destas tendências pelo século XXI, conduziria a 10 biliões de pessoas em 2030 e cerca de 30 pelos finais do século. O primeiro número representa, segundo estimativas da Academia de Ciências dos EUA, o máximo comportável pelo planeta habitado «com algum conforto e escolha individual», enquanto o segundo é limite absoluto da capacidade habitável da Terra, segundo a mesma fonte.

Ainda de acordo com as mesmas tendências, algumas cidades do Terceiro Mundo, tornar-se-iam no ano 2000 sobrepovoadas de forma quase inconcebível. Assim, a cidade do México atingiria mais de 30 milhões de pessoas (três vezes a actual população metropolitana de Nova Iorque), Calcutá cerca de 20 milhões e a Grande Bombaim, a Grande Cairo, Jacarta e Seúl estariam no intervalo 15/20 milhões. A maior parte das pessoas viveria em «residências não controladas», pressionando de forma dramática os serviços sanitários, o abastecimento de água, a procura de alimentos, habitação e emprego. No entanto, a situação nos meios rurais do Terceiro Mundo não seria geralmente melhor segundo o mesmo estudo.

No que se refere às consequências sobre o meio ambiente, a ameaça mais grave parece residir na deterioração e perda de recursos essenciais para a agricultura, logo para a alimentação da espécie humana. Tal evolução resulta de diversos factores: erosão dos solos, salinização de terra irrigada e da água utilizada na irrigação, perda de terras férteis por força da urbanização, estragos nas culturas por poluição do ar e das águas, carências regionais de água mais frequentes e severas, designadamente em consequência da deflorestação. Quanto a esta, estima-se – ainda e sempre às tendências actuais – que no ano 2000 haverá menos 40% de recursos florestais nos países subdesenvolvidos. Por seu turno, a desertificação aumentará 20% até final do século.

Anotemos ainda algumas consequências sobre o clima e a atmosfera analisadas no «Relatório Global 2000».

Quanto ao ar atmosférico, sofre das consequências do consumo de combustíveis fósseis, especialmente carvão, que além do mais provoca aumento na acidez das águas. Na Noruega, por exemplo, o salmão e a truta desapareceram em vários rios, devido a esse aumento de acidez. Outro resultado da mesma origem é a concentração de dióxido de carbono na atmosfera. Estima-se que o conteúdo de CO_2 da atmosfera aumentou 15% no último século e, por 2000, estima-se que será 1/3 superior aos níveis pré-industriais. Daí poderá resultar uma subida de temperatura, no próximo século, de 2 a 3° nas latitudes médias. Mesmo um acréscimo de apenas 1° na média global faria a Terra mais quente de que em qualquer período do último milénio. Nos Polos, a variação seria maior, podendo fazer subir o nível dos oceanos e forçar o abandono das cidades costeiras.

Outra preocupação reside na camada de ozono que protege o planeta dos efeitos perniciosos dos raios ultravioleta, camada hoje ameaçada por vários agentes como os chamados aerosóis, equipamentos de refrigeração, aviões que voam a elevadas altitudes, etc.

São também conhecidos os riscos inerentes à utilização crescente da energia nuclear, quer na contaminação radioactiva que pode resultar de acidentes nos reactores, quer nas dificuldades decorrentes da acumulação de resíduos nucleares, alguns com duração de milhares de anos.

Uma nota ainda sobre o processo em curso de extinção de espécies. Afirma-se no relatório em referência que «entre meio milhão e dois milhões de espécies – 15 a 20% de todas as espécies da terra – poderão extingur-se até 2000, principalmente pela perda do habitat natural mas em parte também em consequência da poluição. A extinção de espécies a esta escala é sem precedentes na história humana». Registe-se que metade a 2/3 desta destruição de espécies resultarão da extinção ou degradação das florestas tropicais. Muitas dessas espécies nem chegarão a ser examinadas e classificadas por cientistas.

Como acentuámos, os autores do «Relatório Global 2000» não pretendem fazer previsões, mas tão somente projectar num futuro não muito distante as consequências das engrenagens que estão hoje em marcha sem clara percepção das suas implicações a médio e longo prazo. Alguns mecanismos autocorrectores estão também em marcha – em matéria de protecção do meio ambiente, por exemplo – que poderão atenuar certos impactos. Por outro lado, há processos «naturais» de correcção que poderão actuar. Relativamente ao crescimento demográfico, designadamente, os autores do relatório reconhecem que «à medida que a população mundial excede ou reduz a capacidade das terras em várias áreas cada vez mais amplas, as tendências do último ou dos dois últimos séculos no sentido de melhores condições de saúde e maior esperança de vida poderão atingir o seu termo».

Porém, quer o estudo que referimos quer a maior parte das análises prospectivas da mesma natureza não assinalam – sequer – os efeitos nessa problemática das tendências relativas à corrida aos armamentos. Algumas das inter-relações entre as duas temáticas serão referidas seguidamente.

(Continua)

A Argélia vinte anos após a independência

– Em vinte anos de independência, a Argélia modificou-se totalmente: a sua classe política, que sucedeu aos «antigos» da FLN, encontra-se totalmente renovada. A sua economia, que passou da fase tipicamente agrária para a era da industrialização, transformou-se completamente. A sua população, agora mais citadina do que rural, sofreu profundas mutações sociais e culturais, e é considerada, com os seus jovens nascidos após a independência, uma das menos idosas do mundo.

No plano político, a Argélia de 1982 está longe de apresentar o mesmo rosto da de 1962, embora a FNL continue a ser o único partido e a mais alta instância do país. O único sobrevivente na cena política dos «históricos» da FNL é o inamovível Rabah Bitat, cujo mandato, à frente da Assembleia Nacional, acaba de ser renovado. Todos os outros antigos dirigentes da FNL ou já morreram ou estão reformados, ou encontram-se refugiados no estrangeiro. É o caso por exemplo do ex-presidente Ahmed Ben Bella, ou de Hocine Ait Ahmed e Mohamed Budiaf.

Mesmo os sucessores dos antigos «históricos» da revolução argelina, que vieram trazer a ordem ao país, após a crise que abalou a FNL em 1962, parecem progressivamente desaparecer da cena política, depois de terem dirigido o país durante catorze anos.

O presidente Huari Bumediene faleceu em Dezembro de 1978, e os seus principais colaboradores, como Abdelaziz Buteflika, ou Belaid Abdeslam, antigo «patrão» incontestado da economia, foram afastados do poder há dois anos.

A nova classe política conta mais tecnocratas do que cabeças políticas. O discurso é hoje muito mais centrado na economia e no social, profusamente recheado de balanços em números.

As mutações são ainda mais profundas no plano económico. A opção do socialismo como modo de desenvolvimento continua a constituir a base ideológica do regime. Mas, trata-se dum socialismo adaptado às condições da Argélia, visando mais instaurar uma justiça social. Longe de ser objectivo, o socialismo não constitui aos olhos dos novos dirigentes mais do que um meio de conseguir «uma vida melhor» de cada um dos argelinos, segundo a palavra de ordem do último congresso da FNL.

A Argélia, que vivia sobretudo da sua agricultura, outrora excedentária, muniu-se dum verdadeiro aparelho industrial financiado, à força de biliões de dólares, pelo «maná do petróleo».

Todavia, este país está longe de ter atingido o objectivo que tinha fixado, ou seja, a independência económica.

É verdade que todo o aparelho económico está nas mãos do Estado argelino, que nacionalizou todos os interesses estrangeiros, incluindo o sector-chave dos hidrocarbonetos, antes de se lançar numa ambiciosa política de industrialização. Mas, a Argélia é mais do que nunca dependente das suas vendas de petróleo e de gás, que financiam a quase totalidade das importações de bens de equipamento e de consumo, representam a quase totalidade das exportações.

Por outro lado, a estagnação da produção agrícola, juntamente com o aumento espectacular do seu consumo de produtos alimentares, provocado pelo crescimento da sua população para o dobro, cujo poder de compra se elevou para mais do triplo, fazem com que a Argélia importe cada vez mais maciçamente produtos alimentares, o que reduz a sua independência económica.

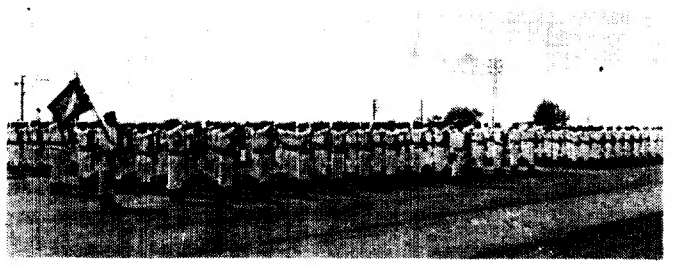
O gigantesco esforço fornecido pelo país para a sua industrialização, também motivou desequilíbrios importantes no plano social. Para reduzir a mais grave crise de alojamentos que o país tem conhecido, o governo do presidente Chadli Bendjedid lançou um vasto programa que deve traduzir-se pela construção durante esta década de um milhão de alojamentos.

A realização deste programa, que deve ser acompanhado pela construção dum milhar de aldeias agrícolas, transformará o aspecto da Argélia.

Esta transformação política, económica e social da Argélia é acompanhada por uma transformação cultural e linguística. No plano demográfico, a população passou de nove milhões de habitantes em 1962 para vinte milhões em 1982, tendo mais de metade nascido após a independência.

A língua árabe, que era reservada a uma pequena elite religiosa, reencontrou o seu papel de língua nacional, colocando o francês ao nível de língua estrangeira, embora privilegiada, por razões de ordem prática e histórica. Ao lado de várias dezenas de mesquitas que serviam de refúgio aos guardas da fé islâmica e de caixas de ressonância do nacionalismo, surgiram como cogumelos milhares de outras mesquitas cujos miranetes suplantam grandemente os campanários da igreja próspera do tempo da colonização francesa.

ponto a ponto



● Realizou-se, ontem, pelas 11.05, no Grupo n.° 1 de Escolas da Armada, em Vila Franca de Xira, o **juramento de bandeira** de 325 recrutas voluntários, da 2.ª incorporação de 1982.

A cerimónia, a que assistiram altas entidades da Armada e de outros ramos das FA's, foi presidida pelo vice-almirante Rui do Carmo Fernandes, superintendente dos Serviços do Material da Armada.

● LEONARDO MATIAS, ex-secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, acaba de ser nomeado embaixador de Portugal nos Estados Unidos substituindo no cargo o actual ministro dos Negócios Estrangeiros, Vasco Futscher Pereira. O novo representante diplomático português em Washington entrou para a carreira diplomática em 1960, tendo exercido funções no consulado português de Cape Town e nas embaixadas em Madrid e Roma. Foi também embaixador em Bagdade e representante permanente de Portugal nas **Nações Unidas.**

● Os deputados do PSD Leonardo Ribeiro de Almeida (ex-presidente do Parlamento) e Emanuel Pereira (actual líder parlamentar) pediram a suspensão dos seus mandatos de 5 a 10 e de 6 a 9 de Julho respectivamente.

Manuel João da Silva, substituto do deputado Álvaro Cunhal, foi substituído por Maria Aleluia até 31 de Julho.

Estas substituições foram anunciadas pela Comissão Parlamentar de Regimento e Mandatos.

● Iniciaram-se ontem as **jornadas médicas de pneumologia e infecciologia do Hospital Militar de Doenças Infecto-Contagiosas.**

Nesse encontro, em que participaram prestigiosas figuras no campo da medicina, serão apresentados alguns trabalhos de investigação no domínio da infecciologia e pneumologia e dados a conhecer alguns casos clínicos. As jornadas encerram às 13 horas de hoje.

● O primeiro-ministro em exercício, **Freitas do Amaral**, classificou a sua audiência com o Presidente da República, como «uma reunião de rotina» a não merecer qualquer tipo e declarações da sua parte.

Por outro lado, o presidente do CDS recusou-se a fazer comentários sobre notícias aventando a hipótese de um «pacto institucional» entre a AD e o Presidente da República para, após a revisão constitucional, se constituir novo governo da coligação sem Pinto Balsemão a chefiá-lo.

● Os partidos integrantes da Aliança Democrática (AD) vão concorrer separados nas eleições autárquicas, em mais de metade dos concelhos do distrito da Guarda – soube-se de fonte partidária.

Fornos de Algodres, Meda, Vila Nova de Foz Côa, Pinhel, Celorico da Beira, Figueira de Castelo Rodrigo, Manteigas, Sabugal, são alguns dos concelhos onde os partidos integrantes da AD vão concorrer separados, disse a mesma fonte.

● Comemorou-se anteontem o 30.° Aniversário da Força Aérea Portuguesa como ramo independente das Forças Amadas.

O programa das comemorações, que se iniciou a 24 de Junho. na cidade de Évora, teve o seu encerramento em Lisboa com a **celebração de uma missa de Acção de Graças** na Igreja da Força Aérea e a realização de um concerto de gala pela Banda da Força Aérea no Teatro Municipal de São Luiz.

Depois de uma semana africana

Balsemão regressa hoje com escala na Nigéria

O Primeiro-Ministro Pinto Balsemão, à hora a que o nosso jornal começa a circular está a almoçar em Lagos, com o vice-presidente da Nigéria, durante uma escalada de cinco horas naquele país africano.

Pinto Balsemão partiu hoje de manhã de Harare (no Zimbabwé) para Lisboa, depois de uma estadia de cinco dias na África Austral e aproveitou a necessidade de fazer uma escala técnica em Lagos para se encontrar com autoridades locais. Para além do almoço com o vice-presidente Ekuwene não está prevista nenhuma cerimónia oficial, devendo Balsemão e comitiva chegar a Lisboa ao princípio da noite.

HARARE, 3 (Pelo enviado especial da ANOP) – O Primeiro-Ministro português visitou ontem, no Norte do Zimbabwé, na fronteira com a Zâmbia, as quedas de água de Vitória, as maiores do Mundo.

Pinto Balsemão viajou num quadrimotor da Air Zimbabwé, tendo o voo demorado 90 minutos.

A visita às cataratas permitiu a Balsemão observar, num espaço de três dias, dois fenómenos espectaculares, um natural e outro artificial, no leito do mesmo rio – O Zambeze, o quarto da África – mas separados alguns milhares de quilómetros.

Na terça-feira, a comitiva oficial portuguesa tinha visitado na República Popular de Moçambique a barragem de Cabora Bassa, um fenómeno artificial, que se começou a construir em 1968.

Ontem Balsemão admirou o incrível fenómeno natural que são as cataratas vistas, pela primeira vez, pelo homem em 16 de Novembro de 1855, quando David Livingstone por aqui passou.

O rio Zambeze cai de uma altura de 106 metros, com um caudal máximo de 540 milhões de litros por hora.

Numa das quedas – a chamada «Rainbow Falls» – é perfeitamente visível um nítido arco íris, dando a sensação que uma das pontas tem início a meio da descida do rio.

Junto às cataratas situa-se a pequena ponte sobre o Zambeze que liga o Zimbabwé à Zâmbia e que Cecil John Rhodes desejou que fosse incluída no plano ferroviário do «Cabo ao Cairo».

Antes da visita às quedas, o Primeiro-Ministro português percorreu uns viveiros de criação de crocodilos e deu um curto passeio de barco no Zambeze.

Ontem à noite, em Harare, Balsemão ofereceu um banquete em honra de Mugage no Hotel Monomatapa, um dos mais luxuosos da capital. Não houve discursos.

Acordo

Portugal e Zimbabwe assinaram em Harare um acordo geral de cooperação.

A decisão da assinatura foi tomada ontem na capital pelos ministros dos Negócios Estrangeiros dos dois países enquanto o Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão visitava no Norte do país as quedas de água de Vitória.

A iniciativa do acordo pertenceu a Lisboa, tendo Harare respondido da melhor forma, disse à ANOP uma fonte do Ministério português.

Este acordo permitirá no futuro uma mais efectiva cooperação entre os dois países estando prevista para Setembro a deslocação à capital do Zimbabwe de uma missão portuguesa.

Comentários na Imprensa

O principal jornal do Zimbabwe «The Herald» dedicou ontem o espaço nobre da sua primeira página e metade do comentário político à visita do Primeiro-Ministro português Pinto Balsemão.

«The Herald» publica a nove colunas da primeira página os discursos que o primeiro-ministro Robert Mugabe e Pinto Balsemão fizeram quinta-feira à noite, no banquete oficial, bem como uma fotografia a sete colunas.

Do discurso do Primeiro-Ministro português, o jornal destaca para título a duas colunas a afirmaçao de que Portugal poderá ajudar a SADCC (Conferência Coordenadora do Desenvolvimento da África Austral).

O comentário publicado na página seis, sob título «Um bom amigo», destaca as acções políticas do falecido primeiro-ministro Sá Carneiro e de Pinto Balsemão, recordando que Portugal e Zimbabwe «foram uma vez conduzidos por regimes fascistas».

Sublinha também que as políticas de ambos os países vão agora no sentido de um estabelecimento de relações amigáveis e da cooperação.

Expressamente confidencial

● **Não tem confirmação** *a notícia, divulgada nos meios parlamentares de que o Engenheiro Ângelo Correia passaria a acompanhar, sistematicamente, o Presidente da República nas suas visitas às diversas municipalidades que lhe dirigiram convites. Consequentemente, é falso que tivesse encomendado uma série de discursos sobre o Poder Local e a intervenção eleitoral dos chamados «independentes», a um conhecido jurista do PS.*

● **Também não é verdade que** *o grupo parlamentar do PSD esteja a preparar um projecto de decreto-lei que sujeitaria a autorização prévia, do Ministério da Administração Interna, as deslocações do Presidente da República.*

● **A Embaixada de Portugal,** *em Maputo, não confirmou que o Presidente Samora Machel tivesse enviado, como presente de amizade, um dente de elefante ao Dr. Freitas do Amaral e uma zebra ao Dr. Marcelo Rebelo de Sousa.*

● **Consta que teriam sido encomendados** *2.000 exemplares do vespertino «A TARDE» pelos serviços de imprensa de Moçambique, e que, os mesmos serviços, estudam a possibilidade de adquirirem os direitos de tradução dos editoriais do jornalista Nuno Rocha.*

● **Podemos desmentir** *que tenha sido encarada a eventual nomeação do general Soares Carneiro para o lugar de embaixador de Portugal em Angola. Os contactos, a nível ministerial, recentes, têm outra explicação. Prendem-se – ao que se diz em São Bento – com uma solução militar para um problema político.*

● **O processo disciplinar** *contra a deputada Natália Correia caminha lentamente, ao contrário do que inicialmente constou. Sabe-se, também, que a escritora hesita quanto ao nome do defensor que designará. Não sabe se deve confiar a sua defesa ao advogado Moura Guedes, que é um poeta, ou a Santo António de Lisboa que já tem feito outros milagres. E, desta vez, Natália Correia, parece estar disposta a quebrar bilhas.*

● **O dr. José Medeiros Ferreira** *aderiu ao grupo fraternal dos Amigos de Santo António. O grupo tem um projecto reformador dos festejos populares segundo uma orientação eanista. Eanes é António, não o esqueçam.*

● **Mário Soares está em Israel.** *Diz-se que, no Rato, se comentava: «O secretário-geral tem grande inclinação para as judiarias». O autor do dito, podemos assegurar, não foi o conspirador António Gutterres.*

Responsável do PSD defende aliança com o PS

O presidente da Câmara Municipal de Trancoso, que é também presidente da comissão concelhia do PSD, declarou-se ontem à ANOP favorável a uma aliança entre o PSD e o PS, designadamente para as eleições autárquicas.

«Se a AD acabasse, a nível nacional, não choraria uma lágrima por causa disso» – afirmou Morgado Baptista, para quem «a AD falhou em muitos campos como Governo, nomeadamente no domínio da inflação».

PS reclama desmentido de Eanes sobre relato feito ao CR

Em comunicado da sua Comissão Permanente, tornado ontem público, o PS contesta as descrições feitas pela RDP-1 e pelo semanário «o jornal» sobre o teor da última audiência do Presidente da República com uma delegação daquele partido, constituída, por Mário Soares, Almeida Santos e Jaime Gama.

Segundo aqueles órgãos de Informação, Ramalho Eanes terá feito na última reunião do Conselho da Revolução um relato completo dessa audiência – efectuada em 26 de Março último – visando demonstrar a falsidade das declarações feitas por alguns do dirigentes do PS, nomeadamente Jaime Gama, durante a Convenção Autárquica do PS realizada no último fim-de-semana, em Almada.

Considera a Comissão Permanente do PS que «a descrição do teor da audiência veiculada em ambos os órgãos de Comunicação Social não só não corresponde à verdade dos factos, como calunia o PS e compromete o nome do Presidente da República numa operação de intoxicação da opinião pública situada ao mais baixo nível da manipulação política».

«O PS – acrescenta o comunicado – que se tem visto impedido de dialogar com o Presidente da República, reclama do general Ramalho Eanes uma tomada de posição pública que desminta de forma inequívoca um conjunto de declarações que são atribuídas ao Presidente da República, e que, por serem destituídas de fundamento real, apenas contribuem para desprestigiar a dignidade da magistratura presidencial».

Na citada descrição da RDP e de «o jornal», refere-se que Soares, Gama e Almeida Santos estiveram de acordo quanto à dupla responsabilidade do Governo perante o PR, e que a composição do Tribunal Constitucional então acordada, previa a designação de parte dos seus membros pelo PR e pelo Conselho Superior de Magistratura.

Ora, posteriormente o PS acordou com a AD formulações substancialmente diferentes das discutidas com Eanes, tendo mesmo o projecto de revisão constitucional subido ao plenário da AR sem que os socialistas tivessem informado o Presidente da República das negociações mantidas com o CDS e o PSD.

Tal facto explica ainda a razão por que em Belém não houve pressa em nova audiência do PR com o PS.

Serviços Municipalizados
Câmara Municipal de Loures

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA

Por imperiosa necessidade de trabalhos de remodelação nas redes eléctricas dos Serviços Municipalizados de Loures, avisam-se todos os consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 4 (domingo) das 7 às 15 horas nas seguintes localidades.

REDE DE 10 KV
— FRIELAS
— SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS
— CIDADE NOVA
— FLAMENGA
— ODIVELAS (QUINTA NOVA E TOJAIS DOS BARROS)

Este corte afectará o abastecimento de água às povoações em causa.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Loures, 1 de Julho de 1982

o Engenheiro Director-Delegado
Casimiro Martins Neves Cabaço

Junta de Freguesia de Unhos

EDITAL

ARLINDO MARTINS DE ALMEIDA, PRESIDENTE DA JUNTA DE FREGUESIA DE UNHOS — CONCELHO DE LOURES, FAÇO SABER:

QUE A PARTIR DA PRESENTE DATA E DURANTE 20 DIAS, SE ENCONTRAM ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA O ALUGUER DE 2 LOJAS — TALHO E CHARCUTARIA NO MERCADO 25 DE ABRIL EM CATUJAL.

AS INSCRIÇÕES FAR-SE-ÃO, NA SEDE DA JUNTA DE FREGUESIA EM UNHOS, OU NA SUA DELEGAÇÃO EM CATUJAL, NAS HORAS DE EXPEDIENTE, ONDE SERÁ FORNECIDO O RESPECTIVO REGULAMENTO.

E PARA CONSTAR, SE PASSOU O PRESENTE EDITAL E OUTROS DE IGUAL TEOR QUE VÃO SER AFIXADOS NOS LUGARES PÚBLICOS DO COSTUME.

UNHOS, 30/6/82

O Presidente da Junta de Freguesia de Unhos
Arlindo Martins de Almeida

Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública

DODS
CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO DE ALMADA
RUA FRANCISCO DE ANDRADE, 22 — 2800 ALMADA

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta empresa, no próximo domingo, 4 de Julho, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

Concelho de Almada: Charneca da Caparica (Charneca da Caparica, Monserrate, Cassapo, Palhais, Casal), Vila Nova da Caparica (Robalo), Costa da Caparica (Qt.ª do Rego de Cima, Espeleque) das 08.30 h. às 14.00 h.; Almada (Camisaria) das 09.00 h. às 11.00 h.; Almada (Interior) das 13.00 h. às 16.00 h.

Concelho de Seixal: Fogueteiro das 07.00 h. às 18.00 h.

Almada, 29 de Junho de 1982.

ELECTRICIDADE DE PORTUGAL
EDP/EMPRESA PÚBLICA
DIRECÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO SUL-ALMCM

José P. R. Nascimento

Às duas da madrugada

Presos do PRP suspenderam greve da fome

— *Eanes tinha apelado para a resolução do caso*

Terminou hoje, às 2 horas da manhã, a greve de fome dos quatro presos do PRP visto estes considerarem que estavam satisfeitas as condições de revisão do seu caso, respondendo assim afirmativamente ao apelo feito ontem pela Comissão de Solidariedade com os Presos Antifascistas (CSPA) para que suspendessem a greve «por estarem criadas as condições mínimas» para tal.

As condições apontadas pela CSPA e que a levaram a fazer o referido apelo são as seguintes:

– anulação definitiva dos julgamentos da Boa Hora, confirmando as suas ilegalidades, com a libertação provisória de Fernanda Fráguas, Isabel do Carmo e Carlos Antunes.

– A concessão de liberdade condicional a João Silva Santos e em seguida a Manuel Mário, Rogério Duarte e Mário Santos.

– A liberdade precária para Vitória Soares, em seguida à sua liberdade condicional.

– A autorização legislativa pedida pelo governo para legislar de imediato sobre o tempo de prisão preventiva o que resultará na sua redução. Desta medida virão a beneficiar Amilcar Romano, João Rodarte, e José Pinto, que no entanto continuarão presos.

–Aceitação pelo Tribunal de Relação do Porto do recurso do Ministério Público mantendo a acusação aos agentes da Polícia Judiciária, respnsáveis por sevícias praticadas sobre militantes do PRP presos.

– Abertura do direito à defesa dos jornalistas da RTP-2 e tomada de posição do ministro da Justiça contra a direcção da RTP, por ter aberto segundo inquérito (o primeiro mandava arquivar os processos).

– Marcação para princípios de Julho da reunião do Tribunal de Estrasburgo, para apreciar as queixas dos presos contra o Governo português.

Eanes empenhado numa solução justa

Entretanto, Ramalho Eanes, tomou uma posição pública em relação ao caso dos presos do PRP, dirigindo um apelo ao Governo e aos presos em geve de fome no sentido de se desbloquear a situação.

A referida posição foi ontem divulgada através de um comunicado lido na Televisão pelo porta-voz de Belém, Joaquim Letria, e cujo conteúdo a seguir transcrevemos:

«O Presidente da República tem acompanhado com preocupação crescente a situação em que se encontram os quatro portugueses que, se mantêm em greve de fome.

«Não cabe ao Presidente da República pronunciar-se sobre a utilização da greve de fome como forma de protesto contra qualquer presumida falta de legalidade. Cabe-lhe, sim, avaliar as consequências que daí resultam ao nível do Estado e dos valores supremos que a ele presidem. Cabe-lhe acima de tudo, garantir que sejam respeitadas as exigências próprias de um Estado de direito democrático.

«O Presidente da República não entende substituir-se aos outros poderes constituidos nem decisões dos julgamentos já efectuados. Mas considera de seu dever próprio e especifico apelar, como, de resto, já o fez, de modo exemplar, o Espiscopado Português, para os poderes públicos competentes e para os detidos em greve de fome, de modo a que se concerte a boa-vontade de todos e se faça o que for necessario e possivel na esfera própria de cada um.

«Entende o Presidente da República que, atraves de tais esforços, a democracia portuguesa se verá enriquecida no respeito da justiça e da liberdade.

«Atento à vontade de todos os cidadãos que, por diversas maneiras têm manifestado a sua preocupação humanitária com o caso dos presos do PRP. O Presidente da República, está pessoalmente empenhado na procura de uma solução ética e politicamente justa.

«De modo a que o seu apelo tenha um significado inequívoco e não dê azo interpretações políticas distorcidas, considera o Presidente da República necessário esclarecer alguns aspectos subjacentes à posição tomada:

«Não pode o Presidente da República deixar de considerar que os crimes de motivação política de que são acusados os presos do PRP decorreram num período da vida do País que teve ainda características próprias de instabilidade institucional.

«Está o Presidente da República convencido de que a tolerância – que é elemento de base da nossa convivência cultural – se deve estender a todas as pessoas e a todos os grupos que ideologicamente se confrontaram nesse período conturbado. É por isso que interpreta os gestos e pedidos que lhe têm sido dirigidos como manifestação do desejo de pacificação nacional.

2. «Entende o Presidente da República que teria sido preferível encontrar em sede própria e com a celeridade conveniente as soluções que se impunham de modo a evitar o recurso a meios extremos.

«Deve referir, contudo, que se encontrou da parte do ministro da Justiça uma empenhada vontade de cooperação no desbloqueamento de uma situação complexa, onde se confrontava a necessidade de respeito pelas normas existentes, por inadequadas que fossem, com as exigências de defesa da dignidade humana.

«Espera, por isso, que as medidas legislativas ora propostas pelo governo e que considera adequadas e urgentes sejam um sinal de que todas as instituições se desejam guiar, na sua actuação, pela dignidade dos princípios cristãos que a Nação, no seu todo, pretende defender e que, ainda na recente visita do Papa o povo português e todos os poderes públicos claramente manifestaram.

3. «Ao formular este apelo, o Presidente da República não pode prometer um perdão fora dos termos e dos limites que lhe são conferidos pela Constituição.

«Está, no entanto, convicto de que o primado da vida como valor absoluto da estrutura social, o respeito pelas garantias e liberdades fundamentais, o espírito de tolerância como alicerce da unidade nacional, a defesa da dignidade do Estado como salvaguarda da plena legalidade que a todos e a cada um é devida, são princípios que nortearão todas as decisões que nos próximos dias virão a ser tomadas.»

UDP apoia suspensão

A UDP, o primeiro partido politico a pronunciar-se sobre a suspensão da greve da fome que Amílcar Romano, há 43 dias, Carlos Antunes, há 24 dias, Isabel do Carmo, há 13 dias e Rodarte de Almeida, há 3 dias mantinham, afirmou esta madrugada em comunicado que «esta importante luta levou ao isolamento do governo reaccionário da AD e à desmontagem do seu carácter fascizante e repressivo».

Amílcar Romano fotografado por Carlos Gil, da revista «Mais», no hospital de Santa Maria, no seu 39.° dia de greve da fome

No referido comunicado a UDP afirma «que dedsde sempre tinha manifestado aos presos antifascistas a sua discordância de entregar a vida dos revolucionários na mão dos carrascos, mas matendo total solidariedade com a sua luta, apoia a suspensão da greve de fome face às vitórias alcançadas».

No entanto a UDP refere que não lhe «oferece quaisquer garantias a posição agora assumida pelo Presidente da República» visto terem sido necessários «quatro anos de cadeia e 43 dias de greve da fome, e ainda um poderoso protesto nacional para que o general Eanes viesse tomar uma posição pública».

Solidariedade

Continuam a chegar até hoje numerosas expressões de solidariedade para com os presos do PRP em greve da fome. Apesar de ultrapassadas pela suspensão desta greve referiremos brevemente algumas delas que atestam o amplo movimento de solidariedade nacional e internacional que o caso PRP despoletou.

O bispo auxiliar de Paris, Monsenhor Daniel Pezeril, numa carta entregue ao embaixador português em França, afirma não deixar de poder associar-se às diligências do Episcopado português a favor dos grevistas da fome e refere que «a emoção profunda provocada em Portugal pelo caso dos grevistas da fome do PRP estendeu-se a França».

Também em França, 2000 participantes de um comício promovido pela Liga Comunista Revolucionária exigiram que «seja aplicada a amnistia aos militantes do PRP detidos».

A exigência da libertação dospresos do PRP e a solidariedade para com estes é igualmente afirmada nas posições da Comissão de Trabalhadores da Metalotabril; do núcleo sindical dos professores do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa; da estruturas dos trabalhadores da Caixa Geral de Depósitos; da Assembleia Municipal de Tavira; da Assembleia de Freguesia de Almada; do conselho editorial do jornal regional «Barcelos Popular», do secretariado do centro «O Trabalho».

O Sínodo da Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal considera que o caso dos presos do PRP se inscreve «no contexto político português onde, desde há algum tempo, se assiste a uma degradação da prática concreta das garantias e defesa dos direitos humanos» e afirma reconhecer «o direito que assiste a todas as pessoas de, em nome do direito à vida, arriscarem a sua própria vida» manifestando aos grevistas da fome do PRP «o seu respeito pela decisão tomada». Ainda na mesma declaração, o Sínodo da referida Igreja apela «aos poderes instituídos para encarnarem no caso presente, e na situação actual, o espírito da grande esperança desencadeada em Portugal com o 25 de Abril».

Também jornalistas da ANOP exigem num abaixo-assinado, que começou ontem a circular, a imediata libertação dos presos do PRP.

Amnistias

As primeiras amnistias surgidas depois do 25 de Abril de 1974 visavam, por razões óbvias, os chamados delitos políticos.

É assim que logo após a «Revolução dos Cravos» é determinada a amnistia que legaliza a libertação dos últimos prisioneiros políticos do regime de Salazar-Caetano.

As sequelas do processo revolucionário vivido em 1974-75 determinam a publicação de uma amnistia em Outubro de 1976 abrangendo «os crimes políticos e as infracções disciplinares da mesma natureza cometidos desde 25 de Abril de 1974».

Os acontecimentos que a determinaram ainda estavam, porém, demasiado próximos e a lei não amnistia os levantamentos militares de 11 de Março e 25 de Novembro de 1975.

Só três anos mais tarde, em Novembro de 1979, é que a Assembleia da República aprova o diploma que passa a ser conhecido por Lei da Amnistia e que abrange, finalmente, os actos insurreccionais de 1975.

A amnistia não extinguia, no entanto, «a responsabilidade civil para com entidades particulares emergentes dos factos praticados».

Desta limitação da amnistia, polémica na sua interpretação, vem a nascer o «Caso PRP», várias vezes nas primeiras páginas dos jornais devido às greves da fome dos militantes presos e às duas derrotas no Parlamento de projectos especialmente redigidos para abranger esses antifascistas.

Também os delitos comuns são alvo de amnistias e, em várias ocasiões, reclusos de penitenciárias do País movimentaram-se para esse efeito.

Em Março de 1981 o Parlamento aprovou uma amnistia para pequenos delitos que veio a beneficiar dezenas de milhares de pequenos infractores e reduzir as penas de algumas centenas de presos.

Em Agosto do mesmo ano é publicado um diploma amnistiando as importações ilegais de veículos automóveis praticados até 31 de Dezembro de 1979 por desalojados das ex-colónias ou emigrantes.

Finalmente, o desejo de assinalar a visita do Papa João Paulo II a Portugal com um perdão geral originou a amnistia ontem publicada no «Diário da República».

Indústria Naval paralisa dia 16

O plenário das comissões de trabalhadores da Indústria Naval, realizado na passada terça-feira, aprovou a realização de uma paralisação durante toda a tarde do próximo dia 16, como forma de protesto contra a política governamental no sector.

Durante a greve, com a ocupação das empresas, uma delegação de trabalhadores irá a Belém entregar ao Presidente da República um abaixo-assinado no qual é exigida a demissão do Governo AD e pela formação de um outro que tenha em conta os interesses dos trabalhadores e do país.

Durante o plenário foi também exigida a aplicação do decreto-lei 345/80 que estabelece o apoio financeiro para o sector e foi decidido marcar para o dia 6 do mês de Novembro o 7.° Encontro de Traabalhadores da Indústria Naval. igualmente aprovada a participação no Encontro Nacional das Empresas Nacionalizadas e Participadas, a realizar na próxima terça-feira, bem como aderir às formas de luta decretadas pelo movimento sindical unitário cujo objectivo seja o derrube do Governo AD.

Lisnave

A greve da Lisnave registou uma adesão quase total e paralisou completamente a produção - disse um elemento da comissão de trabalhadores (CT).

A greve de dois dias dos trabalhadores da Lisnave, que terminou ontem, visa exigir a aceitação do caderno reivindicativo que prevê aumentos salariais de 27 por cento desde 1 de Junho e melhoria das regalaias sociais – precisou o informador da CT.

Acrescentou que os trabalhadores recusam o trabalho extraordinário até segunda-feira e que não permitem a entrada dos empreiteiros durante a greve.

A Lisnave é uma empresa de construção e reparação naval que emprega 7.667 trabalhadores.

Rodoviários foram a S. Bento

Dirigentes da Federação dos Sindicatos Rodoviários (FESTRU) deslocaram-se ontem à Assembleia da República para entregarem aos deputados um documento sobre a situação na Rodoviária Nacional.

Um dirigente da Federação informou que o documento foi aprovado numa reunião de dirigentes e delegados sindicais e membros da comissão e subcomissões de trabalhadores da Rodoviária Nacional.

O documento intitulado «Porque lutam os trabalhadores da Rodoviária Nacional» acusa o Governo e o Conselho de Gerência (CG) da empresa de **desencadearem um ataque global e multifacetado contra a Rodoviária Nacional.**

Acrescenta que esse ataque se tem traduzido na **degradação da situação económica e financeira da empresa,** em **cortes de investimentos fundamentais para melhorar e modernizar os serviços prestados,** na **tentativa de desmembrar a empresa** e de retirar direitos e regalias aos trabalhadores e na recusa em aceitar um aumento salarial.

Depois de analisar aqueles aspectos da situação na empresa, a FESTRU responsabiliza o Governo e o CG pelo conflito na Rodoviária Nacional e manifesta a disposição de suspender as formas de luta previstas se a gerência aceitar manter a redacção de algumas cláusulas contratuais do acordo de empresa em vigor.

Dirigentes sindicais foram a S. Bento

Manifestação no dia 15

Trabalhadores vão responsabilizar os deputados pelas consequências da revisão constitucional

Ontem, no Teatro Aberto, esteve reunido, durante grande parte do dia, o Plenário de Sindicatos da CGTP. Durante os trabalhos foi aprovada a realização de uma concentração-manifestação para o próximo dia 15, em S. Bento. Inovação, apenas o pedido de dissolução da Assembleia da República «cuja composição já não corresponde nem à realidade do País nem à vontade dos trabalhadores e do povo». Aspecto mais positivo: a elevada participação das mulheres que averbaram mais de 44 por cento das intervenções dos delegados.

Delegados votaram por unanimidade a moção sobre a revisão constitucional

Se os deputados socialistas não juntarem os seus votos aos da «Aliança Democrática» por forma a conseguirem fazer passar o actual projecto de revisão constitucional naquilo que a CGTP considera a questão fundamental, ou seja, a organização do poder político, isso **«será bom para o PS, para os trabalhadores e para o País».** Daí a escolha do local da manifestação-concentração a realizar, às 19 horas, do próximo dia 15, ter recaído em S. Bento e não em Belém como chegou a ser inicialmente proposto.

Os trabalhadores querem fazer ouvir a sua voz junto dos deputados, principais responsáveis pelas alterações do texto constitucional. E não é que Belém, ou seja, o Presidente da República, seja algo de «intocável». Mas será esta **«etapa necessária»** no momento actual, como disse Armando Teixeira da Silva, secretário-coordenador da central sindical, porque «é na Assembleia da República que decorre a revisão do texto constitucional que, actualmente encerra os maiores perigos para a democracia».

E no final da manifestação, como também ficou aprovado, uma delegação de trabalhadores deslocar-se-á a Belém a fim de entregar ao Presidente da República um conjunto de exigências e reivindicações que podem permitir o desbloqueamento da actual situação do País. A Eanes, afinal, e mais uma vez, a última instância.

Instabilidade

O Governo da AD tem afirmado repetidamente que uma das razões que justificam a necessidade de se proceder a uma rápida revisão constitucional, será a de estabilizar e pacificar a sociedade portuguesa. Como se coaduna então tal «preocupação» com a anunciada alteração da legislação laboral, com a prometida (aos empresários) nova lei de delimitação dos sectores ou com as mexidas na Lei da Reforma Agrária?

Tudo isto, adiantaria Teixeira da Silva, **«vai criar um grave clima de instabilidade e ruptura».**

Incógnita, irá ser a forma que o Partido Socialista terá de encontrar para explicar aos seus militantes e eleitores a sua participação e o seu acordo com tudo isto. Também, assim se justifica S. Bento. A posição dos deputados socialistas será, inegavelmente, determinante.

O secretário-coordenador da CGTP alertou também a campanha que, desde já, poderá ser lançada contra esta manifestação. **«Mas se a Assembleia da República não funcionar nesse dia, a responsabilidade não será nossa».** E reafirmou o direito de o movimento sindical fazer ouvir a sua voz e de imputar aos deputados os custos que, para os trabalhadores e o País, advirão da aprovação de um tal projecto de revisão.

E para contrariar a tese governamental da estabilidade adianta a moção sobre a revisão da Constituição aprovada, por unanimidade, no Plenário: **«Tais alterações são de molde a provocar grande desestabilização e toda a espécie de manobras antidemocráticas no plano militar e a agravar a instabilidade política com o recrudescimento de conflitos institucionais entre órgãos de soberania – o que é contrário aos objectivos de consolidação da democracia e do desenvolvimento económico para a satisfação das necessidades básicas da população».**

Dissolução da Assembleia

Uma inovação foi agora introduzida nas reivindicações da central sindical: o pedido de dissolução da Assembleia da República **cuja composição não corresponde nem à realidade do País nem à vontade dos trabalhadores e do povo.**

Tanta certeza não terá provavelmente o Presidente da República e daí, talvez, o seu silêncio e um certo imobilismo. Mas Armando Teixeira da Silva não deixou passar o **desabafo** de um delegado presente que chegou a afirmar: «Já sabemos que Ramalho Eanes não vai demitir o Governo antes da revisão constitucional». Por isso reafirmou a força do movimento popular de massas e sublinhou a necessidade do reforço e consolidação do movimento sindical unitário a **fim de ser possível levar a cab todas as acções que nos propomos realizar.**

De salientar ainda o abismo que separa a CGTP da UGT. A nível do Secretariado, apenas Teixeira da Silva se lhe referiu com um **remoque** a Torres Couto por já ter sido (segundo afirmações próprias) enganado cinco vezes pelo Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão. Mas da parte dos delegados presentes tudo foi diferente. A UGT foi citada inúmeras vezes com exemplos sobre a forma como actuam nas empresas muitos dos seus filiados. «Divisionistas», e «lacaios do patronato» foram, entre outros, alguns dos qualificativos utilizados. **Para que chegue a haver alguma aproximação entre a CGTP e a UGT é preciso que esta mude... e muito,** dizia-nos um dirigente da central sindical. E o que é certo, e apenas com dados conhecidos do domínio público como foram as acçõess daquela organização sincial durante as greves gerais de 12 de Fevereiro e de 11 de Maio, é que a UGT tem, pelo menos, que adoptar uma ética sindical paralela àquela que é apanágio de centrais sindicais com as quais diz ter afinidade a nível internacional.

«Caso PRP»

Além de uma moção apoiando o Encontro das Empresas Nacionalizadas e Participadas e de uma outra contra a política da saúde prosseguida pelo actual Governo, foram também apresentadas, em alternativa, duas outras sobre o chamado «Caso PRP» – uma da responsabilidade do Secretariado Nacional e outra subscrita pelos sindicatos das Carnes do Sul, Livre dos Pescadores, e Calçados de Aveiro e Coimbra.

Uma pequena polémica surgiu então. Estes três sindicatos reivindicavam uma posição **mais materializada** da parte da CGTP e pretendiam que a central incluísse a libertação dos presos do PRP no seu caderno reivindicativo. Foi aprovada, com dois votos contra, a moção do Secretariado.

O chamado «Caso PRP» parece, felizemente, estar em vias de ser ultrapassado. Mas o que não queremos aqui deixar de sublinhar são as atitudes menos correctas, **diríamos mesmo levianas,** que ao nível das chamadas «bocas» tivemos ocasião de ouvir por parte de alguns delegados presentes, em oposição, diga-se, à actuação verdadeiramente responsável dos mais altos dirigentes da CGTP.

No «Caso PRP», como já tantas vezes foi dito, estava em causa a forma como tantas vezes tem sido exercido o poder judicial no nosso País. A exigência da dignificação e da independência da actuação dos tribunais deve ser pedida por todos. Se apenas por divergências ideológicas nos calamos, quem estará amanhã sentado no banco dos réus?

Áurea Sampaio

A BARCA SEM OS CORVOS

S. Bento

Neste momento de revisão constitucional as atenções do País dirigem-se para o Palácio de S. Bento.

Agora, pela televisão, os portugueses têm frequentes imagens do hemiciclo, dos Passos Perdidos, do exterior (sobretudo quando há manifestações várias...). Dantes não; só quando houve grandes manifestações ao Salazar é que os jornais e o cinejornal (coisa que as novas gerações já só conhecem por ouvir dizer!) mostravam o exterior. Pudera! lá dentro não se passava nada; não havia que chamar as atenções para as funções possíveis daquele casarão.

Brasília, grande gesto de contrapoder. Já as muralhas imperiais do castelo (Kremlin) moscovita não inspiram a mesma imagem... As Houses of Parliament, reflectindo no Tamisa a sua impressionante mole neogótica, formam um centro visível senão já de um império, pelo menos de um Commonwealth para onde podem olhar saudosamente, mas com certa dignidade.

Montecitório está ali no centro mesmo do barulho e da agitação romana; uma localização que sugere, inevitavelmente, o mexerico, a «combinazione», o pulsar da agitada participação na vida política transalpina.

É um mundo, aquele edifício. Remodelado por Ventura Terra o velho convento beneditino ficou cheio de remendos e fantasmas como a Torre do Tombo, nas antigas cavalariças. Da sua pompa pesadona e das suas obras de arte um pouco incongruentes foi guardião e cultor, durante muito tempo, Joaquim Leitão (que ainda conheci, espécie de segunda via de Júlio Dantas, gordo, baixinho e solene, perambulando pelos corredores desertos, e pelas pouco utilizadas salas).

Ora, os edifícios têm uma certa «simbólica» associada não só à sua forma estritamente arquitectónica, como também à sua localização urbanística.

Edifícios deste carácter têm enquadramento que, só por si, dizem muito. Por exemplo, em Deli, o palácio do Vice-Rei inglês ao fundo de uma vastíssima avenida ladeada de edifícios governamentais, esmaga pela grandiosidade do enquadramento e impõe ao súbdito indígena toda a grandeza do Raj, o domínio, a autoridade, o império, a Pax Britânnica. Ou antes, impunha...

O traçado do centro de Washington, devido a l' Enfant, apresentando o Capitólio, a Casa Branca, os grandes ministérios e Agências federais uns aos outros, figura com grande largueza a proclamada limpidez dos jogos de poder e clamatório e algo vazio, tem a escala visual apropriada à devoradora ambição brasileira.

E S. Bento?

A implantação de S. Bento é, felizmente, à nossa escala.

Uma escadaria monumental vai dar à paragem do eléctrico (o 23 que passa por Gomes Freire); dois grandes leões de pedra olham com melancolia para o ferro-velho, a loja de mobílias e a tasca. Nas esquinas próximas, não se sente o movimento frenético dos centros governamentais, nem o perfilar de fuzileiros e guardas especiais; apenas a cálida e dolente presença de representantes (não diplomáticos) da África de língua portuguesa. Em vez de largas perspectivas imperiais, traseiras e roupa a estender.

Assim, os nossos legisladores, se tiverem bom-senso e souberem ler os sinais da cidade, devem perceber que têm sempre diante de si o Povo modesto e simples, que olha para a sua acção e comportamentos bem de frente, sem se deixar intimidar, distrair ou deslumbrar por qualquer tentação que lhes dê de se julgarem noutro (e acentuo **noutro**) qualquer país. Seriam então tão incongruentes e ridículos como a pesadona fachada de Ventura Terra, confrontada com escárnio e ironia pelo modesto casario da encosta das Mercês.

J. P. Martins Barata

Ministro francês da Defesa em Lisboa

Está desde hoje em Lisboa, para uma visita oficial de três dias, o ministro francês da Defesa, Charles Hernu. Vem corresponder a um convite do seu homólogo português, Freitas do Amaral.

Nas conversações a haver com as autoridades portuguesas, Charles Hernu deverá abordar as perspectivas de cooperação no domínio do armamento e da defesa entre os dois países, as consequências da entrada de Portugal na NATO, e o acordo sobre a base na ilha das Flores, nos Açores.

A França tem instalada na ilha das Flores uma estação d rastreio e telemedida destinada a acompanhar as trajectórias de engenhos balísticos sem ogiva nuclear.

Ao abrigo do acordo existente, que expira em Janeiro de 1984, a França presta auxílio à Região Autónoma dos Açores, entre outros domínios, no saneamento básico, energia, e trabalhos oceanográficos, sendo o valor desse auxílio, no corrente ano, da ordem dos 32 milhões de escudos.

A Comissão de Assuntos Internacionais da Assembleia Regional dos Açores emitiu recentemente um parecer no sentido de o acordo ser denunciado quando chegar ao seu termo.

O objectivo é negociar novo acordo em que sejam maiores as contrapartidas para a Região, e diferentes os moldes da sua implementação, bem como uma maior paridade na representação da região na Comissão luso-francesa que executa o acordo.

Enquanto em Portugal, e para além das conversações com o vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa, Freitas do Amaral, Charles Henru deverá avistar-se com o Presidente da República, o Primeiro-Ministro, o ministro dos Estrangeiros e o chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas.

A "amnistia" papal

«Olhe ó meu! Pode dizer-me o que é amnistiar-me?» – eram dez horas no terceiro andar do Tribunal da Boa Hora e o jovem adolescente que «subscrevia» a interpelação ao autor desta crónica acabara de sair da sala de audiências do 6.º Juízo Correccional. Juízo onde também nós éramos réus num delito de «abuso de liberdade de Imprensa».

Observámos com atenção o adolescente: rosto marcado, «blue jeans», camisola de alças de um rosado amarelecido, um crucifixo minúsculo a pender do pescoço magro. «Amnistiar-me, pode explicar-me o que é?». A pergunta de novo, agora numa voz mais agreste.

Explicámos-lhe. Era o perdão oficioso de um delito. De uma condenação face à lei vigente.

Ainda corrigimos, soletrando «amnistiar» e não «amnistisiar». Mas para o nosso interlocutor o mais importante era a liberdade trazida nas palavras. Ainda que essa liberdade tivesse como expressão (próxima) o retorno à Musgueira e não o ingresso na Cadeia de Monsanto. A força da visita papal. E não a «expressão» temporal da realidade portuguesa. Uma bênção (de certo modo «divina») e não um direito de cidadania que à Constituição (ainda vigente) assiste.

«Ó meu» «amnistiar-me», mas com certeza. Pois se a «revisão» constitucional está cada vez mais perto e a Musgueira existente à luz do Poder está cada vez mais viva!...

Manuel Geraldo

TLP INFORMA

SERVIÇOS ESPECIAIS

ALTERAÇÃO DE NÚMEROS DE TELEFONE

No dia 3 de Julho ficam alterados os números de telefone de alguns serviços especiais.
Esta alteração de ordem técnica, faz parte de um conjunto de medidas que têm vindo a ser implementadas em ordem à melhoria da rede telefónica que serve a área de Lisboa.

Para se obter ligação para os seguintes serviços: **informações de Lotaria e Totobola, informação e marcação de chamadas internacionais, informação, reclamações e comunicações para países extra-europeus, telegramas telefonados (via Marconi) e comunicações para bordo de navios atracados no Porto de Lisboa,** deve consultar-se a tabela de alterações que abaixo apresentamos.

SERVIÇO	N.º ANTIGO	NOVO N.º
INFORMATIVO		
Lotaria e Totobola	14111	141
INTERNACIONAL		
Pedido de marcação de chamadas	329511	3295
Pedido de Informação	329311	3293
INTERCONTINENTAL		
Comunicações para os países extra europeus	329911	3299
Informações e reclamações	329011	3290
Telegramas telefonados (via Marconi)	329811	3298
Comunicações para Barcos atracados no Porto de Lisboa	113	3292

CIESA NCK

TELEFONES DE LISBOA E PORTO

As Florestas são uma riqueza nacional.
Colabore com a sua atenção e vigilância na defesa desta riqueza.

NÃO FAÇA LUME
PROTEJA AS FLORESTAS

Palavra cristã de Ribamar

A súbita riqueza dos pescadores...

Olhar murcho, confessa-se triste com o rumo que a população de Ribamar está a seguir: directo ao materialismo mais grosseiro. Dois mil habitantes, mais ou menos, tem a povoação de que Manuel Filipe é presidente de Junta, terra de pescadores e camponeses, mais inclinada para a pesca (de onde lhe vem o dinheiro) do que para o campo, um acessório na sua economia. Diz-se católico progressista, «à esquerda do PS», *o que não impediu de ter sido eleito numa lista apresentada por aquele partido. Lucidamente critica:* «O dinheiro veio cavar a divisão entre as pessoas, criando um espírito egoísta e individualista.»

No mar veio o desafogo económico...

Sobre o fenómeno de ascensão, da súbita riqueza dos pescadores de Ribamar, falámos demoradamente, numa das dependências da Casa do Oeste, organização católica, considerada subversiva pelo regime que o 25 de Abril derrubou. *«Há aqui casos escandalosos de gente que troca de mobília quase todos os anos para não ficar atrás do vizinho. Surgiu um novo tipo de sociedade, cuja evolução cultural não acompanhou o sucesso económico . . .»* Efectivamente, a povoação cresceu em casas, pastelarias, cafés, comodidades que o dinheiro proporciona. Perdeu, no entanto, o sentido de comunidade. Desuniu-se no afã competitivo, no querer superar os outros nas casas, nos carros, na mobília, no luxo.

«Vão pelo supérfluo, o que mostra o atraso cultural», reconhece Manuel Filipe, homem virado para dentro, empenhado na mansidão do convívio, no respeito pelo semelhante. Aprendeu provavelmente na Acção Católica, a que pertence desde os catorze anos (tem quarenta), a palavra cristã. A autêntica, fiel aos princípios de Cristo que não admite a exploração do homem pelo homem, ponto em que aproxima do marxismo, doutrina condenada pela Igreja tradicional. *«A Bíblia nunca disse que a terra deveria ser entregue a alguém em particular. Deus entregou-a ao homem para que este a pusesse ao serviço de todos.»*

Libertação

À entrada da Casa do Oeste, um conjunto de pavilhões prefabricados, à volta de um edifício em pedra e cal, está uma placa de azulejos onde se recorta a figura do papa João XXIII, quase irreconhecível (o artista não deveria ter grande queda para o desenho), acima de uma transcrição da Encíclica Mater Magister: *«Os trabalhadores da terra devem sentir-se solidários uns com os outros . . .»* Rege-se, actualmente, a Igreja, pelos preceitos do Evangelho? Nem de perto nem de longe. *«Ao longo dos séculos foi-se desviando do caminho traçado por Deus que preconizava a libertação social do homem. Infelizmente o clero, salvo raras excepções, aliou-se ao poder temporal e todos que procuram seguir o Evangelho são rotulados de comunistas.»*

A incompatibilidade entre o cristianismo e o marxismo, para Manuel Filipe, reside mais na aplicação do projecto de sociedade do que no próprio projecto em si. Diz respeito mais aos meios do que aos fins. A eterna questão: o poder corrompe e a carne é fraca. Morte aos românticos, tudo pelo pragmatismo. Entretanto vive-se: *«Vivemos numa sociedade cheia de defeitos. A corrida aos armamentos é uma loucura, um pavor. Urgia, por outro lado, criar-se uma Nova Ordem Económica Internacional.»*

Admirador de Maria de Lourdes Pintasilgo e dando a impressão de se situar na mesma área ideológica, Manuel Filipe lamenta que o 25 de Abril, *«uma das coisas mais importantes da sua vida»*, se tenha limitado ao económico, sem se estender ao cultural. *«Sem uma revolução de mentalidades, nada muda . . .»*

Figura frágil, quase ascética, Manuel Filipe levou-me a ver as obras do edifício onde irá funcionar o Centro Social de Ribamar, nascido há dez anos. *«A construção, devido a diversos factores só começou em Janeiro e foi adjudicada por 24 mil contos. Mas com as alterações do projecto e a revisão dos preços deve ultrapassar os trinta e dois mil . . .»* Referiu-se, igualmente, ao Centro Cultural que já possui uma escola de música com 146 alunos, adultos e crianças. *«Estamos a organizar um grupo coral e uma fanfarra de marionetas.»* Menciona, ainda, o centro de dia para a 3.ª idade, o centro clínico, o jardim de infância e o pavilhão gimnodesportivo ainda no papel.

Em sobreiro, altar e Cristo, restituem à capela da Casa do Oeste, os valores antigos da modéstia, da simplicidade.

Compreendi, ali, na visita a esse lugar de recolhimento, quais as intenções do Movimento da Acção Católica Rural. *«Trata-se de um movimento que pretende imbuir de espírito cristão toda a transformação da mentalidade rural. Quando inaugurámos o primeiro pavilhão da Casa, a pide encomendou à sua delegação de Peniche um relatório sobre o acontecimento, para nos controlar. O nosso programa referia-se à cooperação e isso para eles era subversivo. Estamos plenamente de acordo com uma Reforma Agrária a nível do latifúndio e do minifúndio. O ideal seria fazer-se uma agricultura de grupo . . . mas temos de contar com o individualismo do camponês. Entretanto há que reestruturar e encontrar caminhos que tornem a agricultura mais rendível.»*

Volta à abordagem do «desvio» da juventude, no momento uma das suas obsessões. *«Já chegou ao ponto de se injectarem. Na festa acontecem sempre cenas de pancadaria entre os drogados e os conjuntos. Isto, nas zonas piscatórias, é um problema . . . Não têm nada que lhes dê felicidade, então procuram o aturdimento, o paraíso artificial através da droga.»* Eis a sua leitura.

Pegada a Ribamar existe uma praia selvagem, onde os namorados se escondem dos olhares incómodos e recriminatórios e os praticantes do nudismo se isolam. Chama-se Valmitão, onde técnicos alemães descobriram propriedades geotérmicas, boas para tratamentos reumáticos, coração e ossos. *«Poderia vir a ser uma estância turística»*, no entender de Manuel Filipe.

Este país está a mudar. Os políticos ainda não perceberam?

Lourdes Féria

ADMISSÃO DE PESSOAL

CONCURSO PARA PORTEIRO E/OU GUARDA DE 2.ª CLASSE

Torna-se público que por deliberação de 02 de Junho do corrente ano, está aberto concurso para preenchimento do lugar de:

PORTEIRO E/OU GUARDA DE 2.ª CLASSE

OFERECE-SE:

— Remuneração de acordo com a correspondente letra da tabela de vencimentos da Função Pública e as mesmas regalias sociais aplicáveis aos restantes trabalhadores da Câmara Municipal (Letra T — vencimento 12.800$00).

— Possibilidade de ingresso no quadro após período experimental.

EXIGE-SE:

a) — Nacionalidade Portuguesa; b) — idade não inferior a 18 anos; c) — sanidade mental e física para o desempenho do cargo; d) — ausência de pena disciplinar; e) — cumprimento dos deveres militares ou de obrigação de serviço equivalente; f) — escolaridade obrigatória; g) — Bilhete de Identidade válido.

MODO E PRAZO DE CANDIDATURA:

Os requerimentos de admissão ao concurso dirigidos ao Presidente da Câmara em papel selado e com indicação do endereço, devem ser acompanhados dos documentos comprovativos do preenchimento dos requisitos atrás referidos e de todos os elementos eventualmente revelantes para apreciação da candidatura.

No entanto os candidatos são dispensados da apresentação dos documentos comprovativos dos requisitos referidos nas alíneas a), d) e f) se declararem no mesmo requerimento, sob compromisso de honra, que preenchem aquelas condições, assinando então sobre uma estampilha fiscal de 100$00.

Os requerimentos devem dar entrada na Secretaria Geral da C.M.B. no prazo de 30 dias após a data deste aviso.

Barreiro, 17 de Junho de 1982

O Presidente da Câmara
Hélder da Silva Nobre Madeira

informação
CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO

Serviços Municipalizados
Câmara Municipal do Concelho de Loures

EDITAL

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DE REDE DE ESGOTOS DE CARCAVELOS, LOUSA — 1.ª FASE.

Faz-se público que, por deliberação do Conselho de Administração de 4 de Junho, se encontra aberto concurso, pelo prazo de vinte dias contados a partir do primeiro dia útil seguinte ao da publicação deste edital no Diário da República, para arrematação da empreitada designada em epígrafe, nos termos do caderno de encargos e programa de concurso que se encontram patentes nestes Serviços Municipalizados, todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

Preço base de Esc: 4.500.000$00.

O depósito provisório que será efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações ou outra instituição prevista por lei é de Esc. 112.500$00 e o definitivo é de cinco por cento sobre o valor da adjudicação.

Os concorrentes devem estar inscritos como empreiteiros de obras públicas na 4.ª subcategoria da V categoria ou na V categoria e na classe correspondente ao valor da proposta ou superior, provando-se a titularidade do alvará pela indicação na proposta, do respectivo número, categoria ou subcategoria e classe e pela sua exibição sempre que exigida.

A abertura das propostas, realizar-se-á às 15 horas do primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio numa das salas do edifício sede destes Serviços Municipalizados e perante a comissão para esse fim nomeada.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Loures, 7 de Junho de 1982

O Engenheiro Director-Delegado
Casimiro Martins Neves Cabaço

S. R.

Serviços Municipalizados
de
Câmara Municipal do Barreiro

FISCAL TÉCNICO DE OBRAS DE 2.ª CLASSE

(Se os candidatos admitidos a este concurso não corresponderem ao perfil de exigências habilitacionais, poder-se-á, de entre os mais habilitados, seleccionar um Fiscal de Águas e Saneamento).

EXIGE-SE:

Curso de construtor civil ou equiparado (Curso Complementar de Formação Profissional)

PREFERE-SE:

Com experiência de Obras de Águas e Saneamento; Serviço militar cumprido.

OFERECE-SE:

Vencimento: 18.800$00
Subsídio de alimentação: 1.200$00
Estabilidade de emprego
Todas as outras regalias da Função Pública.

Aceitam-se inscrições no Departamento de Pessoal, até ao dia 23 de Julho de 1982.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal do Barreiro, aos 1 de Julho de 1982.

O Presidente do Conselho de Administração
(Alfredo Rodrigues de Matos)

Dossier homicídio

Quem mata e porque se mata: um quebra-cabeças com várias respostas

O homem isolado não mata, mata-se. O homicídio é uma realidade social, um contributo a pagar pela necessidade de vida em comum.

A ideia de se erradicar da sociedade a morte voluntária do homem por outro homem , afigura-se-nos não passar de utópica pretensão, embora importante pela carga humanística que transporta, pelos esforços positivos que desencadeia, válidos na contenção desse tipo de violência, na análise das causas e estudo de medidas que a previnam.

A morte violenta, o homicídio, parece ter acompanhado o homem desde o seu aparecimento como animal erecto, se é que não se trata de herança dos seus antepassados na escala evolutiva de que proveio. Já a Bíblia no seu primeiro livro, o Génesis, por nós tido em alto apreço pelo seu elevado valor poético, se refere a um caso de morte, logo na segunda geração da humanidade: «E falou Caim com seu irmão Abel; e sucedeu que estando eles no campo se levantou Caim contra o seu irmão Abel, e o matou».

Condenado por todas as religiões de certa projecção, excluindo as pequenas seitas sem significação, o homicídio tem sido praticado em nome dessas mesmas religiões, atingindo em certas épocas históricas proporções de autênticas carnificinas que mancharam por milénios a pureza das mensagens que estiveram na origem desses movimentos místicos.

Não consta que haja alguma religião, antiga ou moderna, que se tenha subtraído à predestinação de matar os homens para lhes salvar as almas, ou impor pela violência e pelo ódio a paz e o amor apregoados e enaltecidos como objectivo e fim do credo em que militam.

Durante milénios, a eliminação física dos seres humanos foi encarada com maior ou menor tolerância em função da pessoa que matava e da que morria. Por vezes consideravam-se as causas antes da aprovação ou reprovação. Quando a sociedade se começa a organizar fixa normas de conduta aos indivíduos que a compõem, cria penalizações para os infractores, por regra a pena de Talião: morte por morte. Como o agente era considerado inteiramente dono da sua vontade e o acto um produto dessa vontade, sobre ele incidia todo o peso do castigo mais como vingança, desforra ou desafronta do que como equitativa punição.

O delinquente causa ou efeito?

Só nos fins do século XIX as ciências se debruçam sobre a personalidade do delinquente, procurando descobrir o que neles determinava a prática dos actos reprováveis. Se agiam sob acção de forças atávicas a que se não podiam subtrair ou se pelo contrário, como se pensava até ali, eram livres de agir mal ou bem, inteiramente responsáveis. A estes esforços seguiram-se outros tendentes a esclarecer a influência de factores externos na criminalidade: sociais, geográficos, económicos, educacionais, éticos e até climatéricos. Não só na delinquência como na conduta geral do indivíduo que seria assim um substracto dos dois factores para os quais se criaram logo dois palavrões técnicos: endógenos e exógenos (internos ou de que é portador e externos, que actuam sobre ele a partir de fora).

Desde então o comportamento do transgressor começou a ser analisado a outras luzes e a legislação penal passou a considerar todos esses factores e a aceitá-los como passíveis de limitar a vontade dos indivíduos, revendo-se toda a regulamentação das penas, até aí vigentes.

Não nos alongaremos nem aprofundaremos a matéria para além do objectivo em vista: um afloramento para o comum dos leitores dos factores determinantes do homicídio bem como de generalizações dos trabalhos de criminologistas, sociólogos e legistas. Pretendemos apresentar uma panorâmica sem pretensões de esgotar o tema ou revelar verdades absolutas que em ciências de tal natureza não há postulados.

Com frequência teremos o apoio de vários profissionais e especialistas relacionados com o fenómeno crime em especial o homicídio: desde polícias a autores confessos de assassínio, de advogados a juízes, de assistentes sociais a jornalistas, de oficiais de diligências a carcereiros.

Não seguiremos um plano fixo, nem estamos a escrever o prefácio de um trabalho já concluído. Preferimos optar por um esquema livre, sujeito apenas à sequência que os temas impuserem em relação uns aos outros, a influências que eventuais acontecimentos pontuais exerçam na altura e até às inflexões propostas por algum leitor mais interessado. Será um trabalho elaborado aos poucos seguindo a periodicidade da publicação, numa conversa despretensiosa que até se pode transformar em diálogo.

Homicídio: uma rotina

Aumentou nos últimos tempos o número de homicídios voluntários provocando um certo alarme e, em contrapartida, perderam o lugar privilegiado que sempre tiveram nos órgãos de Comunicação Social. A morte violenta de alguém, há anos atrás, mesmo que não fosse acompanhada de circunstâncias especialmente impressionantes ou chocantes, levava os jornalistas a escreverem grandes crónicas, acompanhando a par e passo com o máximo pormenor as diligências policiais. Chegavam a escrever autênticos folhetins que durante dias e dias ia satisfazendo a curiosidade mórbida do pacato cidadão. Hoje, mesmo os casos mais graves de homicídio vão para as páginas interiores e, por vezes, pouco mais de meia dúzia de linhas lhe destinam.

Por vezes o corpo de um desconhecido aparece num local ermo. A máquina policial põe-se em movimento: identificar a vítima, determinar as causas da morte e identificar os responsáveis; é o objectivo imediato.

O homicídio entrou assim francamente na ordem do dia e desde o marido que mata a mulher por infidelidade ao motorista de táxi que é abatido para lhe roubarem um par de contos, toda uma gama de diferentes casos são considerados mera rotina nas redacções dos jornais, sujeita a ser retirada da paginação para dar lugar a qualquer outra notícia considerada «importante». Raramente um jornalista é enviado a qualquer localidade fora daquela onde trabalha para fazer a cobertura de um caso de homicídio, salvo se essa morte tiver conotações políticas.

Segundo o nosso velho Código Penal, datado de 16 de Setembro de 1886, várias vezes cosido e remendado, em vésperas de ser substituído por um novo do dr. Meneres Pimentel, segundo pare e inspirado num projecto do catedrático coimbrão, Eduardo Correia, que nos seus poucos meses de ministro da Justiça não teve tempo de o dar à luz. Segundo o velho código, dizíamos, comete homicídio voluntário qualquer pessoa que «voluntariamente» mate outra.

Ora em termos biológicos, a pessoa humana só existe no momento em que se verifica o parto, quando a vida do novo ser se desliga da mãe deixando de depender do organismo dela e ganha autonomia orgânica e funcional. O atentado contra o novo ser antes do parto é considerado aborto, tema que mais adiante merecerá a atenção deste «Dossier», dado o escaldante interesse que vem merecendo em muitos sectores de vários países, incluindo o nosso.

Do ponto de vista técnico os legalistss dividem o homicídio voluntário em simples e qualificado. Naturalmente não nos iremos debruçar sobre os homicídios involuntários por estar fora do esquema a que nos propomos. Da acção do agente tem de inferir-se que o mesmo queria a morte da vítima. Só da sua conduta se pode ajuizar da intenção, porquanto não é, felizmente, possível saber o que o indivíduo tinha na verdade em mente quando executou todos os actos de que resultaria a morte. Também e do mesmo modo é exigível que haja entre os actos praticados pelo agente e a morte da vítima uma relação de causa a efeito: nexo de causalidade

O homicídio voluntário será por Lei qualificado, para agravação das penas em função; da qualidade da vítima, da natureza dos factos praticados e quanto à culpa do agente.

No primeiro caso refere o chefe do Estado, os componentes do Governo deputados à Assembleia da República, autoridades administrativas, policiais e outras que já se não usam, como presidente e procuradores à Câmara Corporativa. Agravado também neste preceito quando a vítima é ascendente, pai, mãe, avós mas não o é quando se trata de descendente, filhos, netos, etc. Parece mesmo que quem perfilhou esta lei tinha filhos mas não teria pai...

Qualificados em segundo lugar: roubo concorrendo com homicídio, fogo posto de que resulta homicídio, descarrilamento com o mesmo resultado, homicídio resultante de castração e resultante do abandono de vítima de acidente de viação.

No terceiro e último parágrafo, agravam-se os homicídios premeditados, os acumulados com outros crimes e os acompanhados de torturas ou crueldade. Por atenuação da pena, quando o homicídio é antecedido de provocação da vítima e nos casos de infanticídio, se prove haver sido cometido para ocultar a desonra.

Para se considerar a existência de premeditação, terá de se verificar que o agente do crime, tinha pensado e resolvido praticar o crime com pelo menos vinte e quatro horas de antecedência.

Dias Brito

No próximo sábado: Porque se mata e como se mata

O advogado e o crime

Depoimento de um profissional da investigação criminal com cerca de trinta anos de actividade. Convidado a referir uma experiência no âmbito dos homicídios, disse:

Tinha poucos anos de serviço e fui chamado para trabalhar num caso de homicídio ocorrido nas proximidades do Barreiro. Chefiava o grupo de trabalho, o já falecido chefe de brigada Afonso, mais precisamente, António Augusto Afonso, um transmontano de pequeno físico mas com grande experiência e aguda perspicácia. Vinha já do tempo da Polícia de Investigação Criminal que antecedeu a Polícia Judiciária.

A história resume-se assim:

Um operário da CUF no Barreiro, entrou ao serviço como habitualmente às oito da manhã. Meia hora depois começa a sentir fortes cólicas e como não passasse, pelas nove horas é metido numa ambulância para o hospital de S. José em Lisboa onde morre horas depois no meio de atrozes agonias.

A autópsia revela intoxicação por arsénico em forte dose. Segundo os peritos de medicina legal a ingestão ter-se-à verificado entre uma a duas horas antes de começarem as dores. Portanto entre as seis e meia e as sete e meia da manhã.

Prova-se que se levantou e por volta das sete horas comeu as habituais papas de farinha preparadas pela mulher. Às sete e meia sai e como todos os dias vai na companhia dum vizinho e colega até à fábrica. Não entra em parte alguma e dentro da fábrica não pode, por não haver onde, ingerir outra coisa que não fosse água, de que todos bebiam e alguns beberam.

Em casa além da mulher vivia o filho comum, com 20 anos que se dedicava a uma preguiçosa vadiagem consentida pela mãe. Nunca se levantava cedo e por volta das onze horas comeu das mesmas papas, que a mãe prepara às sete horas.

A mulher da vítima, tinha comprado dias antes um pacote de raticida, que diz ter gasto em ratos, de que nunca falara nem os vizinhos deram pela sua existência. O próprio filho, poucos dias depois quando a mãe lhe recusou dinheiro para extravagâncias acusou-a da morte do pai, causando burburinho no local que obrigou à intervenção de uma patrulha da Guarda Republicana a cavalo e constataram essa acusação.

Não havia qualquer motivo para suicídio por parte da vítima. Não manifestou nada que fizesse supor tal hipótese e mesmo apesar das dores tentou continuar com o serviço na fábrica até ser forçado a desistir pelos companheiros.

Deste modo, pela hora da ingestão do veneno, pela pessoa que lhe preparou a comida e não haver mais ninguém com acesso ao alimento entre o momento em que foi preparada até ser ingerida e ainda por outros factos de menor preponderância, era evidente ter sido a mulher a autora do envenenamento. A agravar ainda as suspeitas um certo comportamento social que a não abonava.

Na verdade nunca confessaria o crime, mas as provas existentes permitiram o despacho de pronúncia.

Viria a ser absolvida no Tribunal do Montijo, não sem que o corregedor que presidiu tivesse dito: «Eu sei que você foi a assassina do seu marido. Daqui lhe chamo assassina. No entanto sou obrigado a absolvê-la por falta de provas».

Mais tarde no barco em que regressávamos a Lisboa, o advogado da ré dizia para o chefe Afonso: «Não sei se hei-de estar satisfeito por ter conseguido a absolvição da minha constituinte, se hei-de estar aborrecido por ser responsável pela libertação de uma assassina. Fui eu que a aconselhei a negar o crime, que ela confessou no meu consultório. Disse-lhe para negar. Negar sempre, mesmo contra todoas as evidências».

Na altura senti-me agoniado, não sei bem se dos movimentos do barco se do que ouvira.

Mais tarde soube que a referida mulher, como qualquer digna e inconsolável viúva, passou a receber pensão atribuída pela CUF.

Subinspector X

de ontem para hoje

Alterações telefónicas na Grande Lisboa

OS TLP/Lisboa fizeram hoje alterações de ordem técnica na zona da Grande Lisboa, concretamente, em Carnide e em Pêro Pinheiro, com vista a descongestionar o tráfego telefónico e a preparar as infraestruturas que a médio prazo respondam ao crescimento previsível do parque telefónico. Em Carnide foi criada uma nova central distribuidora que encaminhará o tráfego com destino aos cerca de 30 mil assinantes de dez centrais da linha de Sintra, sendo alterados os prefixos numéricos de algumas centrais – conforme indicação anunciada. Ainda na linha de Sintra, a central de Pêro Pinheiro passou a ser automatizada a partir de hoje. A central do Castelo, por seu turno, ficou com mais três mil linhas de rede – investimento superior a 90 mil contos.

«Xeque Mate» num bar das Mercês

O «Xeque-Mate-Bar» das Mercês, na Rua de S. Marçal, em Lisboa, foi ontem à tarde totalmente destruído pelo fogo. Não está ainda apurada a origem do incêndio, que poderá ter irrompido da máquina de ar condicionado ou por causa de qualquer deficiência eléctrica (curto-circuito). Os homens do BSB pouco puderam fazer: o fogo consumiu lentamente o recheio. O interior do bar ficou totalmente destruído e o tecto (falso) ruiu, enquanto fumo negro «abafava» aquela artéria.

Têxteis: demissão do GC do Porto

Os trabalhadores do sector têxtil do Porto aprovaram, em plenário, uma moção na qual pedem a demissão do governador civil, devido aos acontecimentos ocorridos na baixa da capital nortenha no 1.º de Maio último. No documento exigem o «rápido apuramento das responsabilidades, a conclusão e divulgação do inquérito oficial e o julgamento e a condenação dos responsáveis políticos por tão hediondos crimes, nomeadamente aqueles que ordenaram a actuação brutal da Polícia de Intervenção contra trabalhadores indefesos – o Governo AD e o seu governador civil». A moção reclama ainda «a demissão imediata» do GC do Porto, Rocha Pinto, «cuja actuação no lugar que ocupa tem sido marcada pela prepotência, ilegalidade, compadrio e corrupção».

Trabalhos infantis na Moita

Duas exposições de trabalhos infantis estão a decorrer na Moita e na Baixa da Banheira, freguesia daquele concelho, organizadas pelos professores das escolas primárias daquelas duas áreas, com o apoio da Câmara Municipal. A exposição das escolas primárias da Baixa da Banheira está patente ao público, das 9.30 às 16 e das 21 às 22 horas no centro de reformados daquela freguesia, ao passo que a da Moita se poderá ver na EP n.º 2.

Árvore fere no Furadouro

Uma árvore abateu-se ontem, inesperadamente, sobre um carro que se dirigia de Ovar para a praia do Furadouro, ferindo uma senhora e provocando grandes prejuízos na viatura. O acidente ocorreu no troço entre o Carregal e o Furadouro, danificando o carro de Eduardo Ferreira Carazinha, casado, residente em Ovar, e ferindo na perna direita Maria Bernardete Brandão, que teve de ser tratada no Hospital de Ovar.

Identificados assassinos de Passarinho

A PJ identificou já os presumíveis autores do homicídio de Passarinho, de seu nome José Joaquim Passarinho Pereira, cujo cadáver foi descoberto em 14 de Maio último, em adiantado estado de putrefacção, num poço da Quinta de Adelaide, em Camaxide. Os autores do crime foram dois companheiros de Passarinho, que estavam detidos quando o cadáver foi encontrado, juntamente com dois cães mortos. Ao que informa a PJ, tudo começou quando os três se preparavam para assaltar os escritórios de uma fábrica da zona, não chegando a acordo quanto ao destino a dar ao produto do eventual roubo. Passarinho foi mortalmente atingido na nuca pelo «pé-de-cabra» a utilizar, e depois transportado para a Quinta da Adelaide. Os seus dois companheiros e presumíveis autores do crime encontram-se presos por suspeita de envolvimento na morte do guarda-nocturno de Alfragide, entre outros crimes, no qual José Joaquim Passarinho Pereira também estaria implicado.

Especulação de bananas nas Caldas

Uma comerciante de frutas do Mercado Municipal das Caldas da Rainha foi julgada e condenada a vinte dias de prisão (remíveis a 150 escudos por dia) e três contos de multa – ou 53 dias de prisão efectiva em alternativa –, por ter sido surpreendida a vender bananas a mais quatro escudos o quilo que o preço determinado. Enquanto Leopoldina Rodrigues era condenada, o marido, também julgado na mesma ocasião e pela mesma razão, pelo Tribunal Judicial daquela cidade, saía absolvido. Entretanto, a brigada da Fiscalização Económica de Coimbra, que entre 21 e 26 do mês findo instaurou 26 processos, prendendo quatro indivíduos em flagrante delito, apreendeu 900 litros de azeite falsificado em Arrifana, no concelho de Poiares.

PJ de Setúbal procura suspeito

A delegação da PJ em Setúbal identificou já o presumível autor dos disparos que em 17 de Março findo atingiram um indivíduo na zona da Costa da Caparica, deixando-o gravemente ferido. A PJ de Setúbal identificou António Henriques Mendes Maria, de 29 anos, casado, natural da Ajuda (Lisboa), com residência no Laranjeiro, como autor do crime, pedindo a colaboração de todas as pessoas que possam dar qualquer informação sobre o seu paradeiro.

Circunstâncias estranhas no assassínio do travesti

Muito confusas as circunstâncias em que foi abatido a tiro por um guarda da PSP, um travesti frequentador habitual das ruas de Lisboa, em especial a Avenida da Liberdade, onde a horas mortas se dedicava à prostituição masculina. A atitude do Comando da PSP também não contribuiu para clarificar os factos.

Ao princípio da madrugada de quinta-feira, no Parque de Monsanto, nas proximidades da Estrada do Alvito, um tiro disparado pela pistola policial distribuída ao guarda António Silvestre, atingiu no hemitórax esquerdo Abel Américo Maurício da Silva, de 29 anos, que ali se encontraria com um seu amigo, João Pereira.

A morte teria sido imediata e a partir daqui começam a surgir diferentes versões. No entanto e antes de nos referirmos a elas, lembremos que pelas 9 horas e até meio da tarde, o comando da PSP mantinha o maior mutismo sobre a ocorrência. Só a partir dessa altura por pressões de jornalistas revelaria: «que o guarda Silvestre ao ouvir gritos de socorro acorreria e seria enfrentado pelo Abel e pelo João Pereira com intenções agressivas. Perante isso, empunharia a pistola e, ao lutar corpo a corpo com eles, devido a pressão dos dedos do João, a arma disparou-se atingindo o Abel».

A PSP, no entanto, admitia que o João Pereira negava essa acusação e referia ter sido o disparo feito pelo guarda de modo voluntário. Em qualquer dos casos a Polícia prenderia o guarda e o Pereira, que apresentaria ao Juiz de Instrução Criminal. Este limitou-se a reconhecer válidas as prisões, mantendo-as sem admissão de caução e encarregando a Polícia Judiciária de proceder às investigações que lhe permitam uma eventual alteração do seu despacho e possível libertação de algum dos detidos.

No entanto há mais factos estranhos: a pistola do guarda Silvestre seria encontrada abandonada e sem munições, quando apenas teria sido feito um disparo. Não faz também sentido que a abandonasse quando lhe poderia ser necessária para se defender do antagonista ou de qualquer outro indivíduo que pudesse acorrer, tanto mais que diz ter visto um automóvel a afastar-se.

Estranho também o facto de logo e imediatamente a seguir, num local habitualmente ermo, ter surgido como por encanto um carro-latrulha daquela corporação policial que tomou conta da ocorrência; transportou o morto para o hospital e levou o guarda e o seu antagonista vivo. Do mesmo modo estranho é o facto de ter sido visto por várias testemunhas um carro-patrulha da PSP, meia hora antes, na Avenida da Liberdade, «pegar» o Abel e o Pereira, levando-os para um passeio desconhecido, de onde um não mais regressaria . Aliás passeios desses são frequentes, segundo afirmam outros travestis da Lisboa nocturna.

A PSP, como todos os outros organismos policias, e não só, apenas terá a ganhar com a transparência das decisões dos seus comandos – é uma verdade reconhecida, mas pouco considerada.

Segundo Ângelo Correia

Ataques à polícia traduzem-se num ataque à organização democrática do Estado

O ministro da Administração Interna exaltou ontem a missão da PSP e acusou «determinados sectores da opinião pública» de pretenderem «denegrir a imagem, o papel e a importância» da Polícia.

Ângelo Correia, que discursava, em Torres Novas, na sessão comemorativa do Dia da PSP, acrescentou que, «um ataque global e genérico à instituição traduz um ataque à própria organização democrática do Estado».

Ressalvando que aceitava serem passíveis de melhoria, ou de alteração qualitativa, «procedimentos concretos de agentes, ou até da própria instituição no seu conjunto» qualificou «erro grave em democracia» confundir erros ou omissões de elementos seus, assim como tomar comportamentos individuais pela missão genérica da própria instituição.

Ângelo Correia alertou para a dificuldade de coordenação que oferece o facto de as várias forças de segurança do País estarem relacionadas hierarquicamente com vários ministérios.

O ministro referiu alguns dos aspectos do projecto de reestruturação e reorganização da PSP que, desde Abril, se encontra aprovado pelo Conselho de Ministros, tendo sido depois presente à Assembleia da República como proposta de lei.

Além da Escola Superior da Polícia que permitirá a formação de oficiais próprios da PSP até agora preenchidos por oficiais do Exército, a reestruturação prevê entre outros melhoramentos a abertura de novas divisões e esquadras nas zonas do Grande Porto e Grande Lisboa.

Sobre o reequipamento da Polícia, não só no plano material, mas também humano. Ângelo Correia disse estar contido no diploma de reestruturação.

A cerimónia, que decorreu na Escola de Formação de Guardas, em Torres Novas, assistiram também o comandante-geral da PSP, brigadeiro Almeida Brunó, o comandante da Escola de Formação de Guardas, tenente-coronel José da Costa Estorninho e outras entidades militares e civis.

Lucas Pires

Por que é que o Norte não tem uma Gulbenkian?

PORTO, 3 – «Por que é que o Norte, tão forte industrialmente, não tem Gulbenkian?», perguntou o ministro da Cultura e da Investigação Científica ontem na Maia, depois de visitar demoradamente os diversos pavilhões que constituem a Grande Mostra de Actividades do Concelho, na periferia desta cidade.

Lucas Pires inteirou-se ontem na Maia, concelho que contém nos seus limites o melhor parque industrial do Norte, com cerca de seis quilómetros quadrados de área, da realidade produtiva da região. A mostra é bem exemplo disso, pois representa os principais sectores da indústria maiata,

ASSEMBLEIA MUNICIPAL BARREIRO

Moção sobre situação dos presos do P.R.P.

1. Considerando a grave situação em que se encontram os presos do chamado caso P.R.P.
2. Considerando as arbitrariedades, prepotências e mesmo violências que têm rodeado o processo criminal de que foram alvo estes cidadãos.
3. Considerando que as irregularidades processuais que estão na base de algumas sentenças já proferidas.
4. Considerando o carácter profundamente antidemocrático que o Governo AD tem assumido perante este caso.
5. Considerando, ainda, que o facto dos responsáveis pelo regime fascista e os seus lacaios (como pides e legionários) não terem sofrido punições correspondentes à gravidade dos crimes cometidos contra o povo português, torna ainda mais escandalosa toda a situação dos presos do P.R.P.

A Assembleia Municipal do Barreirro, delibera:

1. Manifestar o seu veemente protesto contra as arbitrariedades e ilegalidades de que têm sido alvo os presos do P.R.P.
2. Exigir aos órgãos do poder responsáveis que, de imediato, e com vista a evitar situações dramáticas, seja reposta a legalidade e a justiça democráticas com a correspondente libertação imediata das situações em que for caso disso.

Aprovada por maioria
Barreiro, 29 de Junho de 1982

Serviços Municipalizados

Câmara Municipal do Concelho de Loures

E D I T A L

CONCURSO PÚBLICO PARA AQUISIÇÃO DE DOIS RECTIFICADORES PARA A SUBESTAÇÃO ELÉCTRICA DE LOURES

Faz-se público que, por deliberação do Condelho de Administração de 27 de Abril do ano em curso, se encontra aberto concurso pelo prazo de vinte dias contados a partir do primeiro dia útil seguinte ao da publicação deste edital no Diário da República, para o fornecimento designado em epígrafe, nos termos do caderno de encargos e programa do concurso que se encontram patentes nestes Serviços, todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

O depósito provisório que será efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais agências ou delegações ou outra instituição prevista por lei é de Esc. 12 500$00 e o definitivo é de cinco por cento sobre o valor da adjudicação.

A abertura das propostas realizar-se-á às 15 horas do primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio numa das salas do edifício sede destes Serviços Municipalizados e perante a comissão para esse fim nomeada.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 24 DE JUNHO DE 1982

O Eng.º Director-Delegado
Casimiro Martins Neves Cabaço

Dia Mundial de Salvamento

O Dia Mundial de Salvamento comemora-se amanhã pela segunda vez em Portugal com algumas iniciativas nas praias. Demonstrações de salvamento ocorrerão nas praias do Tamariz, no Estoril, Caparica, Cabo do Mundo, Pedras de Agudela, Angeiras, Matosinhos e Leça.

O Dia de Salvamento visa a divulgação dos meios e processos de salvamento existentes nas praias com a finalidade de conseguir que os banhistas que eventualmente venham a estar em situação crítica não percam a cabeça e se mantenham calmos enquanto aguardam que lhes seja prestado socorro.

Todos os anos, ao longo da época balnear oficial que se inicia em 1 de Junho e termina em 30 de Setembro, morrem banhistas nas praias, rios, barragens, lagoas, albufeiras e piscinas.

A divulgação levada a cabo pelo Instituto de Socorros a Náufragos consiste em demonstrar a utilização dos meios de salvamento existentes na praia (tanto na água como em terra), reboque dos acidentados para terra, sua reanimação no local com aplicação de respiração artificial e massagem cardíaca, transporte para o hospital e outros.

Todas estas acções serão explicadas aos assistentes bem como a situação que se vai simular e o processo de socorro que se vai aplicar.

Nos últimos quatro anos morreram nas praias do Continente e das Regiões Autónomas da Madeira e Açores 343 banhistas e 3383 foram salvos. Para a prestação de socorros a náufragos o ISN conta hoje com 24 estações de salva-vidas, às quais estão atribuídos 19 barcos salva-vidas (dez bimotores e nove monomotores), barcos de madeira com motor de popa e 18 botes entre outros.

Desde a fundação o ISN já salvou 33 360 vidas e 7324 embarcações. Desde 1952 foram assistidas 278 010 pessoas e 37 519 embarcações.

Carlos Charneca (ANOP)

Sindicato dos Professores

"Vitória" da abstenção nas eleições do Norte

PORTO, 3 – Praticamente apurados em defintivo os resultados das eleições para os corpos gerentes do SPZN, com atribuição de novo mandato à lista proposta pela actual direcção (afecta aos sociais-democratas), a abstenção foi quem verdadeiramente marcou «presença», já que em cerca de 16 mil professores inscritos só menos de quatro mil depositou o seu voto. A lista eleita, por seu turno, não arrecadou mais do que três mil votos. Em relação ao acto eleitoral de 20 de Maio último, depois impugnado, registou-se uma diminuição de 1500 votantes. Entretanto, a lista opositora (Lista B) que contestou a data das eleições e a forma como estas estavam a ser preparadas, acabando por desistir, ainda recebeu umas três centenras de votos, depois de ter recebido cerca de 1500 nas eleições de 20 de Maio. Este aumento significativo da taxa de abstenção, para o qual a Lista B já havia alertado a propósito do facto de as eleições terem sido marcadas para uma data em que só no ensino primário ainda havia aulas, parece confirmar o crescente alheamento dos professores em relação ao seu sindicato. A posse da nova direcção, a que preside Manuela Teixeira, deverá ocorrer dentro de uma semana, logo após a publicação dos resultados oficiais pela comissão eleitoral.

Em comunicado divulgado ontem a Lista B toma posição sobre estas eleições afirmando, depois de se referir à elevada abstenção, que «a direcção e a Lista Aassumiram uma grave responsabilidade» e, por outro lado, «recusaram considerar as propostas construtivas no sentido de renovar a vida sindical». Acrescenta a Lista B que «estas eleições anuladas primeiro, impugnadas depois, recusadas finalmente, culminam o longo processo de destruição do sindicato como associação de classe dos professores». Diz ainda o comunicado que «o SPZN é hoje um arremedo de sindicato, esfrangalhado, desacreditado, sem representatividade, conduzido por uma direcção votada como lista única por pouco mais de 10 por cento dos professores».

Comemora-se hoje

Dia Mundial da Cooperação: criar novos postos de trabalho

A palavra de ordem do 60.º Dia Mundial da Cooperação que hoje se comemora bem poderia ser: é urgente criar novos postos de trabalho.

Compete às cooperativas desenvolver um esforço continuado no combate ao desemprego, como realçou Pinto Balsemão no mensagem dirigida a todas por ocasião da comemoração de hoje, vivida por mais de 360 milhões de cooperadores espalhados pelo mundo.

Bem gostariam as cooperativas portuguesas de disporem de todos os instrumentos para concretizarem essa formulação do Primeiro-Ministro, a despeito de terem mecanismos para levarem a cabo parte dos objectivos para que foram criadas e existem. Mas o cooperativismo em Portugal ainda defronta algumas dificuldades, e não parece estar ao seu alcance, sem meios disponíveis nem autonomia suficiente, a possibilidade de «desenvolver um esforço continuado no combate ao desemprego, através da criação de novos postos de trabalho», como Pinto Balsemão afirma na sua mensagem.

Os cooperadores de todo o mundo comemoram hoje, de várias formas, mas todos irmanados pelo ideal da fraternidade, a passagem deste dia histórico para o movimento, constituindo o cooperativismo – como de facto constitui – um poderoso sistema social e económico baseado na auto-assistência em cuja importância os governos de todo o mundo começam a acreditar.

Na mensagem do Primeiro-Ministro são consideradas tarefas prioritárias, a educação cooperativa dos seus membros, a formação profissional dos quadros dirigentes e dos trabalhadores e a introdução de lições sobre cooperativismo nos diversos graus de escolaridade. Cabe ainda às cooperativas aprofundar o seu novo ordenamento jurídico aprovado pelo Governo com vista a uma estruturação eficaz que proporcione o seu contínuo reforço e desenvolvimento.

Nesse sentido, o Governo aprovou doze diplomas que constituem o novo regime jurídico para todas as cooperativas, faltando apenas o decreto-lei sobre cooperativas agrícolas. Avisa entretanto que todas terão de adaptar os seus estatutos ao Código Cooperativo até 31 de Julho, excepto as cooperativas Agrícolas e as Caixas de Crédito Agrícula Mútuo, cujo prazo se prolonga até 31 de Dezembro.

comunicação social

TVE: director perto da demissão

Documentário sobre a Turquia apelava ao golpe de Estado

O Conselho de Administração da Televisão espanhola decidiu levantar um inquérito ao director-geral, Robles Piquer, evido à transmissão de um programa sobre a Turquia que gerou controvérsia.

É a primeira vez que um director-geral da televisão espanhola é submetido a um inquérito, embora também se pretenda detectar eventuais responsabilidades de elementos da chefia e mesmo do autor do programa.

O programa em causa foi exibido há cerca de 15 dias com o título «Golpe à turca» – e era globalmente favorável à situação que se vive na Turquia.

Quase todas as forças políticas protestaram contra o programa, afirmando que fazia a apologia do golpe militar. Mesmo a UCD o considerou «inoportuno», atendendo à situação político-militar espanhola.

A comissão parlamentar para o controlo da Televisão analisou o programa no dia 29 de Junho e também entendeu que se «podia interpretar como uma apologia ao golpe de Estado». Decidiu por isso exigir o apuramento de responsabilidades.

Para conduzir o inquérito foi nomeada uma comissão que é composta por um elemento de cada partido representado no Conselho de Administração da empresa, – UCD, PSOE, PCE, e Aliança Popular.

Se a comissão concluir pela culpabilidade de Robles Piquer, pode pedir ao Governo a sua demissão.

Os partidos da Oposição já há tempo vinham pedindo a demissão do director-geral da Televisão, por considerarem que ele tem favorecido a Aliança Popular, de cujo dirigente, Fraga Iribarne, é aliás, cunhado.

Entretanto, socialistas e comunistas apresentaram no Parlamento moções contra Robles Piquer, mas estas ainda não chegaram a ser votadas.

Refira-se, por último, que mesmo alguns sectores da UCD têm contestado a actuação do director-geral da TVE que, no entanto, desfruta do apoio do chefe do Governo, Calvo Sotelo.

Anos 80: informação electrónica

«Os anos 80 verão sem dúvida o desenvolvimento dos meios de informação electrónicos» – esta a opinião do director do principal grupo de Imprensa da RFA, o «Axel Springer Verlag» Peter Tamm.

Peter Tamm declarou que os meios electrónicos de informação poderão vir a conhecer «grandes êxitos», graças principalmente aos satélites, às televisões por cabo e aos jornais-video.

Por outro lado, Tamm declarou que o seu grupo não sofreu com a depressão conjuntural do ramo, excepto no sector da publicidade.

Em 1981, o grupo «Axel Springer Verlag» registou mesmo uma subida no volume de negócios da ordem dos 2 por cento, tendo tido lucros no montante de 20,5 milhões de marcos.

A publicidade, por seu turno, diminuiu 3 por cento: 975 milhões de marcos contra mil milhões em 1980.

Os jornais do grupo e as revistas contribuíram poderosamente para esta boa situação. Assim, por exemplo, o diário «Bild» aumentou, por si só, a tiragem em mais de 200 mil exemplares, tendo atingido tiragens da ordem dos 5 milhões de exemplares por dia.

RN
VIAGENS E TURISMO
FÉRIAS DE VERÃO
SE NÃO CONHECE... VENHA VER!
SE JÁ VIU... VENHA CONHECER!
PARIS LONDRES
SUÍÇA E ÁUSTRIA
JUGOSLÁVIA
MARROCOS
PARIS – BENELUX – VALE DO RENO
...MAS RESERVE QUANTO ANTES...
TRATA-SE DAS SUAS FÉRIAS.
RN TOURS
Viagens e Turismo
Av. Fontes Pereira de Melo, 33
1098 LISBOA CODEX
Tel. 560015 - 563451/2

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

Câmara Municipal do Concelho de Loures

EDITAL

CONCURSO PÚBLICO PARA AQUISIÇÃO DE CINCO DISJUNTORES DE P.V.O. 250 MVA SACE OU EQUIVALENTE TIPO RM 12

Faz-se público, que por deliberação do Conselho de Administração de 27 de Abril do ano em curso, se encontra aberto concurso pelo prazo de vinte dias contados a partir do primeiro dia útil seguinte ao da publicação deste edital no Diário da República, para o fornecimento designado em epígrafe, nos termos do caderno de encargos e programa de concurso que se encontram patentes nestes Serviços, todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

O depósito provisório que será efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais e agências ou delegações ou outra instituição prevista por lei é de Esc. 37 500$00 e o definitivo é de cinco por cento sobre o valor da adjudicação.

A abertura das propostas realizar-se-á às 15 horas do primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio numa das salas do edifício sede destes Serviços Municipalizados e perante a comissão para esse fim nomeada.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 24 DE JUNHO DE 1982

O Eng.º Director-Delegado
Casimiro Martins Neves Cabaço

Serviços municipalizados

Câmara Municipal do Concelho de Loures

EDITAL

CONCURSO PÚBLICO PARA AQUISIÇÃO DE 3000 KG DE CABO DE COBRE NU ELECTROLÍTICO DE 50 MM2 E 1000 KG DE 25 MM2

Faz-se público que, por deliberação do Conselho de Administração de 27 de Abril do ano em curso, se encontra aberto concurso pelo prazo de vinte dias contados a partir do primeiro dia útil seguinte ao da publicação deste edital no Diário da República, para o fornecimento designado em epígrafe, nos termos do caderno de encargos e programa de concurso que se encontram patentes nestes Serviços, todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

O depósito provisório que será efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais agências ou delegações ou outra instituição prevista por lei é de Esc. 25 000$00 e o definitivo é de cinco por cento sobre o valor da adjudicação.

A abertura das propostas realizar-se-á às 15 horas do primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio numa das salas do edifício sede destes Serviços Municipalizados e perante a comissão para esse fim nomeada.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 24 DE JUNHO DE 1982

O Eng.º Director-Delegado
Casimiro Martins Neves Cabaço

Espaço para a paz ou para a guerra?

Tripulantes da "Soyuz-T-6" chegaram bem

O primeiro cosmonauta francês e os seus dois companheiros soviéticos, que regressaram ontem à Terra, depois de uma missão espacial de nove dias, concluíram com êxito todas as experiências científicas programadas.

A Televisão soviética noticiou que a «Soyuz-T-6», nave que transportava o francês Jean-Loup Chrétien e os soviéticos Vladimir Dzhabenikev e Alexander Ivanchenkov, aterrou sem dificuldades às 15.18 horas de Lisboa, numa região desértica, a 65 quilómetros da cidade de Arkalyk, no Norte do Casaquistão, Ásia Central Soviética.

Como todas as naves espaciais soviéticas, a «Soyuz-T-6» pousou em terreno sólido, depois de pára-quedas gigantes terem afrouxado a sua descida durante os últimos minutos da viagem.

Informações do centro de controlo, referiram que o módulo se deslocava a sete mil metros por segundo desde o seu reingresso na atmosfera e a desaceleração, ajudada por foguetões, reduziu inicialmente essa velocidade para 180 metros por segundo.

Com a abertura dos pára-quedas, a desaceleração diminuiu para 3,5 metros por segundo no momento do impacte.

Uma frota de helicópteros com médicos a bordo, que havia já levantado voo quando a «Soyuz-T-6» iniciou a descida, apressou-se a localizá-la.

Minutos depois da aterragem, os médicos anunciaram que os três cosmonautas estavam de boa saúde.

Esta viagem foi apresentada na Imprensa soviética como exemplo da utilização pacífica do Espaço, em oposição à carga militar transportada pelo vai vém espacial norte-americano «Colúmbia».

Jean-Loup Chrétien

Durante a sua permanência na «Soyuz», os três cosmonautas efectuaram uma série de experiências concebidas por cientistas soviéticos e franceses, das quais será de destacar a análise contínua do funcionamento dos órgãos vitais e da circulação sanguínea, para determinar se os seres humanos podem suportar períodos muito prolongados de imponderabilidade que um grande programa de exploração espacial implicaria.

O programa científico envolveu também o estudo da atmosfera terrestre, do ambiente interplanetário e das fontes de radiações galácticas e extragalácticas, bem como dos processos de difusão e cristalização de ligas metálicas em condições de imponderabilidade.

O Espaço e a guerra

O jornal «Pravda», órgão do Partido Comunista da União Soviética, manifestou hoje, em editorial, a preocupação soviética pelas intenções norte-americanas de utilizar o Espaço para fins militares.

O «Pravda» afirma que «a extensão da corrida armamentista ao Espaço está ligada, nos Estados Unidos, às possibilidades que oferecem as naves tipo «Columbia».

«Não se pode ignorar a relação directa existente entre as ambições militares e espaciais de Washington e as agressivas doutrinas militares da Administração norte-americana, que partem da possibilidade que se produza uma guerra nuclear e de uma vitória» – acrescenta o jornalista do «Pravda», com alguma ironia.

O «Pravda» refere que, nestas condições, os planos do Pentágono de colocar no Espaço sistemas de combate «exercerá uma perigosa acção desestabilizadora na situação estratégica».

«Os planos encaminhados à militarização do Cosmos aumentam consideravelmente a ameaça de um conflito nuclear» – sublinha.

O órgão do PCUS lembra que a trigésima sexta sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas apoiou, por maioria absoluta, a iniciativa da União Soviética no sentido de se chegar a um tratado que proíba a colocação de armas no Espaço.

Ainda a este propósito, será de citar o jornalista da France Presse, Didier Fauquex, que em «despacho» de Houston afirma que «a nave espacial americana «Columbia» passou «a rasar» pelo andar superior dum foguetão soviético, um dos 5 mil destroços de objectos fabricados pelo homem, que se encontram em órbita em torno da Terra e que estão a provocar um autêntico «engarrafamento» espacial».

Já r

Assinado em Madi Espanha-

A Espanha e os Estados Unidos assinaram ontem um novo acordo de cooperação militar que se inscreve no âmbito do tratado do Atlântico Norte (NATO), ao qual Madrid aderiu no passado dia 30 de Maio e que prevê a manutenção de cerca de 10 mil homens das Forças Armadas americanas em território espanhol.

Essas bases, cujo número não foi alterado, situam-se em Saragosa (Nordeste da Espanha), Torrejon (no centro) e Moron (Sul) para a Força Aérea, e em Rota (perto de Cadis) para a Marinha.

Este «acordo de amizade, de defesa e de cooperação» que substitui durante cinco anos o anterior «tratado de amizade e de cooperação» cujo prazo expirou a 21 de Maio, foi assinado pelo ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros José Perez Llorca, e pelo embaixador americano em Madrid, Terence Todman.

O acordo proíbe o armazenamento ou a instalação de armas nucleares e a sua passagem pelo espaço aéreo espanhol salvo autorização expressa do governo de Madrid.

Segundo Perez Llorca o

Os "az

MADRID (do correspondente do «DL», Fernando Jauregui) – *A crise política avança em Espanha. Ontem, o partido governamental, a União do Centro Democrático, deu novos passos para a sua autoliquidação, com uma extensa e tensa reunião, que hoje prossegue, do seu comité executivo, e que evidenciou a falta de acordo entre os sectores que compõem o Partido. De igual forma, foi claro o desejo dos chamados «azuis» de voltar ao Poder.*

Os azuis são conhecidos por esta designação devido ao facto de quando ocuparam altos cargos durante o franquismo, irem aos actos oficiais vestindo a camisola azul-escuro da Falange, o partido único de carácter fascista tão querido a Franco. Muitos destes «azuis», entre eles o próprio ex-presidente do Governo, Adolfo Suarez, reciclaram-se durante a democracia, ocupando importantes postos na União do Centro Democrático. Mas a mescla de «azuis» com os democrata-cristãos, liberais e sociais-democratas, num único e mesmo partido nunca chegou a funcionar em pleno. Hoje, todos eles, sobretudo os «suaristas», estão contra os «azuis», representandos pelo vice-presidente, Rodolfo Martin Villa, e pel «duro» e eficaz ministro do Interior, Juan José Roson.

Hoje, os «azuis» conseguiram, por processos não escla-

24 horas

O PAPA E A POLÓNIA – As negociações entre o governo polaco e os representantes do episcopado, para fixar as condições duma visita de João Paulo II ao santuário mariano de Czestochowa, no próximo dia 26 de Agosto, ainda não terminaram, declarou ontem o núncio itinerante mons. Luigi Poggi. O prelado, que regressou ao Vaticano após uma estadia de duas semanas na Polónia, precisou que o primaz polaco, Jozef Glemp, esperado na próxima segunda-feira em Roma, será acompanhado por três arcebispos.

NOVO ENSAIO NUCLERAR FRANCÊS — A França procedeu ontem de manhã a um novo ensaio nuclear, ocorrido no Pacífico Sul, anunciou o governo neozelandês, hoje de manhã, em Wellington. A explosão, duma potência de 20 quilotoneladas, foi registada por um centro científico situado nas ilhas Cook, ao norte da Nova Zelândia. É a segunda explosãp nuclear francesa desde o início do ano. A primeira teve lugar no dia 21 de Março último, segundo o porta-voz oficial de Wellington.

EXPLOSÃO EM OSLO – A Polícia procura uma pista depois da explosão, na noite de ontem, de uma bomba deixada no depósito de bagagens automático da estação ferroviária central de Oslo, que provocou a morte de uma pessoa e feriu onze, indicou um porta-voz da Polícia norueguês.

NAMÍBIA - Consultas para a independência da Namíbia decorrerão hoje em Nova Iorque entre o «Grupo de Contacto», os Estados da «Linha da Frente» e a SWAPO, anunciou a agência noticiosa argelina (APS). O líder da Organização dos Povos do Sudoeste Africano (SWAPO) , Sam Nujoma, afirmou que o «Grupo de Contacto» (formado pela Alemanha Federal, Canadá, Estados Unidos, França e Grã-Bretanha) devia agir como intermediário entre a África do Sul e os guerrilheiros da SWAPO, refere a agência argelina. «Por agora, está fora de questão sentarmo-nos à mesma mesa com o regime racista da África do Sul», disse Nujoma.

ATENTADOS NA SICÍLIA – Foram cometidos cinco assassinatos na cidade de Palermo durante as últimas 48 horas, soube-se esta manhã de fonte policial da capital siciliana. Duas das vítimas tinham problemas com a Polícia, nomeadamente um comerciante de 42 anos, suspeito de tráfico de drogas e cujo cadáver foi encontrado crivado de balas. A Polícia também descobriu os corpos de três jovens, sem antecedentes penas, que tinham sido estrangulados. Todos «parecem» ter sido vítimas da Mafia.

Acordo

França e Egipto apresentam pla

Três factos novos na situação do Líbano: o plano franco-egípcio apresentado hontem ao presidente do Conselho de Segurança da ONU, a greve geral marcada para amanhã e depois em territórios árabes sobre ocupação sionista, e informações, relativamente contraditórias, sobre um acordo líbano-palestino quanto à evacuação pela OLP de Beirute-Oeste.

O documento franco-egício divide-se em quatro partes e vai ser demoradamente examinado pelos membros do Conselho de Segurança. As duas primeiras partes são consagradas à separação de forças em Beirute e arredores e ao estacionamento de observadores. A terceira refere uma solução, a longo prazo, de todo o problema do Médio Oriente, comportando a confirmação dos direitos nacionais dos palestinos e o reconhecimento mútuo simultâneo de todas as partes interessadas. O documento pede, por fim, ao secretário-geral que elabore propostas, depois de consultadas todas as partes, incluindo representantes do povo palestino, e que apresente um relatório ao Conselho.

O resumo que nos chega através das agências é manifestamente insuficiente para sabermos ao certo o que se pretende com a «comfirmação dos direitos nacionais dos palestinos». Pretende-se, sem dúvida, é o reconhecimento mútuo OLP e Israel. Será que este projecto é uma reedição do chamado plano Fahd? Não há de momento indicações seguras para nos pronunciarmos.

Outra «novidade» é, o anúncio feito ontem por fontes oficiais de Washington, segundo as quais o primeiro-ministro demissionário libanês, Al Wazzan, terá chegado a acordo com o dirigente da OLP, Yasser Arafat, quando a um plano de evacuação dos palestinos de Beirute-Oeste. Mas as mesmas fontes adiantaram que os riscos de um fracasso subsistem, e acrescentaram: «Oxalá se chegue a um acordo antes da reunião do gabinete israelita marcada para domingo».

Interpretando estas palavras, fica-se com a ideia de que o dia de amanhã será o prazo limite que os sionistas acharão adequado para adiarem o assalto final contra Beirute-Oeste.

Segundo declarações de Wazzan à AFP, o acordo Líbano-OLP está a meio caminho: ainda não foi resolvida a questão crucial da presença militar palestina no país. Também há informações confirmadas, segundo as quais Yasser Arafat se recusará a sair de Beirute-Oeste.

Finalmente, o terceiro facto novo: as instituições e organizações palestinas da Cisjordânia e de Gaza, territórios ocupados por Israel, lançaram ontem um apelo à greve geral para manifestarem solidariedade com a revolução palestina e com as vítimas da agressão israelita no Líbano», anunciou o secretário de Imprensa palestino em Jerusalém-Leste.

A greve abrangerá todos os sectores de actividade e decorrerá amanhã e depois.

Os observadores notam que se trata da primeira manifestação importante anunciada nos territórios ocupados desde o primeiro dia da invasão sionista (6 de Junho).

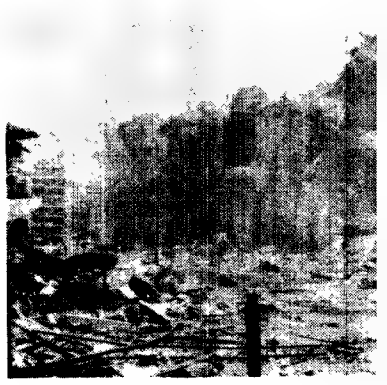
A agência WAFA noticia um confronto, com várias dezenas de mortos entre os soldados judaicos, na zona do castelo de Beaufort. No entanto, Telavive desmentiu essa informação.

Há, porém, indicações de que os sionistas não abandonaram de modo nenhum a ideia do ataque final a Beirrute-Oeste. Ontem Ariel Sharon, ministro da Defesa, inspeccionou as suas tropas em Beirute, e o CEM, general Eitan, repetiu a ameaça de que nenhum palestino que permaneça em Beirute-Oeste será fisicamente poupado.

Sharon, em conferência de Imprensa, asseverou que ou os palestinos saem do Líbano ou Israel os liquidará. Posição muito semelhante assumiu Bechir Gemayel, dirigente da direita libanesa, depois de regressar ao Líbano ido da Arábia Saudita.

Aliás, as forças de Gemayel, apoiantes de Israel, estão a aproveitar a situação presente para conquistarem posições e começarem uma ofensiva de escaramuças armadas contra os drusos da Montaanha.

Por seu lado, outro dirigente da direita libanesa, Camile Chamun, afirmou ontem que nem um só palestino armado será consentido no Líbano. Segundo ele, Gemayel em Taif Arábia Saudita) recusou-se a ceder a pres-



Beirute Oeste depois da

sões árabes para que se encontrasse um meio de solucionar a questão da presença militar palestina no país.

Para o dirigente da esquerda libanesa, Walid, Jumblatt, a situação do país é terrivelmente sombria: o Líbano irá converter-se num Estado cristão, donde toda a presença muçulmana de esquerda será varrida. Segundo afirmou, está em formação um novo Israel (que ficará obviamente a controlar o Estado «cristão» libanês) e prepara-se um novo êxodo palestino, em grande escala.

Por último, saliente-se que, contrariamente a todas as indicações que têm sido noticiadas sobre o estado de espírito dos israelitas face à invasão do Líbano, uma sondagem ontem publicada pelo «Jerusalem Post» dava uma esmagadora maioria (93,3%) de opiniões favoráveis à

á no âmbito da NATO

drid acordo de cooperação a-Estados Unidos

novo acordo «garante plenamente, pela primeira vez, a soberania territorial espanhola».

A cláusula relativa a esta garantia territorial parece também abranger os territórios extra-peninsular da Espanha e, nomeadamente, as ilhas Canárias e os enclaves norte-americanos de Ceuta e Melilla. consideram os peritos.

Perez Llorca não forneceu contudo qualquer esclarecimento sobre o assunto. O texto completo do novo acordo será publicado depois da sua aprovação pelo Conselho de Estado e de ter sido entregue no Congresso dos deputados.

Este último e o Senado deverão ratificá-lo depois do recomeço dos trabalhos parlamentares no próximo mês de Setembro, do lado americano não é necessário qualquer ratificação Parlamentar.

Nos termos das cláusulas financeiras do novo acordo, aplicáveis a partir do ano orçamental americano de 1983, os Estados Unidos vão abrir à Espanha um crédito anual de 400 milhões de dólares (cerca de 34 milhões de contos) para a compra de material militar americano.

Um donativo anual de três milhões de dólares será destinado a financiar programas de treino nos Estados Unidos e outro, no montante de 12 milhões de dólares, destina-se a diversos programas de cooperação técnica, cultural e científica.

Juridicamente inferior ao tratado que substitui, já que se situa no âmbito de defesa multilateral da NATO, o acordo constitui uma «nova etapa qualitativa» e uma «actualização histórica» das relações entre Washington e Madrid, duas capitais que agora são, «soberanas e democráticas», segundo disse o ministro dos Negócios Estrangeiros espanhol em conferência de Imprensa.

zuis" ao ataque

recidos, aproveitar-se da complexa e variada crise centrista para conseguirem uma aproximação a Leopoldo Calvo Sotelo, o encurralado presidente do Governo espanhol, um homem que, apesar de fortemente conservador, nunca vestiu a camisola azul da Falange. Calvo Sotelo, preso na solidão do palácio presidencial de La Moncloa, certo de que o seu cargo não resistirá ao embate das próximas eleições gerais, desprestigiado pela sua falta de imagem interna e pelos seus fracassos na política externa, acabou por apoiar-se na infra-estrutura e no Poder que, indubitavelmente, ainda mantêm certos «azuis», peritos no controlo dos aparelhos provinciais do partido. Deste modo, a batalha no seio do comité executivo «ucedista» gira à volta da tentativa, das restantes «famílias» do partido de evitarem esta ligação a Calvo Sotelo-Martin Villa e Roson. Democras-cristãos e liberais, por um lado, e os seguidores de Adolfo Suarez, por outro, tentam acabar com o «poder azul», um poder que sempre tem estado presente, ainda que, como até agora, se tenha lançado com todos os seus meios para o controlo do partido e do Governo.

Esta batalha pode acabar quando todos, à excepção dos «azuis» e de alguns independentes, abandonarem a UCD. Ontem, o «Diário 16» de Madri afirmava que Suarez tinha tomado a decisão de formar o seu próprio partido, que se chamaria a «União do Centro Popular» de carácter centro-esquerda. Outra ala, a mais conservadora da Democracia-Cristã, abandonaria a UCD para se integrar à coligação com o partido direitista de Manuel Fraga Iribame, a «Aliança Popular». Os liberais concorreram sozinhos às próximas eleições gerais, que podem significar o fim da fórmula centrista.

Tudo isto, que está a semear a maior confusão na opinião pública espanhola, ocorre quando o dirigente socialista Felipe Gonzalez, o provável vencedor do próximo confronto nas urnas, pede eleições «para já», e o líder comunista, Santiago Carrillo, cujo partido sofrerá segundo a opinião geral, um forte «castigo» de votos, se opõe a que as eleições sejam antecipadas, numa tentativa de recuperar tempo para reorganizar o PCE.

Roy Jenkins eleito para a chefia dos sociais-democratas britânicos

Roy Jenkins, ministro em quatro governos trabalhistas e antigo presidente da Comissão da Comunidade Económica Europeia, foi ontem eleito para a chefia do Partido Social-Democrata Britânico (SDP). Árduas tarefas o esperam na chefia do mais jovem partido britânico: recuperar a credibilidade do Partido, aplanar divergências internas e lançar as bases de um sucesso nas próximas eleições gerais.

A vitória de um dos mais prestigiados integrantes do chamado «bando dos quatro», designação pela qual são conhecidos os quatro dirigentes que, em 1981, abandonaram o «Labour» – o Partido Trabalhista – e criaram o grupo social-democrata, foi fácil.

Os números do escrutínio postal que abrangeu todos os militantes do Partido – facto inédito nas formações partidárias – deram-lhe uma folgada vitória com mais de 6000 votos de vantagem sobre o seu adversário, o ex-ministro dos Negócios Estrangeiros do último gabinete trabalhista, David Owen.

Imediatamente após o conhecimento dos resultados, Roy Jenkins declarou à Imprensa que «dirigirei o partido de forma a que ele vença as próximas eleições gerais».

Para a generalidade dos observadores britânicos, a eleição do prstigiado político torna o SDP muito mais perigoso para o Partido Conservador do que para os trabalhistas. Deputados conservadores foram unânimes em considerar que Jenkins aparece como figura muito mais tranquilizante para os eleitores conservadores desiludidos com os «tories», ao contrário do jovem médico David Owen, que é considerado pelos círculos conservadores como demasiado «à esquerda».

No entanto, nem tudo vão ser facilidades para Jenkins. Com efeito, o SDP, que era o partido mais em destaque nas sondagens de há um ano, baixou para a terceira posição, devido, como estimam os observadores, ao conflito das Malvinas que aumentou, de forma muito considerável, a popularidade dos conservadores e da primeiro-ministro Margaret Thatcher. Segundo as últimas sondagens, os conservadores venceriam facilmente as eleições neste momento.

Além da popularidade do SDP, que terá de restaurar, Jenkins terá ainda de refazer a unidade do partido.

A sua eleição, segundo afirmam observadores próximos dos sociais-democratas, veio pôr a nu as profundas divergências entre os adeptos mais entusiastas da aliança com os liberais – o próprio Jenkins e o sector que o apoia – e os que defendem uma autonomia do partido, baseada na força própria do SDP, tese defendida por David Owen e os seus adeptos.

Estas divisões, estima-se em Londres, correm o perigo de virem a exacerbar-se nas próximas semanas, quando da eleição do presidente dos sociais-democratas. O cargo, de natureza mais honorífica do que executiva, será disputado por dois co-fundadores do partido – a sr.ª Shirley Williams, apoiante de Owen, e William Rodgers, um ferveroso adepto de Jenkins.

Chade: Hissene Habre pede ajuda a Paris

Representantes do dito «Novo Governo Provisório do Chade» chegaram ontem a Paris, para pedir auxílio económico – revelou o secretário de Estado para as Telecomunicações chadianas, Khali D'Adzac.

O Chade, antiga colónia francesa, que há cerca de um mês voltou a ser dirigido por Hissene Habré, líder das chamadas Forças Armadas do Norte e bom amigo do ex-presidente francês, Valery Giscard D»Estaing, tem sido palco, nos últimos dez anos, de uma guerra civil.

D'Adzac, acompanhado pelo secretário de Estado da Saúde, Abdoulaye Dito, integram a primeira delegaçao que visita a França desde que Habré tomou o Poder, a 7 de Junho.

A missão chadiana é portadora de uma carta de Habré para o presidente francês, François Mitterrand, cujo conteúdo não foi revelado.

D'Adzac avistou-se com o ministro da Cooperação e Desenvolvimento, Jean-Pierre Cot, a quem pediu apoio financeiro para a «reconstrução» do Chade.

«Pedimos que a França nos ajude a reconstruir as estruturas administrativas destruídas e nos forneça ajuda financeira de modo a que possamos pagar aos funcionários que ficaram em D'Jamena» (capital do Chade), disse D'Adjac.

Frente Polisário

A República Árabe Sarauí Democrática (RAS) admite a possibilidade de, ainda este ano apresentar a sua candidatura ao movimento dos Não-Alinhados e à ONU – declarou à ANOP o representante da Frente Polisário na península Ibérica.

do OLP-Governo libanês?

ano no Conselho de Segurança da ONU

da flagelação sionista

agressão contra o Líbano. De acordo com a sondagem, Begin, se agora concorrersse a eleições,teria 59 lugares no Parlamento contra 38 para os trabalhistas.

As condenações

Continuam entretanto as condenações mundiais contra Israel.

Algumas delas, no entanto – devem ser entendidas nos seus devidos limites. É o caso da que emanou do Parlamento do Conselho da Europa, reunido em Dublin. As duras palavras contra Israel não nos podem fazer esquecer a **petite phrase** que tudo estraga: o pedido de retirada de todas as tropas estrangeiras do país com excepção das da FINUL. Também não é de omitir que os deputados europeus «pediram» a Israel que «conceda» autonomia aos habitantes da Cisjordânia e de Gaza. Em suma: parecendo ser opostos a Israel, os deputados assumem exactamente a posição política sionista-americana. Foi mais ou menos isso o que declarou a deputada Lady Amélia Fleming, do PASOK grego, ao votar contra, explicando que a moção implicava o apoio aos êxitos militares israelitas contra a OLP.

O Conselho Mundial da Paz, por seu turno, condenou vigorosamente Israel, acusando-o de cometer um crime de genocídio idêntico aos dos nazis. E revelou que, nas duas primeiras semanas da agressão, morreram 20 mil pessoas, 40 mil ficaram feridas e 600 mil desalojadas. O Conselho, que acusa os EUA de cumplicidade, exigiu a retirada completa e incondicional das tropas israelitas do território libanês.

Em Paris, três altas individualidades da comunidade internacional judaica, Pierre Mendès-France, ex-primeiro-ministro francês, Natham Goldmann, presidente vitalício do Congresso Mundial Judeu, e Philip Klutznick, actual presidente desse Congresso e antigo membro da administração Carter, apelaram a Israel e aos palestinos para que reconhecessem o respectivo direito às suas pátrias. Um conselheiro de Arafat, Sartaoui, em comunicado separado, afirma que a paz no Médio Oriente só pode encontrar-se com o povo palestino, e não faz qualquer referência ao reconhecimento de Israel.

A batalha diplomática

O Comité Ministerial da Liga Árabe, reunido em Taif (na Arábia Saudita) comunicou ontem algumas das decisões a que já chegou, e, ao mesmo tempo, afirmou que prosseguiria os seus trabalhos, tendo pedido a Yasser Arafat que envie um representante seu para discussões.

O comité apoiou o governo libanês e a OLP, e assumiu as responsabilidades na definição das futuras relações Líbano-palestinas, apelando ainda que se ajude o Líbano a libertar-se das forças que ocupam o seu território e lhe sitiam a capital.

O comité decidiu levar a cabo contactos com os membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU, daí que parta amanhã para Moscovo uma delegação, constituída por representantes do Marrocos, Koweit, OLP e Fatah, para examinar com dirigentes soviéticos a situação libanesa.

Yasser Arafat pediu, entretanto, a realização de uma cimeira dos países membros da Conferência Islâmica, para análise da situação libanesa.

Outras notícias: um perito soviético para as questões do Médio Oriente considerou ontem em Moscovo que a URSS está a fornecer auxílio militar suficiente para que a Síria e a OLP resistam à invasão israelita; um comunicado do Crescente Vermelho palestino distribuído em Beirute informa que 500 pessoas ligadas às actividades daquela organização são dadas como desaparecidas no Líbano; um porta-voz da UNICEF revelou em Genebra que cerca de um milhão de mães e crianças necessitam de ajuda médica, alimentos e abrigo devido à invasão israelita do Líbano; confrontos entre grupos libaneses rivais ocorridos em Trípoli: causaram 10 mortos e 90 feridos.

Um depoimento

Um médico canadense, Chris Giannou, afirmou ontem na sede da ONU, em Nova York, durante uma conferência de Imprensa organizada pela OLP, que viu quatro prisioneiros capturados pelos sionistas no Líbano serem espancados até à morte pelos seus captores. O médico, que trabalhou dois anos com o Crescente Vermelho e que estava em Sidon aquando da actual invasão israelita, acrescentou ter assistido ao bombardeamento de áreas residenciais e campos de refugiados, a ataques a hospitais e a espancamentos indiscriminados de prisioneiros.

"Proter and Gamble"

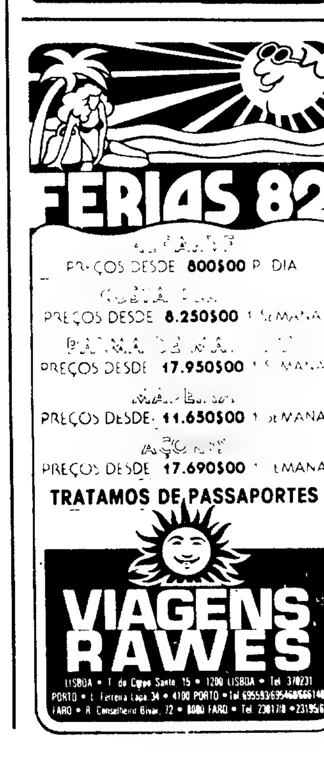
Satanismo ou difamação

A companhia «Proter and Gamble», que desde há vários meses é alvo de «rumores» que a acusam de satanismo, tentou pôr termo a eles ao apresentar queixa, por difamação, soube-se em Nova Ioeque.

Os «rumores» baseiam-se principalmente no emblema comercial utilizado desde 1851 por essa companhia, de Cincinnati (Ohio) – um «gigante» da alimentação e dos produtos domésticos – que representa uma figura humana sobre a Lua, acompanhada por 13 estrelas que representam os primeiros Estados da União. Os «rumores» vêem nisso sinais cabalísticos.

As acusações, que provocaram uma avalancha de cerca de 12 000 telefonemas por mês à empresa, são retomados nos panfletos espalhados nas lojas e nas igrejas para apelar ao boicote aos produtos fabricados pela «Proter and Gamble».

Nas queixas por difamação apresentadas, «Proter and Gamble» identifica três pessoas que acusa de propalar «essas mentiras» e que, segundo diz, só representantes de companhias concorrentes.



Vila Franca de Xira

Emília dos Santos Mota

FALECEU

Maria dos Santos Mota Redol, Silvestre Rodrigues Mota, Aníbal Rodrigues Mota, Arminda Saro Pinto Mota, Maria José Cordeiro Mota, António Mota Redol, Maria Manuel Pinto Mota, Maria Emília Cordeiro Mota Rodrigues e Nuno Manuel Silva Mota e demais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua querida mãe, sogra, avó e parente ocorrido no dia 1 de Julho/82 e que o seu funeral se realizou ontem para o cemitério local.

Vila Franca de Xira

Emília dos Santos Mota

FALECEU

A firma Emília dos Santos Mota e Filhos, Ld.ª cumpre o doloroso dever de participar o falecimento da sua sócia gerente D. Emília dos Santos Mota, ocorrido em 1 de Julho/82 e que o seu funeral se realizou ontem para o cemitério local.

ANÚNCIO

10.º JUÍZO CORRECCIONAL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

Por este Tribunal e 1.ª Secção correu seus termos uns autos de processo correccional n.º 1259/77 que o M.º P.º moveu contra os réus HELMUT CHRISTIAN PEITZ, natural de Munique, Alemanha, de 38 anos, casado, gerente comercial, residente no Casal de S. António do Sol Posto, Ribeira Baixa, Caxias, HEIRICH ADOLF GERARD PEITZ, natural de Munique, Alemanha, de 45 anos, casado, gerente comercial, com a residência anterior, e DOMINGOS ALBERTO MARTINS SANTANA, natural de Lisboa, de 55 anos, viúvo, gerente comercial, residente na Rua Jose da Purificaçao Chaves, n.º 3, 1.º esq.º, em Lisboa, socios gerentes da firma Fritz W. Meyer, Ld.ª, com sede na R. da Moeda, 11-1.º, em Lisboa, que se dedicava ao comércio de representaçoes de máquinas-ferramentas e ferramentas, actuando no ramo de metalo-mecânica. Por sentença de 19 de Fevereiro de 1979, com trânsito em julgado, proferida nos referidos autos, foram condenados os réus pelo crime de falsificação de escrita p.p. pelos artigos 1.º n.º 1 al. a) e 2.º n.º 2, tendo em conta os n.ºs 1 e 2 do 4.º e n.º 1 do 5.º do D.L. 619/76 de 27/7, nas seguintes penas: cada um dos réus Peitz em 25 dias de prisão substituidos por igual tempo de multa à taxa de 500$00 por dia, o que dá a multa de 12.500$00: o réu Santana em 20 dias de prisão substituidos por igual tempo de multa à taxa de 500$00 por dia, o que dá a multa de 10.000$00. Pelo crime de exportação ilícita de capitais p.p. pelos artigos 1.º alínea d), 2.º n.º 1, 4.º n.º 1 e 5.º do D.L. n.º 630/76 de 28/7 foram condenados cada um dos réus Peitz na pena de 2 meses de prisão substituida por igual tempo de multa a 100$00 diários o que dá a multa de 6.000$00 e na multa de 100.000$00. Em cúmulo material das penas de multa aplicadas foi cada réu Peitz condenado namulta única de 118.500$00. Cada um dos três réus foi ainda condenado em 2.500$00 de imposto de justiça e solidariamente em 1.500$00 de procuradoria e nas demais custas. Nos termos do art.º 7.º do D.L. 630/76 de 28/7, foi declarada a firma «Fritz W. Meyer, Ld.ª» solidariamente responsável pelo pagamento das multas em que os réus foram condenados. Ao todo o produto sobrefacturado eleva-se a 282.435,43 DM (marcos), 1.251,80, US (dólares americanos) e 43.003 S. Fr. (francos suíços). O total do capital exportado para fins diferentes do autorizado eleva-se ao todo a 137.856,24 marcos, 1.251,80 dólares e 25.567,90 francos suiços.

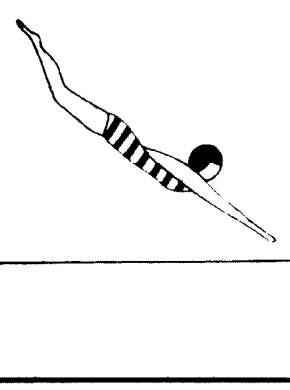
Lisboa, 7/1/80.

O Juiz de Direito,

João Rolando Viana Queiroga Chaves

O Escrivão

José António de Carvalho Almas



NÃO dê saltos em locais que desconhece

FERRAGENS FERRAMENTAS

PRECISA-SE

EMPREGADO DE BALCÃO

RUA DA BOAVISTA, 18 – LISBOA

RN

EXPRESSO «BEIRA ALTA» / «ALGARVE»

Em vigor desde 1 de Abril de 1982

HORÁRIO

07.00	P	VISEU	C 20.10
07.20		Tondela	19.50
07.40		Santa Comba Dão	19.30
07.55		Mortágua	19.15
08.20		Luso	18.50
08.50	C	Coimbra	P 18.20
09.15	P		C 17.50
09.55		Pombal	17.10
10.20		Leiria	P 16.45 C 16.40
10.50		Fátima	16.10
12.00	C	Santarém	P 15.00
12.05	P		C 14.55
12.45		Coruche	14.15
13.30	C	Montemor-o-Novo	P 13.30
14.30	P		C 12.30
15.20		Torrão	11.40
15.50	C	Ferreira do Alentejo	P 11.10
15.55	P		C 11.05
16.20		Aljustrel	10.40
16.45		Castro Verde	10.15
17.00		Ourique	10.00
18.10	C	Ferreiras	P 08.50
18.15	P		C 08.45
		Vilamoura	08.32
		Quarteira	08.25
19.00	C	FARO*	P 08.00

* ou Albufeira, Vilamoura, Quarteira, Olhão, Tavira, Vila Real Santo António, Monte Gordo, Lagos e Portimão.

Excepto aos Sábados, Domingos e Feriados.

RN

INFORMAÇÕES E VENDA DE BILHETES:
LISBOA Gare RN — Av. Casal Ribeiro Telf. 577715
PARA MAIS INFORMAÇÕES, CONSULTE AS AGÊNCIAS E FILIAIS RN

Caminhos de Ferro Portugueses

AVISO AO PÚBLICO

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 28 de Junho de 1982, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a instalação e exploração de um pavilhão para venda de jornais e revistas, no apeadeiro de Santa Cruz de Benfica.

A anuidade mínima a oferecer é de 40 000$00 e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da C. P., a quantia de 6700$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

— **Santa Cruz de Benfica**
— **Lisboa (Rossio)**
— **Serviço Comercial da Região Centro Lisboa (Santa Apolónia)**
— **Serviço Comercial de Passageiros Estação de Santa Apolónia, 1.º andar LISBOA**

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, E. P., Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquela endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a instalação e exploração de um pavilhão para venda de jornais e revistas no apeadeiro de Santa Cruz de Benfica».

RN

LISBOA — PRAIA DE TRÓIA

A Rodoviária Nacional — CEP 08 — realiza serviços extraordinários de Lisboa para Setúbal com ligação aos barcos que efectuam a travessia do Sado até à Praia de Tróia.

Este serviço efectua-se aos Sábados e Domingos durante os meses de Julho, Agosto e Setembro/1982 com partida de Lisboa às 08.00 e 08.30 e regresso de Setúbal às 19.30 horas.

LOCAIS DE EMBARQUE

Em LISBOA — na Praça de Espanha
Em SETÚBAL — na Praça da República, próximo ao Cais de Embarque para Tróia (Doca de Recreio)

PREÇOS

Inteiro	Meio bilhete	
A partir dos 12 anos	Dos 4 aos 10 anos	Dos 10 aos 12 anos
295$00	148$00	165$00

Incluíndo — Bilhete de ida e volta de Lisboa a Tróia (Autocarro + Barco)

RN

NOTA: O regresso de Setúbal será impreterivelmente às 19.30 horas, pelo que, a partir daquela hora, o regresso a Lisboa estará assegurado na Estação da R.N. (Av. 5 de Outubro) através dos horários normais da carreira Lisboa-Setúbal.

EMPRESA DO RAMO AUTOMÓVEL PRECISA

SOLDADORES AUTO — PINTORES AUTO
BATE-CHAPAS AUTO
— ESTOFADORES AUTO

OFERECEM-SE CONDIÇÕES SALARIAIS EXTREMAMENTE ALICIANTES
RESPOSTA PARA O TELEFONE 545765

BATE-CHAPAS AUTO — PINTORES AUTO — SOLDADORES AUTO — ESTOFADORES AUTO

EM FÉRIAS

PRECISAM-SE PARA TRABALHO À TAREFA

ÓPTIMA REMUNERAÇÃO

RESPOSTA PARA O TELEFONE 577432

exclusivo

Por uma internacional da saúde

O preço da democracia

I

■ Claire Brisset ☐ Le Monde

A 35.ª Assembleia Mundial da Saúde, organismo dirigente da Organização Mundial de Saúde (OMS), encerrou os seus trabalhos no dia 14 de Maio, após debates por vezes agitados, especialmente dedicados ao fornecimento de «medicamentos essenciais» ao Terceiro Mundo, à lentidão com que se processa a cobertura de vacinação, à subalimentação, e à acusação formal de Israel devido aos acordos de Camp David.

Mais de 30 anos após a sua formação, poderá a OMS promover a «saúde para todos no ano 2000», seu objectivo oficial, enquanto que hoje dois terços da Humanidade não dispõem de nenhum acesso a qualquer forma de estrutura de cuidados médicos? O peso dessas estruturas permitir-lhe-á desencadear, nos países em vias de desenvolvimento, a «revolução sanitária» que ela promete e surgir assim como uma verdadeira «internacional da saúde»?

Estas são algumas das questões abordadas no inquérito que hoje começamos a publicar.

«Fizemos entrar na OMS o lobo político. Presentemente, ele aí está. É preciso viver com ele». Estas palavras de um alto funcionário da organização resumem muito claramente uma das maiores críticas que em Genebra, sede da Organização, tal como em numerosos pontos do Terceiro Mundo, são dirigidas à instituição no seu conjunto. Politização e descentralização, diz-se. As duas noções, no espírito dos críticos, ligam-se estreitamente.

As estruturas internas da OMS são de facto marcadas por uma profunda originalidade em relação às de outras instituições das Nações Unidas. O sistema electivo é ali rei e senhor, tanto nas regiões como na sede. Por outras palavras, os seis directores regionais (Alexandria, Brazzaville, Copenhague, Manila, Nova Deli e Washington) são eleitos por representantes dos países da zona. E eles também mantêm, dizem os críticos, um clima de campanha eleitoral permanente; assim, as bolsas de estudos concedidas pela OMS serão distribuídas sob esta óptica, mais em função dos pedidos dos países do que no interesse das investigações em curso; por outras palavras, os directores regionais comportar-se-ão como potentados locais, a cujo serviço exclusivo estarão as «delegações regionais» por eles dirigidas com grandes despesas.

Genebra, acrescenta-se, tem pouco ascendente sobre estes pequenos reinos, que a extrema descentralização da instituição tornou quase autónomos. Por outro lado, essa politização, bem como uma representação «geográfica» demasiado rígida do pessoal, levam, em certos casos, a um abaixamento da qualidade do recrutamento.

A estas objecções, Genebra responde com o argumento da democracia. Se os directores regionais fossem nomeados pela sede, e não eleitos pelo país da zona, seriam encarados como agentes estranhos ao sistema e disporiam de uma fraca autoridade. A propósito das bolsas, o dr. Mahler, director-geral da OMS, desmente formalmente o carácter «eleitoral» da sua atribuição. «Sobre este ponto – disse –, temos uma política muito rígida e velamos por que elas sirvam para formar, e não para deformar».

Será que é também o preço da democracia o ter admitido designar como representantes da OMS nos países membros não funcionários internacionais, mas sim nacionais do Estado em causa, como é – nem sempre, mas cada vez mais frequentemente – o caso da África negra, por exemplo? Neste capítulo, as críticas são extremamente vivas: na medida em que os «coordenadores» da OMS, ou seja os seus representantes, são de facto integrados pela sua nacionalidade no país em que devem inspirar ou fazer inflectir a política sanitária em nome da OMS, eles já não dispõem do distanciamento devido, nem da independência de julgamento que tornaria a sua função de «conselheiro». A esta crítica, também se responde, em Genebra, com exigências de democracia e de integração nas acções locais.

O caminho dos anjos

Uma outra interrogativa, mais radical, incide sobre a própria necessidade da organizaçao, sobre o seu custo em relação ao benefício que dela retiram os países membros, especialmente os mais pobres. Esta questão, diz o dr. Mahler, «é-me posta todos os dias». A resposta, afirma, é clara: «A OMS é uma plataforma de neutralidade dinâmica que pode, por si só, estabelecer e proclamar verdades reconhecidas». «Quem, além dela, teria podido fazer adoptar o código de conduta» que presentemente se impôs às grandes multinacionais de alimentação infantil? Quanto aos 200 medicamentos essenciais que a OMS propõe aos países do Terceiro Mundo, «quem mais teria tido a coragem de caminhar por onde os próprios anjos não ousam fazê-lo»?

Este argumento pesa muito. Apesar dos incontestáveis travões que a estrutura electiva e o enorme peso administrativo impõem ao aparelho inteiro, é hoje manifesto que a teoria dos cuidados sanitários primários elaborada pela organização, com o concurso da UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), modificou profundamente e democratizou a óptica sob a qual a maioria dos países do Terceiro Mundo concebiam a sua política sanitária, especialmente ao instituir como prioridades essenciais as diligências preventivas. Que esta teoria seja expressa numa linguagem por vezes académica, incantatória, mesmo litúrgica, é uma verdade. Que a adesão com que a creditam diversos países continua verbal, não é menos verdade. É exactamente por isso, acrescenta o dr. Mahler, que o preâmbulo de qualquer acção da OMS assenta num compromisso político. Sem política, afirma, não há orçamento. Sem orçamento é o nada, a anarquia.

O síndroma de Albert Schweitzer

Aos projectos em curso da OMS não faltará, precisamente, uma ossatura definida? Não se limitarão, com demasiada frequência, a uma acção de «conselho» em países onde a cobertura das necessidades essenciais de forma alguma está assegurada?

«O síndroma de Albert Schweitzer – responde o dr. Mahler – atacou-nos a todos. Mas é necessário renunciar a esses pequenos projectos homeopáticos que deixam de facto muito poucos traços atrás deles. O nosso papel não é esse: consiste em ser a má consciência dos governos e a má consciência do mundo. Há alguns anos, a participação comum nos projectos de saúde era nula. Mas hoje...».

Mas esta acção de «conselho», que consiste essencialmente em ajudar os países – os do Terceiro Mundo, sobretudo – a gerir a sua planificação sanitária, não custará muito cara à comunidade? O orçamento total da OMS atingiu em 1980 os 2150 milhões de francos (1180 milhões sob a forma de contribuições automáticas e 970 milhões sob a forma de fundos extra-orçamentais de diversas fontes, incluindo sob a forma de transferências de outras instituições internacionais). Este orçamento, que coloca a OMS a seguir à FAO (Oragnização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação – 2370 milhões de francos), mas à frente da UNICEF (1660 milhões, unicamente sob a forma de contribuições voluntárias), será ele utilizado da melhor forma?

Há alguns anos, um vento de contestação, proveniente dos «77», «soprou sobre a organização: a sede, diziam, custa demasiado cara, em detrimento da acção nas regiões. Esta contestação deu os seus frutos: a OMS cortou no supérfluo e suprimiu 20 por cento dos postos em Genebra, ou seja, cerca de 350 postos de trabalho, o que não foi assim muito fácil. Ainda permanecem cerca de 1600 pessoas na sede e, no total, cerca de seis mil empregados de todos os níveis. Hoje, dizem os responsáveis da organização, Genebra absorve apenas 40 por cento do orçamento: 60 por cento são atribuídos à acção prática.

Foi aliás dentro desta óptica de economia que se decidiu reduzir a duração das sessões da Assembleia Mundial, um ano em cada dois, a 15 dias em vez de três semanas. Cada dia de debate custa, de facto, 134 mil dólares (estimativas de 1979).

Uma medida destas não será simbólica, perante a imensidão das necessidades? Um método havia que teria permitido decuplicar a eficácia da acção da OMS, na linha da sua nova filosofia comunitária: consistia em harmonizar, real e profundamente, projectos da organização com os de outras instituições internacionais. Ora esta falta de harmonização é uma das grandes falhas do sistema tal como está a funcionar, uma fraqueza geral das instituições das Nações Unidas e que seria injusto atribuir apenas à OMS.

Esta falta de coordenação, que traz um prejuízo real às acções práticas remonta à própria história das Nações Unidas e à teoria «funcionalista» que presidiu à sua criação. Esta teoria assentava na ideia de que as instituições internacionais encarregadas de pôr em prática a vasta solidariedade que proibiria, no futuro, o recurso à guerra deveria funcionar numa base de categorias: far-se-ia trabalhar os educadores com os educadores, os agrónomos com os agrónomos, os médicos com os médicos...

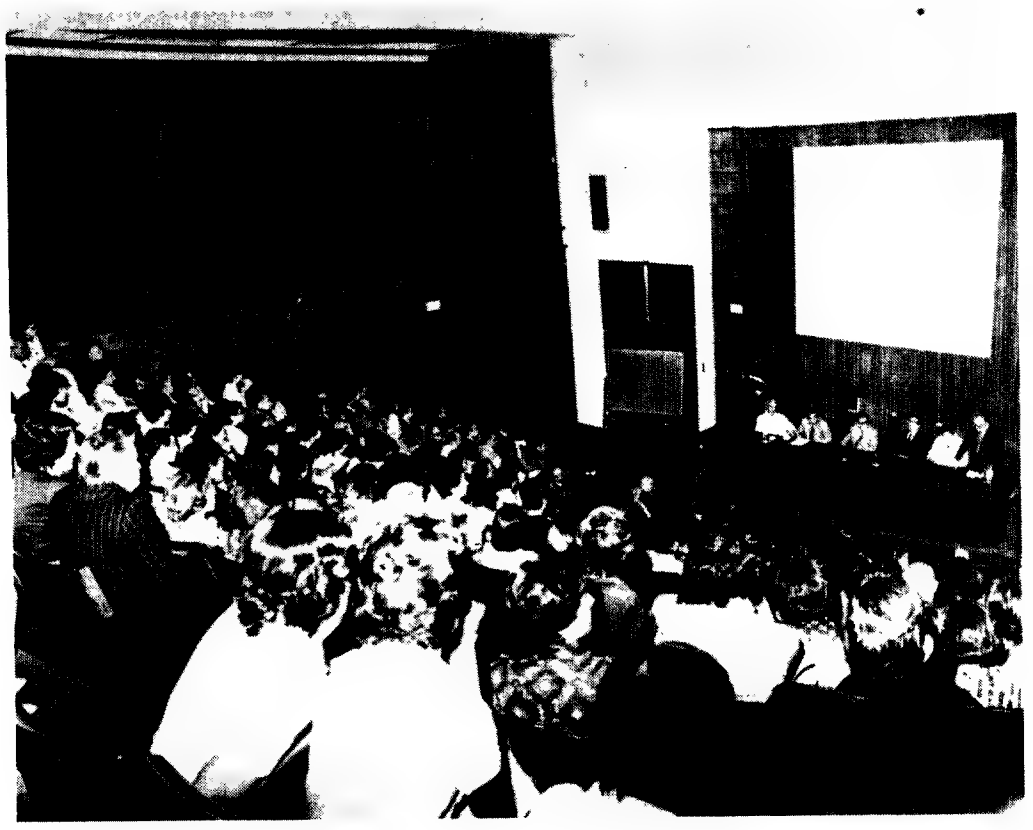
Ora todas as teorias modernas do desenvolvimento demonstram precisamente que é necessário romper com esta concepção e elaborar projectos integrados, em que se harmonizem, a acção dos educadores, a dos agrónomos, a dos médicos, enfim, planificação. Foi para remediar este hermetismo que se criou o PNDU (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), cujos «representantes residentes» deveriam reunir localmente todas as acções das instituições internacionais No actual estado de coisas o fraccionamento dos programas tornou-se regra.

O dr. Mahler admite francamente esta crítica. É verdade, diz, que «o desenvolvimento é multissectorial». Mas, acrescenta, os projectos «integrados» saldaram-se por bastantes fracassos. E a OMS, como outras instituições internacionais, apesar de uma colaboração com frequência frutuosa, em especial com a UNICEF, hoje cede à tentação de se fechar sobre as suas próprias acções, pouco propensa a partilhar e mesmo pouco disposta a aceitar o olhar exterior.

O olhar, por outro lado, tem alguma dificuldade em penetrar neste mundo estranho, onde uma omnipresente tradição intelectual anglo-saxónica se mistura à atitude burocrática de funcionários vindos de Leste, em fileiras cerradas. Desta coabitação, desta colagem sistemática de divergências ideológicas, resulta um discurso asséptico, onde a própria questionabilidade parece incongruente.

Também não se pode esquecer que se a OMS custa caro, mesmo que a sua acção seja com demasiada frequência isolada dos outros programas de desenvolvimento, ela surge como um instrumento de referência que os responsáveis do Terceiro Mundo, muito mais do que os dos países industrializados, julgam necessário à sua própria evolução. A estratégia que permitiu a erradicação da varíola, uma estratégia de confinamento, é a melhor demonstração da utilidade de uma acção sanitária comum, muito em especial na luta contra as grandes doenças epidémicas Em sentido inverso, fracasso dos métodos postos em prática contra o paludismo revela a imensidão das dificuldades com que se defronta toda a acção exageradamente sectorial.

Fazer abrir a acção da OMS, torná-la menos verbal e mais pragmática, gerir os seus fundos de maneira infinitamente mais racional, enfim, utilizar com a maior plenitude que foi necessária para que se vire para a cooperação internacional sanitária, seria voltar às suas origens. Seria também contribuir para reabilitar a função pública internacional e, por esse mesmo facto, reforçar a credibilidade das Nações Unidas. ■



Quando a Organização Mundial de Saúde se reuniu em Lisboa

A crise da Setenave

Estado vai partilhar a exploração com empresa do sector privado

Rogério Martins será o coordenador de uma comissão encarregada do estudo e negociação de uma oferta pública de cessão temporária de exploração da Setenave, soube-se junto do Ministério das Finanças.

Por um despacho conjunto do secretário de Estado das Finanças Robin de Andrade e da Indústria, Alberto Justiniano, Rogério Martins vai coordenar esta comissão, que se encarregará de estudar e negociar as ofertas feitas ao Estado para que a exploração da Setenave passe a ser feita provisoriamente por uma entidade privada.

A Setenave, atingica pela crise que lavra na construção naval, em em todos os países, está já com uma situação líquida negativa de 10 700 mil milhões de escudos, resultante de elevados prejuízos de exploração, tendo recebido entre 1976 e Abril de 1982 mais de sete mil milhões de escudos do Estado.

A fórmula escolhida para libertar o Estado dos encargos criados por esta empresa, sem levar à sua extinção ou encerramento, pelos óbvios prejuízos que isso iria provocar para a economia portuguesa, é a «cessão de exploração».

A gestão da empresa passará a caber à entidade privada que ofereça condições mais favoráveis, continuando o Estado a ser o titular da empresa.

Fontes ligadas ao Ministério das Finanças afirmaram que o trabalho da comissão visará prioritariamente evitar, na medida do possível, a extinção e liquidação da empresa, atendendo aos riscos que isso implicaria para os seus sete mil postos de trabalho.

Entre as razões para a crise sentida na empresa estão, declararam as mesmas fontes, a quebra sentida no mercado internacional da construção naval, a baixa produtividade, as frequentes perturbações laborais, a falta de um fundo de maneio adequado e o baixo nivel internacional dos preços praticados.

Rogério Martins tem vindo nos últimos tempos, a assumir publicamente posições claras e decididas sobre a necessidade urgente de clarificação e enquadramento jurídico da tutela das empresas públicas.

Antigo consultor económico de Sá Carneiro, tem uma carreira de gestor industrial e é um conhecido especialista nestes problemas.

Junta de Turismo da Costa do Estoril tem navegado no imobilismo

O secretário de Estado do Turismo disse ontem que a experiência vivida na Junta de Turismo da Costa do Estoril demonstra a acumulação, ao longo dos anos, de bloqueamentos ao desenvolvimento turístico da região.

Nandi de Carvalho falava na tomada de posse do novo presidente da Junta (JTCE), César Torres, que substitui no cargo Licínio Cunha.

Acrescentou que o «secretário de Estado não poderia continuar a pactuar com uma situação que a persistir só iria contribuir para o arrastamento do imobilismo».

Ao interrogar-se sobre o que se tem feito pelo turismo no Estoril ao nivel local, Nandim de Carvalho referiu que tanto ele como os operadores turísticos e os turistas em geral têm «perguntas incómodas a fazer».

Exemplificando perguntou «quantos novos hotéis se inauguraram neste pólo turístico nos últimos anos – quantos se remodelaram – quantos têm ainda posição para competirem em mercados internacionais?

«Porque é que não tem sido sido motivado na Costa do Estoril o investimento empresarial turístico, seja em obra nova seja num plano global de modernização do equipamento existente?» E «que é feito das promessas e dos objectivos dos vários programas de acção da junta?» Inquiriu ainda

De entre estas destacou a inexistência, até hoje, do Palácio dos Congressos previsto em 1979 para junto ao Casino, novas infra-estruturas, estância termal do Estoril, complexos de piscina em Cascais, novos campos de ténis, piscinas marítimas, Museu de Arte Infantil, aproveitamento turístico das grutas da área, Museu do Automóvel, sinalização turística, parques de estacionamento junto ao mar e a valorização das praias.

O secretário de Estado sublinhou que é preciso virar decididamente uma página do turismo do Estoril», pois é necessário «executar, concretizar, passar da teoria à prática, o que não se tem conseguido no domínio turístico do Estoril praticamente desde 1974».

A propósito da exoneração de Licínio Cunha, Nandim de Carvalho esclareceu: «não houve 'cabala', não se afastou uma pessoa 'incómoda».

«A pura verdade é que desde 28 de Abril» o antecessor de César Torres «sabia pessoal e directamente que ia ser substituído na Junta de Turismo, tendo rejeitado fazê-lo a seu pedido apenas no dia 7 de Junho».

Porto angolano do Lobito: gestão a cargo de portugueses?

A gestão do porto angolano do Lobito poderá vir a ficar a cargo dos portugueses – disse ontem um informador dos estaleiros de reparação naval da Lisnave.

A Lisnave e a sua associada suíça Navelink constituíram «uma sociedae de elaboração de estudos e projectos relacionados com a construção e a gestão de estaleiros de construção ou eparação naval, incluindo instalações de apoio ou complementares dos mesmos e de instalações portuárias ou industriais.

A constituição da Navalis – projectos navais – estará relacionada entre outros, com o projecto dos estaleiros navais no Mindelo, na República de Cabo Verde, em cuja concepção participaram a Lisnave e a Navelink e cuja operação será assegurada pela Cabnave, companhia de que é accionista a Lisnave, juntamente como Estado de Cabo Verde.

A Lisnave está a gerir no Estado do Bahreim o estaleiro naval da «Arab Shipbuilding an Repair Yard», que representa o maior empreendimento realizado por portugueses no estrangeiro, nos últimos anos.

O estaleiro, cujo projecto e construção foram inteiramente feitos por portugueses, tem gestão da Lisnave até 1984.

Um mar cada vez menos europeu (2)

Michel Didier ★

O Mediterrâneo resume, de certo modo, o problema Norte-Sul. A França, para a qual o Mediterrâneo constitui uma fronteira com o Sul, é particularmente sensível a todos os riscos de tensões susceptíveis de serem provocadas pelas desigualdades económicas, os desequilíbrios demográficos, e as incompreensões cuiturais entre o Norte e o Sul.

Os números são eloquentes e, em primeiro lugar, os da população. Reagrupemos em dois conjuntos os países com costa mediterrânica: os do Norte, países europeus de tradição cultural cristã (da Espanha à Grécia), e os do Sul, países de África ou da Ásia, de tradição cultural de tónica islâmica (do Marrocos à Turquia). Em 1940, a relação populacional é de 2 para 1 a favor do Norte: 140 milhões de habitantes ao Norte, 70 milhões ao Sul. O Mediterrâneo é um mar europeu depois, especialmente, do declínio do império otomano. Mas com uma natalidade exuberante e a diminuição da mortalidade, o impulso do Sul mediterrânico está já a fazer-se sentir. Acentua-se com o desmoronamento demográfico do Norte. Vivemos e viveremos ainda mais nos anos que se avizinham a maior fractura demográfica da história mediterrânica. Daqui a três ou quatro anos, pela primeira vez depois de dois mil anos, o Sul ultrapassará o Norte com cerca de 190 milhões de habitantes em cada uma das margens do Mediterrâneo. Depois a diferença aumentará. Segundo as projecções demográficas da ONU, 200 milhões no Norte, 270 milhões no sul, no ano 2000. E em 2020, mantêm-se os 200 milhões no Norte, cuja população estacionou, 370 milhões no Sul.

O facto dos números serem precisos, não quer dizer que sejam exactos sobretudo os daqui por quarenta anos. Mas para os quinze ou vinte anos mais próximos, a sorte está lançada.

Perante esta evolução pode-se perguntar **mas afinal, porque nao?** E voltar às ocupações quotidianas. Será mau. Porque a história mostra claramente que alterações populacionais desta natureza são acompanhadas de choques, incompreensão e, frequentemente, de violência. O exemplo mais citado pelos manuais é o fim do império romano. O seu declínio e a grande «stagflation» do terceiro século (crise económica e inflação) podem ser associados ao despovoamento que se manifesta no seu território europeu e, mais tarde, em África. Em quatro séculos, a população do império fica reduzida a cerca de metade. Plutarco conta que Tiberius Gracchus, ao atravessar a Etrúria, **«notou a bela região deserta que só tinha por trabalhadores e pastores, estrangeiros e bárbaros».**

Segundo exemplo: as cruzadas; a primeira é de 1096, a última termina nas muralhas de Tunis, em 1270 (1). São antes de mais uma manifestação religiosa. É a época em que a Europa se cobre de um **«manto branco de igrejas».** Mas se as cruzadas têm fundamentos religiosos, só foram possíveis pelo impulso demográfico do ocidente que se pulveriza precisamente no final do décimo século. Segundo cálculos de J.-N. Biraben (2), a população da Europa (sem a Rússia) passa de 30 milhões no ano 1000 para 35 milhões em 1100, 49 em 1200, 57 em 1250. O Próximo Oriente tinha 33 milhões de habitantes no ano 1000, 28 milhões em 1100, 27 milhões em 1200 e 22 em 1250. É 1 para 1 no ano 1000, quase 3 para 1 em 1250; sem estes números não se compreenderia a extraordinária migração das cruzadas.

Terceiro exemplo: o período contemporâneo. O império otomano é, no século dezanove, o maior e o mais prestigiado dos Estados mulçulmanos. Entretanto, esborôa-se, é cada vez mais considerado por um Ocidente em vitalidade plena como o **«homem doente»** da Europa. Aquilo a que então se chama a **«questão do Oriente»** é o problema que significa para as grandes potências a decadência desse império. No fim do século dezanove e princípio do vinte, um verdadeiro agitar de civilização se opera. Entre 1830 e 1910 a quase totalidade das margens do Sul e Leste do Mediterrâneo estão sob o domínio ocidental. Aqui também a democracia está no cerne da explicação. A proporção de populações entre, por um lado, o Próximo Oriente e a África do Norte juntos e, por outro lado, a Europa, passa de 1 para 3 em 1750, para 1 para 5 em 1850. O movimento acentua-se ainda depois: de 1850 a 1900 a população da margem meridional aumenta em 18 milhões de pessoas, a população da margem setentrional em cerca de 90 milhões de pessoas.

Todos estes números sublinham a amplitude do regresso que actualmente se opera, com uma rapidez sem precedentes, e do qual a descolonização não é talvez senão uma das primeiras manifestações. Nos seus **Mundos em marcha,** Alfred Sauvy recorda-nos as respostas da história aos três grandes desvios de pressão demográfica: 1) A migração clássica, autorizada e mais ou menos organizada, ou a migração clandestina por infiltração; 2) A migração maciça pacífica ou à força (é a invasão); 3) A modificação das fronteiras e a cessão de territórios. Não conhecemos a resposta que o futuro dará, mas para que o desequilíbrio das populações mediterrânicas, de ora em diante inevitável, se produza sem desordem, teremos, quanto a nós, de fazer pelo menos dois esforços: um investimento económico e um investimento cultural.

É preciso primeiro irem as riquezas ao encontro dos homens para que não vão os homens ao encontro das riquezas. A nossa disponibilidade para uma assistência técnica e económica deve permanecer grande, na medida em que naturalmente for desejada. As nossas próprias dificuldades de países ricos não devem fazer esquecer que outros, situados a uma hora de avião ou a um dia de barco, têm rendimento médico ainda muito baixo, uma sobrepressão demográfica e um desemprego muito mais elevados. E deppis, e talvez seja ainda mais difícil, é urgente que os europeus aprendam a conhecer a cultura islâmica, para melhor a reconhecerem. **«Uma vez desembaraçados da herança das cruzadas e da hipoteca colonial, saberemos encontrar as modalidades concretas para criar relações novas baseadas na nossa fé comum em Deus que é inseparável da nossa fé no homem»,** declarou recentemente Mzali, primeiro-ministro da Tunísia. A sabedoria de povos milenários, o humanismo, as boas vontades, existem também no Sul. O Islão mostrou-o mais de uma vez. Aceitemos reler a história com outros óculos. Ganharemos com isso. É o dever de todo o homem honesto, e também o nosso interesse.

1) Houve oito grandes cruzadas entre 1906 e 1270.

2) J.-N. Biraben, INED, **Population 1979,** no 1.

★ **Economista, secretária-geral da Associação França-Tunísia**

Indústria soviética cumpre plano para primeiro trimestre de 1982

No primeiro trimestre de 1982, a indústria soviética cumpriu os planos estabelecidos, informa o ofício central de estatísticas. Em relação ao mesmo período do ano passado, o aumento diário médio da produção industrial foi de 2,9 por cento. Em Março, esse acréscimo constituiu 3,7 por cento. A produção de gás, hulha, fibras sintéticas, máquinas e bens de equipamentos, tractores e outras máquinas agrícolas, bem como de artigos de consumo corrente, foi considerada acima do plano.

Ao comparar as cadências actuais com as registadas em anos anteriores, necessariamente mais elevadas, os economistas ocidentais afirmam que a economia soviética está a atravessar um período de recessão. No entanto, o plano de desenvolvimento económico e social do país para este ano foi rigorosamente traçado tendo em conta as possibilidades reais.

Deste modo, o próprio plano prevê cadências de crescimento moderadas, devido ao facto de, no decurso dos anos precedentes, não se ter conseguido evitar a acção de numerosos factores objectivos e subjectivos refreadores do crescimento da produção. Trata-se sobretudo da deslocação dos ramos mineiros e de produção de combustíveis para jazidas que exigem mais esforços e meios, o número considerável de obras inacabadas, o atraso na entrada em funcionamento de importantes unidades de produção, bem como uma quantidade insuficiente de matérias-primas agrícolas, reflexo de vários anos de más colheitas.

Todas estas dificuldades e problemas encontraram contudo as soluções respectivas no plano deste ano, que deve fornecer uma base mais segura para o desenvolvimento ulterior da economia soviética, e garantir cadências mais elevadas e aceleradas no anos seguintes. É para este fim que, no essencial, são destinados os grandes meios: ramo-chave da indústria, agricultura, complexos avançados e indústria de bens de consumo.

Progresso nos domínios essenciais

O balanço do primeiro trimestre atesta que a indústria soviética progrediu consideravelmente nos domínios essenciais. Nos ramos fornecedores de combustíveis e energia, entraram em funcionamento várias capacidades importantes, o que assegura um crescimento substancial da extracção de gás, hulha e energia eléctrica.

No entanto, registaram-se também, em alguns sectores, cadências de desenvolvimento mais elevadas do que nos anos anteriores. É o caso de vários ramos das construções mecânicas para a energética, indústrias química e petrolífera, construção de aparelhos na indústria de instrumentos e construção de aparelhos de precisão. Os economistas soviéticos vêem neste progresso um factor muito importante, que pode garantir a intensificação do desenvolvimento nacional.

Por outro lado, está em vias de ser resolvido um problema urgente da produção soviética: a redução substancial do trabalho manual. No trimestre passado, foram instalados nas empresas industriais 1200 tipos de cadeias mecanizadas, tendo-se automatizado inteiramente mais de 900 sectores, oficinas e produções.

É também sabido que a União Soviética concede especial importância ao requerimento técnico e ao reforço da base material da agricultura. Os ramos da construção mecânica que abastecem o sector agrícola aceleraram visivelmente as suas cadências de produção.

A tónica da orientação social do 11.º quinquénio prevê igualmente alterações substanciais nas principais proporções da economia nacional, em favor dos artigos de consumo. Foram consagrados importantes investimentos para garantir em fundos e técnicas as indústrias ligeira e alimentar, a pesca e os ramos produtores do consumo.

Foi também aumentada a produção de equipamentos tecnológicos para os ramos da indústria pesada que dão uma contribuição apreciável à produção de artigos de consumo, sobretudo os bens duráveis.

A União Soviética encontra-se actualmente na etapa inicial e talvez a mais difícil do quinquénio. Trata-se de lançar as bases para o desenvolvimento posterior de toda a economia nacional e para o êxito da realização do 11.º plano quinquenal de desenvolvimento economico e social do país.

(NOVOSTI)

Fomento da Habitação

Continuação da pag 2

tui, a partir de meados de Junho, o conselho directivo e a presidência, herdando as respectivas competências e atribuições É formalmente encarregada de proceder ao desbloqueamento das «dificuldades financeiras e administrativas e da gestão dos serviços, com vista à dinamização da produtividade dos mesmos e à aceleração do programa habitacional definido pelo Governo». No mesmo diploma se prometia o início «imediato» da revisão orgânica do FFH.

A comissão directiva empossada anuncia publicamente que vai promover esses objectivos no prazo de «60 a 90 dias», findos os quais se retiraria.

Diversas vezes remodelada, essa comissão viria a manter-se em funções até Junho de 1976. Entretanto, a nova lei orgânica do FFH não havia sido aprovada, nenhum dos problemas de estrutura e de pessoal haviam sido resolvidos. Não por falta de vontade dos responsáveis e dos trabalhadores do organismo que no período em referência equacionaram os problemas do Fundo e para a sua resolução apresentaram propostas às entidades superiores.

Simplesmente, verificaram-se nesse período alterações políticas e de responsáveis ministeriais que haveriam de inflectir profundamente as tendências da política habitacional, o papel e a forma de funcionamento que se destinava ao FFH.

Em causa estava de novo o papel do Estado na política habitacional, a concorrência de mercado que os nossos promotores imobiliários não toleravam, estratégia a que os responsáveis governamentais na época perfilhavam.

DESPORTO

ESPANA 82 ESPANA 82 ESPANA 82 ESPANA 82 ESPANA 82 ESPANA 82

Maradona Produções falência na inauguração

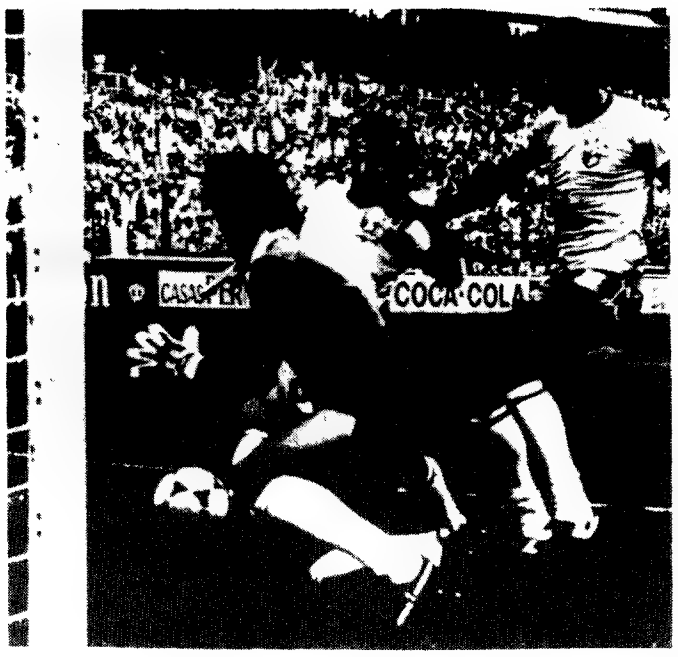
Neves de Sousa
nosso
enviado especial

Milhares de bandeiras: brasileiras e não só. Colorido inesquecível, o amarelo-verde (claro) predominando. Ensurdecedor o barulho das torcidas, todos os provocadores de ruído recrutados: do bombo ao pífaro, do trombone ao reoc-reco, do pandeiro à corneta, tachos e panelas. Fim do Mundo a verde e ouro, «torcida» abafando a «aficion».

Jogo completamente à sul-americana: apenas faltaria o «sururu», pois até o trio de direcção veio daqueles lados (México, Chile e Colômbia) para completar o ramalhete. Maradona entra a benzer-se, bola na mão esquerda. Uma tempestade de confétis, plateia a escorrer. Hinos. A barba crescida de Dieguito seria alguma fé frustrada?

Jogar e deixar jogar

«Canarinhos» não espartilharam ninguém, Kempes tenta caír sobre a esquerda preparando lances: missão impossível para um «astro» a vinte por cento. Valdir sai de entre os postas: os rapazes do «Custódio de Melo» demoram o suspiro de alívio. E, logo, a exclamação delirante: o tirão de Eder, as mãos de Fillol



Zico, oportuno, marca o primeiro do Brasil jogo de ontem com a Argentina

escaldando ou simplesmente o guarda-meta tolhido na recuperação? Reumatismo de Rubaldo Matildo, do Rier Plate? Simplesmente galope em força de Artur Antuñez Coimbra, o Zico do Flamengo?

Rebentam os tímpanos, cresce o frenesim. Tarantini desentende-se com Leandro, o terrível futebol de contra-ataque brasileiro é demónio caprichoso que arranca velozmente do casulo. Ardiles, o motor de Menotti, procura arrumar a moradia. Serginho vai «atrapalhando os beques». Arte em Falcão é mato: ninguém o suplanta, nos cortes de calcanhar como em tabelinhas de tom sublime.

Zico é outro falcão: um turbilhão-caixa-de-surpresas. O meio-campo brasileiro implanta sua lei. Na defesa argentina, há confusão e alarme de cada vez que a esferinha surge rasteira, pelo flanco de Eder, nos pés de Leandro (para cruzamento), nos endosses do soberano doutor Sócrates. Mas, para os de Menotti, o problema maior é a liberdade concedida a quem possue as rédeas e as melhores figuras do baralho; Zico e Falcão, Falcão e Zico (venha o Diabo e escolha), é a dupla que, dando o braço a cerezzo e Sócrates fica a marcar o tempo de desgaste de argentinos, impotentes para colmatarem brechas, impossíveis face a um diálogo em tom precioso.

Marcar, confirmar

A volta dois do relógio foi um torvelinho. Ramon Diaz rende um Kempes que, hoje, não valeria um pratinho de «cigalas», lá por Valência.

Sócrates leva no osso, perna direita com Mazela, ele próprio ordena a receita. Colhido à ponta da área, nota-se finalmente Maradona: as suas produções continuam a gráu zero, o rapaz assombrando de susto todos quantos empataram uns cobres na aventura louca do construtor de esqueletes de cimento, promovido a presidente do rotulado e todo poderoso «Barça».

O jogo vai andand. Não se pode falar com o vizinho: agora, é mais uma charanga que estoira, de um prédio próximo ao topo em que Valdir guarda a rede. O Brasil, em procissão telecomandada, de moto próprio combinado, continua a ceder «cantos»: seriam treze, de fio a pavio, sem sequer averbar um risquinho para o seu erário. O que interessava era atirar logo à malha: brincadeiras, meias-tintas, são para recreio de infantário.

Assim, o Brasil mete na mão o 2-0. Falcão cruza, Serginho diz que sim ao couro e, pumba, no véu de noivado: o estádio explode, a labareda chega até São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte. Quem foi que inventou o futebol? Ingleses? Não pode ter sido: lá no túmulo, os idealizadores devem tremer de susto. Hoje, apanhavam um banho de bola e recolhiam a penates em menos de um fósforo.

«Gringos» por terra

Os homens dos Pampas não sabem que fazer à vida: aquilo é demais para as suas possses. Todos procuram Maradona: mas a estrela figiu da estrelinha. O terceiro insucesso sequente na cidade que se empenhou para o ver em fato de passeio e está muda de medo. E, quando o 3-0 sai da bota relampejante de Júnior, lado-a-lado com o eco mais estrondoso ainda de uma loucura que embateu nas paredes verdes do Amazonas, os Passarella, Tartini e Galvan estão totalmente por terra. Beijam a relva como se tivessem sido derrubados de um corcel em furia. As botas pesam como se fossem camperas O chicote virou fita de nastro Mastigam, borram, consomem o tempo, mas não progridem ou, se o fazem, os expeditos defensores amarelinhos cortam cerce o perigo, nem que seja pela cabeceira; foi para isso que se inventaram os arquinhos junto às bandeirolas

Zico leva uma sarrafada de todo o tamanho, trabalho operacional para o melhor bisturi. Argentinos cobram reposições quase sem dar tempo à apitadela ordenadora. Baptista também sai ao colo, a caminho do gelo e do fofo da caminha. Quando vem o 3-1, no momento de revolta de Ramon Diaz, poucos ligam e o rapaz nem um abraço tem como prémio: toda a gente olha, tristeza meditando, aquele pobre milionário nascido a 30 de Outubro de 60, que certamente daria larga fatia da sua fortuna para sair em ombros pela porta grande de um estádio de Barcelona. Para ele, este «Mundial» será sempre a nota de mais viva chaga.

Quando, de cabeça baixa, parte solitário a caminho do banheiro, sem uma só mão em seu auxilio. Que louco tumulto de sentimentos iria consumindo aquele corpo bamboleante e atarracado, que tudo prometera para ficar perdido na valeta?

Menotti diz adeus

Cigarro na ponta dos dedos finos, impecável no fato azul turquesa, ato como uma torre, César Menotti mostra impressionante serenidade, disfarça qualquer nervosismo. Na frente um microfone.

O Brasil impôs mais ritmo e aproveitou bem as oportunidades, ao contrário da Argentina, onde os jogadores mais jovens acusaram fortemente a responsabilidade de estarem num «Mundial». A expulsão de Maradona resultou de um puro lance de bola dividida, a liberdade de Zico não é razão suficiente para se dizer que decidiu o resultado e, quanto a jogo-jogado, as duas equipas estiveram «perelhas».

Acabou um cigarro. Puxa imediatamente de outro, o fumo ofuscando o ar solene que pesa sobre a reunião.

Realmente, Maradona não está fisicamente na sua melhor forma, tal como acontece com Kempes. Quanto ao espectáculo, creio que foi de futebol viril, sem violência. O meu futuro? Sem problemas: já tinha resolvido que não continuaria à frente da selecção argentina.

Perguntam-lhe uma comparação: passado recente e presente já pronto para virar a esquina.

Em 1978, o grupo da Argentina tinha mais personalidade. Quanto à tarefa que esperao o Brasil consideroãa cada vez mais difícil, pois está à porta a Itália e, pelo que se viu desde que o «team» italiano nos venceu, até os jornalistas lá da terra passaram a só descorir virtudes no «onze» que, até à tarde do encontro connosco era um poço de defeitos. Os jogadores estavam velhos, o treinador estava velho. Agora é a mocidade em flor, tudo são rosas. Boa sorte também para os «periodistas» italianos. .

Telé, Telé tem a história do artista

«Está tudo escarrapachado, no artigo da revista»: assim costuma cantar o bom amigo Fernando Tordo, quando pega no seu «Telé» e o acompanha com viola sábia. Desta feita, Telé Santana estava acompanhado mas a música andava já pelas ruas:

O jogo, pela tradicional rivalidade, foi nervoso. Qualquer das equipas pode fazer muito melhor.

Abre-se em riso feliz, camisola contornando corpanzil de lutador

O Brasil esteve fraco no 1.º tempo mas depois foi muito melhor. Agora, basta empatar com a Itália: e aí estamos nas meias-finais. A pancada no músculo e no joelho de Zico foi intencional e maldosa. Desleal a maliciosa como a carga a Baptista. A marcação pode ser feita, mas nunca daquele modo.

Franzindo levemente a testa:

De qualquer modo, acredito na recuperação de Zico, para o jogo na 2.ª feira, com os italianos.

O técnico brasileiro faz, depois, pequena história de como viu o jogo e os seus artistas Não quer destacar nenhum, nem mesmo esse portentoso Falcão ou esse fascinante Zico, o magnífico Sócrates ou aqueles brilhantes defesas que cortavam construíam e rematavam em ponto de bala Meteram na algibeira Maradona «El Pelusa» acabaria por deixar o palco pelo buraco do tabique

Foi o vertiginoso fim de «show» paupérrimo do grande actor no cartaz O «Adios, Pampa Mia» não correspondeu à rendição de Espanha, aos pés do «diestro» de Buenos Aires. Na bancada, os divos italianos interrogavamãse: Foram eles que jogaram bem ou esta selecção argentina, enfeudada a Maradona, torna-se vulgar presa quando o rei está de costas viradas para a fortuna para a sorte das armas?

Simplesmente e cá para mim: Maradona é como o fascismo. Não existiu. Pelo menos neste «Mundial» de lágrimas e recalques, Diego só recordará as doces tardes no regaço de Cláudia, quem sabe se causa forte e indirecta de ter mergulhado no pó o mais rico dos futebolistas sobre a terra.

Maradona: depois da expulsão de ontem, resta-lhe chorar no ombro da noiva Cláudia

Televisão repete hoje o Brasil-Argentina

Dando seguimento aos muitos pedidos que lhe foram ontem feitos, a Radiotelevisão Portuguesa decidiu repetir hoje, no segundo canal, o jogo de ontem entre brasileiros e argentinos.

A partir das 20 horas, todos quantos gostam de futebol e têm hipóteses de captar o Canal 2 da RTP, poderão apreciar esse belo espectáculo desportivo, pelo menos até ao momento em que ele esteve à beira do «sururu».

Aqueles que viram o jogo em directo, poderão também tirar as dúvidas com que certamente ficaram, num ou noutro lance.

ESPECTACULAR CAMPANHA DE VERÃO
TELEVISORES A CORES
M. L. FERREIRA
RUA D. ESTEFÂNIA, 48 - A 1000 LISBOA
51 cm 35.000$
56 cm 38.000$
66 cm 42.000$

DESPORTO

ESPAÑA 82 ESPAÑA 82 ESPAÑA 82 ESPAÑA 82 ESPAÑA 82 ESPAÑA 82

Dicionário do Mundial visto pela "Marca"

Em «Marca», sob as iniciais C.M., o «Dicionário del Mundial-82», tem um tal requinte nas apreciações que não resistimos a alguns excertos:

Árbitros: «Senhores que sabem de futebol, por vezes em demasia».

Calor: «Algo que não se podia prever em Espanha, nos últimos dias de Junho e primeira quinzena de Julho, às cinco da tarde. Nunca tinha acontecido.»

Desporto: «Negócio de poucos à custa de muitos».

Bilhetes: «O que apenas se consegue com muitas recomendações e Raimondo Saporta distribui prodigamente pelos restaurantes».

Federativo: «Senhor que se retrata à base do futebol».

Futebol: «Pretexto para fazer negócios formidáveis».

Golo: «Espécie em extinção».

Internacional: «Jogador que veste a camisola nacional a troco de publicidade.»

Kisinger: «Convidado de Raimondo Saporta do seu próprio bolso o que revela a generosidade do senhor Saporta. Kissinger é (oficialmente) mediador em conflitos».

Fiscal de linha: «Um cúmplice».

Maradona: «Mil milhões em perigo».

Nicotina: «O produto mais consumido e mais reclamado num mundial desportivo».

Organização: «Nada sabe do que acontece».

Preços: «O que diariamente sobe no Mundial e se não existe logo se inventa».

Hoteis: «Tarifa dupla».

Resultado: «A combinar entre os interessados».

Sala de Imprensa: «Normalmente um pandemónio, muitas vezes um inferno perfeito».

Seleccionador: «Senhor a quem todos perguntam o que vai fazer quando ele próprio não sabe o que deve fazer».

Cartão: «Cartolina que quase sempre aparece demasiado tarde, para proteger os jogadores dos seus antagonistas violentos e, quase sempre, serve ao árbitro para autodefender-se».

Terceiro mundista: «Gente sem respeito pelas grandes potências».

N.S.

Mundial Espanha-82: as peripércias do evento, deu para um novo dicionário...

Santamaria vai regressar a casa, para junto da família. Nesta foto faltam três filhos: há dez bocas a alimentar...

"Vaya con Dios, Santamaria"

Espanha (sem receio de exagero) quase acorda com crepes: no espirito de todo o adepto, longos meses catequisado para ajudar a construir um êxito que seria honra para to futebol espanhol, dissipou-se no negrume da noite todo o folgedo, acabou sem o mínimo de beleza o estrondoso baque de José Emílio Santamaria. Depois do campeão mundial, cai também da balança o país anfitrião, justamente os dois símbolos nacionais a que não foi exigido o mínimo esforço para estar presente na mostra maior do rei dos jogos desportivos.

Em menos de um fósforo, entre um pôr de sol e as primeiras estrelas, o título foge da língua espanhola.

Os germânicos não se preocuparam nada: sabiam que bastava aproveitar a maré. Erros acumulados, fantasmas permanentemente erguidos, toda uma descuidada preparação que pareceu mais encaminhada para a obtenção de rendas publicitárias (anúncios de bebidas, fatos, electrodomésticos, não sabemos mesmo se de papel higiénico) e aí está como os jogadores espanhóis esbanjaram o seu tempo útil, antes do esforço que tinham o dever de ofertar aos seus tributantes. Depois, a queda das nuvens foi somente uma questão de horas. Aconteceu perante os alemães federais em tom definitivo: A ameaça viera muito antes, de hondurenhos. Prolongara-se sempre o corte do pescoço porque os árbitros tinham sido perdulários na sua generosidade para quem os convidava: e lá iam fazendo o seu jeitão. Os irlandeses do Norte voltaram a dar sonoro alarme: Santamaria e os seus «boys» sorriram desdenhosamente, talvez convencidos de que a sorte acode toda a vida pelos inocentes. Não é verdade: fora isso e nao valia a pena estudar, ter humildade, alinhar em trabalho.

Com a certeza que, a esta hora, José Emílio Santamaria, cidadão espanhol nascido no Uruguai, profissional de futebol provavelmente logo a seguir ao berço, terá recolhido à privada, para um severo e futuramente útil exame de consciência. Mas, em Espanha, no país que lhe abriu os braços e, em suprema prova de confiança lhe ofertou a sua selecção, não vão tão cedo perdoar o rude e atroz golpe deste homem casmurro nas suas ideias, parado no tempo, hiperbólico nas congeminações doentias. O futebol espanhol falhou rotundamente neste Mundial construído à medida, formato e peso, da sua capacidade, da sua possibilidade, dosonho que se sabia poder ser realidade. Santamaria, navegando num mar de erros que parece ter bruscamente tomado de assalto toda a península Ibérica, está hoje mais barato que um tostão.

Não vale nada, ninguém o aceita ao nível em que não se conseguiu defender da crítica.

Porque jogou sem extremos, sem sistema eficaz de táctica apropriada, sem organização nem esclarecimento a meio-campo, sem a personalidade que (inclusive) Menotti soube assumir na hora em que o fracasso de Diego Maradona, podia sepultar o seu técnico, Santamaria não encontrou antídoto para nenhum sistema: Nem defendeu a zona, nem homem a homem. A preparação física dos seus comadados foi um zero, as trocas nunca foram eficientes nem acertadas, ficou atordoado no banco como era Hagan quando as coisas corriam para o torto. Queimou figuras e tirou sonhos para a vala comum.

Agora, na hora do sublime desastre, ninguém o poupará. Santamaria (exemplo vivo da exacerbada vaidade) tentou há dias mudar o leme e procurar porto de salvação. Era tarde: o inevitável batia à porta.

Uma vez mais, Portugal e Espanha ficam juntos, com história comum.

E não vale a pena rebuscar muito na memória, para se ficar de costas na parede: importa, agora como sempre, tirar do erro a lição.

Vaya Santamaria. Con Dios e pronto.

Neves de Sousa

Bola cá, bola aí

A uma esquina da «calle» Numancia, um velhote dá autógrafos: recordam-se da Xavier Cugat, o que dirigia uma orquestra especialista em rumbas e em esculturais vocalistas?

• Estou em Barcelona para comprar um andar. Quero vender o meu «Rolls Royce» e ficar uns tempos por aqui

Ao lado, uma belezinha loura: Ivon. Vive com o maestro mas não stão para casar. Cugat, jocoso, comenta:

● Não quero cometer mais erros: vamos dar tempo ao tempo...

O «Rolls Royce» custa 3200 contos. A esculturinha de cabelos ouro quanto gastará aos cem dias?

Ganhar e perder

A Imprensa ataca acerbamente o péssimo espectáculo do URSS - Bélgica, afirmando o seleccionador polaco Anton Piechniczek:

● Se os soviéticos não melhoram, já ganhámos o jogo de amanhã e vencemos a chave de acesso às meias-finais.

Porém, há quem coloque água na fervura. Ladislau Kubala diz-nos:

● A União Soviética reservou-se para combater Boniek e seus parceiros, repousou para o vale-tudo com a Polónia. E a Bélgica, que fez aquela estrondosa surpresa da vitória sobre a Argentina, acabou por pagar caro o esforço inicial e acusar tremendamente as faltas de Pfaff e Gerets.

A propósito de belgas: o defesa Renquin firmou com os suíços do Servette, por quatro temporadas. E, quanto a italianos, o problema nascio no Fiorentina, que para a nova época quer reunir, sob o mesmo emblema, os famosos Antognioni e Graziani, mais os argentinos Betoni e Passarela. Sabidos os desaguiisados que ocorreram durante o «match» entre os transalpinos e os sulamericanos , neste mundial, é fácil calcular o motivo porque, inesperadamente, o presidente do Fiorentina voou ontem até Barcelona.

De facto, o futebol italiano tem o futuro mais próximo largamente enfeudado a este campeonato porque até Falcão está provocando dores de cabeça aos responsáveis pelo Roma. A Confederação Brasileira de Futebol, para poder contar com o fabuloso «volante» louro, teve de fazer um seguro no valor de dois milhões de dólares (cerca de 150 mil contos) a favor do Roma, entidade patronal que autorizou dez dias de férias para o centro-campista gozar após a «Copa FIFA». Só que, inesperadamente, Falcão apareceu a exigir um mês, inteirinho, de repouso total: e os homens de Roma estão assarapantados, sem saber o que fazer. Se o jogador não descansa, fica toda a época a queixar-se do superesforço a que foi submetido. Se vai de férias e não inicia a preparação juntamente com os demais colegas, ninguém atura os «tiffosi» no caso das coisas, no campeonato italiano, não correm logo à medida dos desejos do Roma.

Preso por andar com cão, preso por não ter guarda.

Derivativos

Esta noite, grande festival de jazz na Basílica de Santa Maria Del Mar, neste luminosa cidade condal. Vão actuar Nuria Feloiu, Tete Montoliu, Marion Willuams, e as Barret Sisters, para uma lotação há muitos dias esgotada. Trata-se de um espectáculo de prestígio que pretende ombrear com os Rolling Stones (a nove do corrente, em Madrid) que já tem o seu material de trabalho no porto de Santander, espalhado por 44 enormes caixotes

A Rádio Barcelona começou hoje a emitir de um dirigível:

O programa **«A Rádio ao sol convida ouvintes a viajarem pelos ares»** promete inovar, em matéria radiofónica, especialmente no circuito comercial. E, que melhor pretexto, mais adequada escolha, que aproveitar o mundial futebolístico para este lançamento? Uma competição em que fervilham certezas e hipóteses, em que (momento a momento) novos casos, diferentes acontecimentos, vão marcadno o quotidiano. Sabiam que, lá por Madrid, há centenas de ingleses dormindo pelos jardins, expulsos dos bares e impedidos de entrarem «borrachos» no «Santiago Barnabéu»? É que o técnico birtânico Greenwood está prestes a ser substituído por Bobby Robson, «manager» do Ipswich Town?

Mais: que Michel Hidalgo se debate com o reaparecimento de Platini, que obriga a mexer no «team» e (provavelmente) retirar Tigana, que teve excepcional rendimento na última exibição dos tricolores mas (tal como o apixonado Larios) não está nas boas graças do «maestro»? Que o congresso espanhol não desiste de indagar, até ao ponto limite, toda a responsabilidade de quem atribuiu poderes plenos à «Mundiespaña» para o mais descarado e puro negócio especulativo que já marcou qualquer competição desportiva de alto nível? Que mais de duas dezenas de polacos, vindos a Espanha como acompanhantes da sua seleção, pediram asilo político, juntando-se aos 40 compatriotas que desde Dezembro de 1981 também ficaram por estas bandas? Que, em contrapartida, trinta ingleses d foram esta manhã expulsos de Madrid, por péssimo comportamento social?

Um mar imenso de acontecimentos submerge, em cada minuto, que está pelos bastidores do maior espectáculo de futebol em todos os tempos. Oxalá o festim, caído subitamente em estômagos vazios, não vá afectar as apreciações dos cronistas portugueses ao torneio que, por nossacasa, subirá breemente à cena. Comparações, para quê, amigos?

DESPORTO

Futebol:

Alargamento ou não?

Dirigentes do Sporting Farense, Sport Comércio e Salgueiros, Futebol Clube de Penafiel e Clube Académico de Coimbra reuniram-se ontem em Coimbra para análise de problemas comuns.

Fernando Barata, Júlio Lima, Morais dos Santos e Ezequiel Correia Umbelino, presidentes dos referidos clubes, responsabilizaram pela situação que as quatro colectividades vivem «a orgânica e regulamentação viciadas da Federação Portuguesa de Futebol».

Em comunicado comum divulgado no termo do encontro afirmou que continuam a considerar que «a resolução do problema dos quatro clubes, para o qual em nada contribuíram, passa pelo Congresso Extraordinário da Federação Portuguesa de Futebol».

O comunicado considera falsos problemas «quer os óbices levantados nos órgãos da Comunicação e a um eventual alargamento quer as opiniões isoladas que se arrogam representativas das instituições desportivas».

Uchoa: seis meses em Alvalade

Uchoa: o contrato com o Sporting vai só até ao fim do corrente ano

Ontem:

Homenagem a Belarmino

A selecção de Lisboa derrotou ontem à noite a do Porto, por 3-2, num encontro de boxe disputado no Coliseu dos Recreios, em homenagem póstuma ao pugilista português Belarmino Fragoso.

Belarmino faleceu em Abril com 50 anos, em consequência de um atropelamento em Almada, onde resisidia, e a festa de homenagem constituiu uma forma simbólica de os adeptos do boxe auxiliarem a viúva.

Belarmino distinguiu-se como pugilista além-fronteiras na categoria de meio-leve e leve nos anos 50.

A sessão de homenagem integrou uma exemplificação do «boxe americano» e uma «simultânea à americana» que contou com os pugilistas Orlando de Jesus, António Mondin, Dino Freitas, Carlos Almeida e Realinho.

No encontro entre Lisboa e Porto, (que encerrou a sessão) verificaram-se os seguintes resultados:

«Pesos mosca»: Eduardo Costa, (Porto) venceu por pontos Manuel Fernandes, (Lisboa).

«Pesos pluma»: Victor Teixeira (Porto), venceu por desclassificação caídoas Pereira (Lisboa).

«Pesos ligeiros»: Alfredo Lamego, (Lisboa) venceu por inferioridade física Benjamim Martins, (Porto).

«Pesos meios-médios ligeiros»: Américo Tomás, (Lisboa) venceu por inferioridade física António Pereira, (Porto).

«Pesos médios-ligeiros»: Vítor Carvalho, (Lisboa) venceu por abandono Oldemiro Caldas, (Porto).

«Pesos médios-pesados»: «matc nulo» entre José Moço, (Porto) e António Godinho, (Lisboa).

Lewis quer ser o maior

Três recordes mundiais de atletismo resistem há 14 anos como se fossem erros de cronometragem ou de medição: 100 metros em 9,95 segundos, 400 metros em 43,86 segundos e um salto em comprimento de 8,90 metros. Todos os outros recordes de atletismo foram batidos nos anos que se seguiram, desde que aqueles máximos foram estabelecidos nos Jogos Olímpicos de 1968, disputados na atmosfera rarefeita da Cidade do México, 2286 metros acima do nível do mar.

Surge agora Carl Lewis, que procura bater o tempo de Jim Hines nos 100 metros e o supersalto de Bob Beamon. Ambas as marcas, afirma Lewis, podem cair este ano. O tempo de Lee Evans nos 400 metros terá que esperar por mais alguém.

Não sei quais são os meus limites – declarou Lewis, vencedor do Prémio Sullivan destinado ao melhor atleta norte-americano de 1981. **Sei, porém, que ainda não os alcancei: quando saltar 9,10 metros e correr os 100 metros em 9,9 segundos estarei disposto a abandonar.**

No salto em comprimento estou a treinar uma nova corrida de chamada, em nova distância – revelou Lewis, durante uma competição de atletismo disputada recentemente, em San José. **Será uma corrida de quase 50 metros – 49,68 metros mais exactamente. Posso assim alcançar mais velocidade. Com a anterior distância de 44,8 metros não podia obter a velocidade de que necessito. Nos 100 metros, penso que posso este ano baixar dos 10 segundos** explicou. Para os espectadores, Lewis é uma imagem fugidia quando corre. O atleta, porém, vê a corrida como se ela se realizasse ao retardador. **Os 100 metros parecem demorar 10 horas** (afirma Lewis) **são apenas 10 segundos, mas acontece tanta coisa (estratégia, pensamento, pequenos ajustamentos) que a corrida parece lenta. Correr 20 segundos (para os 200 metros) parece uma imensidão: essa corrida parece durar uma eternidade. Não consigo imaginar o que pensa um corredor de 400 ou de 800 metros: para mim, as corridas têm de acabar depressa,** comentou.

●

Nos Jogos Olímpicos de 1984 (em Los Angeles) Lewis tenciona participar nos 100 metros, no salto em comprimento e na estafeta de 4x100 metros. Ninguém desde Jesse Owens (em 1936) obteve medalhas de ouro olímpicas nos 100 metros e no salto em comprimento. Owens ganhou também os 200 metros em Berlim.

Lewis é já um dos atletas com melhores marcas nos 200 metros com um tempo de 20,27 segundos, a meio segundo do recorde mundial de 19,72 estabelecido há três anos por Pietro Mennea (Itália) também na Cidade do México. Aluno da Universidade de Houston (Texas) onde estuda comunicação de Rádio e Televisão, Lewis não pode ser escolhido para os campeonatos universitários dos Estados Unidos nem para outras competições universitárias porque não participou no número mínimo de provas exigidas na sua Faculdade. Lewis procura este ano ser seleccionado para as competições universitárias, mas declarou que poderá deixá-las no próximo ano e aproveitar lucrativos contratos comerciais com várias firmas patrocinadoras. Lewis calcula que poderá ganhar mais de 100 000 dólares (cerca de 7000 contos) com estes contratos e manter apesar disso o seu estatuto de amador para competições internacionais.

"Tour"

Hinault evidentemente

O francês Bernard Hinault envergou hoje a camisola amarela da Volta à França em bicicleta depois de ter ganho ontem o contra-relógio entre Binningen e Oberwil.

Hinault gastou o tempo de nove minutos e 31.59 segundos para os 7,4 quilómetros do percurso, batendo por sete segundos o holandês Gerrie Knetemann e por 11 segundos o alemão-federal Gregor Braunn.

O corredor francês, que este ano ganhou a Volta à Itália venceu já a Volta à França em bicicleta em 1978, 1979 e 1981.

Classificação dos dez primeiros no prólogo: 1.º Bernard Hinault (França), 9 minutos 31 segundos; 2.º Gerrir Knetemann (Holanda), 9.38; 3.º Gregor Braun (RFA), 9.42; 4.º Phil Anderson (Austrália), 9.44; 5.º Regis Clere (França), MT: 6.º Bernard Vallet (França), 9.45; 7.º Daniel Gisiger (Suíça), 9.47; 8.º Bert Oosterbosch (Bélgica), 9.50; 9.º Joop Zoetemelk (Holanda), 9.51; 10.º Patrick Bonnet (França), 9.52.

A primeira etapa disputa-se hoje entre Schupfarte e Moehlin, na distância de 208 quilómteros.

GP do FC Porto em Ciclismo

Manuel Neves de amarelo

Manuel Neves, (Rodovil), mantém a camisola amarela do Grande Prémio do FC Porto em ciclismo após a terceira etapa disputada ontem e que foi ganha por Paulo Teixeira, (Bombarralense).

Teixeira gastou o tempo de 1.33,50 horas para os 62 quilómetros do percurso entre Viatodos e Fanqueira, batendo Luís Teixeira, (Coelima), creditado com 1.34,01 horas.

Classificação da etapa: 1.º Paulo Teixeira, (Bombarralense), 1.33,50 horas; 2.º Luís Teixeira, (Coelima), 1.34,01; 3.º Bernardo Sousa, (Vigaminho), 1.34,06; 4.º Armindo Terebentino, (Vigaminho), mt; 5.º Raul Terebentino, (Ovarense), mt.

Classificação geral: 1.º Manuel Neves (Rodovil), 4.03,34 horas; 2.º Fernando Carvalho, (Ovarense), 4.03,36; 3.º Manuel Cunha, (FC Porto), 4.03,59; 4.º Belmiro Ribeiro, (Vigaminho), 4.04,06; 5.º José Henriques, (Lousa), 4.14,07.

Por equipas comanda o FC Porto com 12.15,46 horas.

O que será o "Lisbon Sail 1982"

Mais de 80 navios-escola e veleiros de 19 países estão inscritos para a visita jubilar a Lisboa, que decorrerá de 3 a 7 de Agosto, disse o presidente da Comissão Directiva da Aporvela.

Guimarães Lobato afirmou em conferência de Imprensa que a Associação Portuguesa de Treino de Vela (Aporvela) organizou em conjunto com o Sail Training Association (STA) e a American Sail Training Association (ASTA) as grandes provas de vela para navios-escola e veleiros «Lisbon Sail 1982».

Em virtude de Lisboa ter sido a meta da primeira prova, realizada em 1956, com partida de Torbay (Grã-Bretanha), a vinda à capital portuguesa dos navios-escola em 1982 é também uma visita jubilar, referiu.

Mais de 80 navios-escola e veleiros de 19 países europeus e americanos estão já inscritos, correspondendo as suas guarnições a mais de dois mil tripulantes, cadetes e alunos de treino de vela, disse Guimarães Lobato.

Embora os navios-escola e veleiros participem em regatas de competição, estas **são verdadeiras provas de formação da juventude por intermédio do treino de vela,** acrescentou.

Nestas provas, disse o presidente da Comissão Directiva da Aprovela, **criam-se sentimentos de responsabilidade, de capacidade de execução, de organização respeitadora da vida a bordo, em comunidade, a oferecer ainda uma certa medida de risco e aventura que os jovens muito apreciam.**

A Lisbon Sail 1982 inclui uma série de provas com o nome genérico de «Cutty Sark Tall Ships Races»: em 27 de Junho a New World Race de Newport (EUA) para Lisboa, e em 23 de Julho a Cutty Sark Tall Ships Race, de Falmouth (Inglaterra) para Lisboa.

Guimarães Lobato revelou que para além dos apoios da marinha e da força aérea, a organização da prova nos Estados Unidos, Inglaterra e Portugal deverá custar mais de seis milhões de escudos. Essa comparticipação foi apoiada por grandes empresas nos respectivos países, disse.

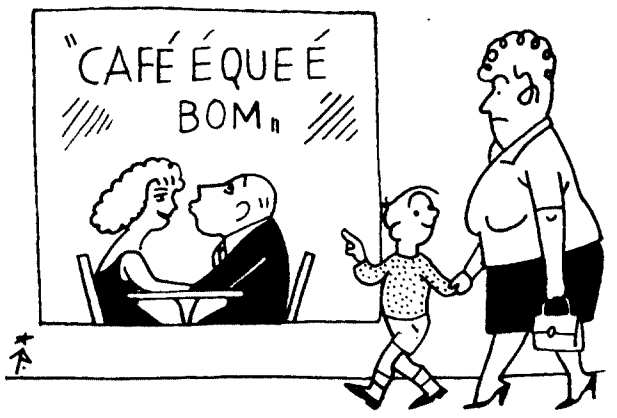
A visita jubilar a Lisboa está a ser organizada pela Aporvela, com o apoio de entidades militares e civis que têm contribuído para este grande acontecimento mundial, acrescentou.

O acompanhamento das provas será feito pela Armada Portuguesa por intermédio dos seus navios de guerra, no mar dos Açores e na costa potuguesa. A corveta «Augusto Castilho» apoiará a prova de Falmouth para Lisboa.

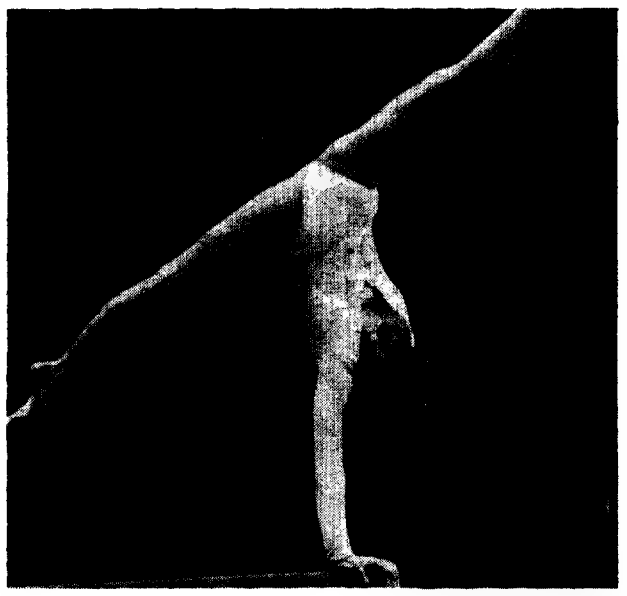
A Armada Portuguesa também apoiará tecnicamente toda a estadia em Lisboa e a organização da grande parada de navios-escola e veleiros a realizar no Tejo dia 7 de Agosto.

A Força Aérea coopera com o reconhecimento aéreo das posições dos navios e estará pronta para acções de busca e salvamento no caso de ser necessário, enquanto que o Exército dará apoio logístico em terra.

O traço de Pargana



Olha mãe, é aqui que o pai costuma ver o Mundial...



Natalia Chapochnikova: campeã olímpica em 1980, campeã mundial em 1979, ao vivo na Festa do «Avante!»

Na Festa do "Avante!"

Ginástica de grande nível tem (hoje) hora marcada

A festa do «Avante!» inclui um calendário importante de provas desportivas que já ontem foi inaugurado através de diversas competições no âmbito do desporto para deficientes e do xadrez.

Hoje, à hora que o nosso jornal começa a circular (14 horas), decorre o Torneio de Futebol «Avante!», quartos de final. Mas, o grande programa desportivo inicia-se também hoje, mas às 21 horas, e é constituído por um Festival Internacional de Ginástica, onde evoluirão, praticamente numa oportunidade rara entre nós, diversos ginastas campeões do Mundo e Olímpicos. Estarão presentes atletas da União Soviética, Checoslováquia e Bulgária. Em local próprio – Pavilhão de Xadrez e Damas – decorrerá, às 20 horas e 30, o IV Torneio Internacional de Xadrez (1.ª fase) que conta com a presença do mestre soviético Iuri Averbáj.

Amanhã o programa desportivo é intenso começando logo às 10 horas com uma apresentação de Jogo do Pau. Uma hora depois, quem na véspera não teve oportunidade, pode apreciar a ginástica de maior nível mundial através das exibições dos representantes dos países socialistas já atrás indicados. Da parte da tarde (14 noras) decorrerão as meias-finais do Torneio de Futebol «Avante!» seguindo-se, às 16h, futebol feminino e, às 18h, o Torneio de Andebol da JCP (finais). Às 21 horas é a vez da finalíssima do futebol «Avante!». Uma hora antes, no pavilhão respectivo, dar-se-á outra final, esta respeitante ao xadrez.

VI Congresso Mundial de Poetas

Casimiro de Brito e Eugénio de Andrade serão os representantes portugueses

Casimiro de Brito e Eugénio de Andrade foram convidados a participar no Sexto Congresso Mundial de Poetas que se realiza de 19 a 24 de Julho em Madrid e nas Canárias.

Os cinco anteriores congressos reuniram-se em Ma[illegible], Filipinas (1968) Taipé Formosa (1973), Baltimore, Estados Unidos (1976), Seul, Coreia do Sul (1979) e São Francisco, Estados Unidos (1981).

Tanto Casimiro de Brito como Eugénio de Andrade participaram já em realizações do género, ambos ao nível europeu e o segundo também ao nível mundial.

No texto de divulgação do congresso diz-se que «o seu espírito é reunir os poetas do mundo considerados como vínculos de difusão e exaltação tanto na defesa dos direitos humanos como da paz mundial através da Poesia.

«Ao mesmo tempo pretende-se contribuir para fomentar o intercâmbio de culturas distintas e aumentar o conhecimento e o entendimento entre os poetas dos cinco continentes», lê-se ainda.

Patrocinam a reunião o rei Juan Carlos de Espanha, como presidente de Honra do Congresso, os ministros da Cultura, da Educação e dos Negócios Estrangeiros, a Associação da Imprensa, a agência noticiosa EFE e diversos outros organismos e instituições.

Contactado pela ANOP, Casimiro de Brito assinalou que fará uma intervenção de Poesia e apresentará uma comunicação intitulada «Poesia, Arte Combinatória» integrada na secção temática do congresso denominada «O Poeta e a Criação Poética».

Para além desta há quatro outras secções temáticas.

Mais de cem autores provenientes de todos os quadrantes do globo estarão presentes.

Alguns dos nomes convidados: Gunther Grass (RFA), Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto (Brasil), Jorge Luís Borges (Argentina), Henri Michaux, René Char e Francis Ponge (França), Nicolas Guillen (Cuba), Octávio Paz (México), Ted Hughes e Philip Larkin (Inglaterra), Odisseas Elytis e Yannis Ritsos (Grécia), Yehuda Amithi (Israel), Leopold Senghor (Senegal), Ievtuchenko e Andrei Vosnezenski (União Soviética), Arthur Undkvist e Lasse Soberberg (Suécia), Robert Penn Warren, Allen Ginsberg e John Ashbery (Estados Unidos) Cbignien Herbert (Polónia) Vasco Poppa (Jugoslávia) e Miguel Otero Silva (Venezuela).

Eugénio de Andrade e **Casimiro de Brito**

crítica de teatro

Carlos Porto

"A Gaivota" e as coincidências

«A GAIVOTA», de Tchekhov. Tradução: Teatro do Mundo (revista por Emília Amor). Encenação: Rogério de Carvalho. Cenografia: José Manuel Castanheiro. Guarda-roupa: Rita Azevedo Gomes. Música: selecção de José Mário Branco e Trindade dos Santos. Produção: Judite Almeida. Interpretação: Manuela de Freitas, António Branco, José Mário Branco, Fernanda Neves, José Rodrigues, Cucha Carvalheiro, Conceição Costa Cabral, Carlos Medeiros, Teo de Carvalho, Francisco Grave, Jean-Pierre Tailhade. Teatro do Mundo. Palco do Teatro Nacional D. Maria II. Estreia: 23-6-1982.

Antes da estreia deste espectáculo, alguns dos seus responsáveis falaram de coinciências a propósito de tanto o grupo como o encenador terem recebido alguns dos prémios da crítica referentes a 1981. Com efeito, o Teatro do Mundo obteve o prémio para o melhor espectáculo («Terramoto no Chile»), «ex-equo» com «Tio Vânia», encenação de Rogério de Carvalho, prémio «ex-aequo» com a encenação de Mathieu daquela peça.

Bem vistas as coisas não foram essas as únicas coincidências suscitadas pelo novo espectáculo do Teatro do Mundo. Nesta crónica tenta-se faze um levantament, parcialmente crítico, dessas coincidências tendo em consideração que algumas delas são não apenas pessoais como quase intramissíveis. Tentemos, porém.

As boas e as más coincidências

1. A primeira diz respeito ao texto. «A Gaivota», de Tchekhov, passou há vinte anos por Portugal, num espectáculo francês com encenação de Sacha Pitoeff, segundo os apontamentos de seu pai, Georges, especialista do dramaturgo russo, e com alguns actores conhecidos. Esta coincidência abre-se em várias outras, umas felizes outras infelizes (bem a maneira tchekhoviana). Tenho na minha frente um programa do espectáculo em digressão por Portugal: trata-se de um programa vulgar como se fosse de cinema, do São João do Porto, que tem uma data mágica: 25 de Abril (espectaculo – porque? – para maiores de 17 anos). Na sala em que escrevo, este programa ocupa um lugar de honra porque possui para mim um significado especial e que tem a ver com uma outra gaivota (poderei dizê-lo?) que ocupava um lugar na fila a frente da minha, no galinheiro do São João. E de outra gaivota falta falar, a que vem, a negro, na respectiva distribuição à frente do nome Nina Zaretchenaia, filha de um rico proprietário: **Rommy Schneider**. Como vêem, as coincidências não faltam. Estamos a vê-la, não é verdade Maria Teresa? – a correr pelo palco, retrato em movimento da juventude, num vestido branco incrivelmente belo. (A beleza perdida de Rommy Schneider merece alguma água nos olhos e tremura nas palavras que a evocam). Três gaivotas – belas! – numa só noite de um dis profético, um ainda anódino 25 de Abril.

2 – Falemos ainda das coincidências do texto. «A Gaivota» produzida pela companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro, do Teatro Nacional D. Maria II, representada não na sala do Rossio, em obras, mas no Trindade, num espectáculo de Pedro Lemos, datado de Março de 1972, lá vão dez anos, portanto. Desastrada coincidência: «A Gaivota» empalhada, titulei então, mal-humorado, a crónica em que dei conta do espectáculo. Tchekhov decididamente não tem sorte com o «Nacional», mesmo que seja só indirectamente.

3 – Continuando no texto, e nas desnecessárias coincidências. Continuo à espera de um texto português que me satisfaça. Difícil, será trabalhar um autor que vive tanto da palavra e de uma certa música, de que a palavra é certamente componente primordial, com textos tão portuguesmente canhestros. Este, da responsabilidade do próprio grupo (e de Emília-Moura), é por vezes insuportável. Não se admite que os actores e o encenador aceitem expressões do género: Não podemos mais falar um com o outro; um grande escritor célebre; isso não entra no jogo; permita-me que lhe deseje mil coisas; faz frio; num só mês; um anjo passou – expressões apanhadas um pouco ao acaso. Assim não se pode **falar** Tchekhov.

4 – É este o primeiro Tchekhov que Rogério de Carvalho faz com profissionais. Melhor dizendo, com um grupo profissional (onde não faltam amadores). Terrível, inesperada coincidência:: é o menos bom, o menos crível, o mesmnos criativo. Razões? Tacteemos. Menos tempo para ensaios? Possível. Falta de liberdade de à-vontade (talvez melhor) no levantamento e realização do texto? Quase certo. Veja-se no programa surge o nome de Rogério de Carvalho apenas como encenador. A escolha da música não foi da sua responsabilidade. Ora o Rgoério é um artista completo. vejo-o a trabalhar em todos os sectores do espectáculo desde a dramaturgia às luzes. Como seria aqui? Em reportagem do «Diário Popular», assinada por Cristina Baptista, leio que a direcção de actores foi de Manuela de Freitas. É quase incrível esta divisão entre o encenador e o ensaiador, como se retrogadássemos dezenas de anos. No entanto, mesmo com exagero, é uma pista.

5 – Coincidência de distribuição. No espectáculo anterior do Teatro Moderno, esse «Terramoto no Chile» que ficará na histórica do teatro português recente, um dos pontos fracos era consequência de dupla de jovens (Fernanda Neves e António Branco) não corresponder ao que as personagens dos heróis amorosos da peças exigiam. O facto repete-se em «A Gaivota» com agravante de que, no xadrez tchekhoviano, essas peças serem muito importantes. É evidente que há alguma sensibilidade nos dois actores mas falta-lhes capacidade para representarem personagens de uma tão grande riqueza como são Nina e Treplev. Fernanda Neves não consegue dar a juventude, a alegria de quem ama, que marca a personagem, embora consiga exprimir minimamente a passagem do estádio de destruição de Nina, no último tempo da peça. O Treplev de António Branco está longe da complexidade que a personagem implica.

O segredo da simplicidade

Deixemos as coincidências e vejamos o espectáculo mais de perto. «A Gaivota» tem uma história que vale a pena lembrar. Novelista e dramaturgo conhecido, já autor de uma peça popularizada na província («Tio Vânia»), Tchekhov, escreveu «A Gaivota» em 1895-96 para o Teatro Alexandriski, de São Petersburgo, onde foi apresentada em 1896. Tchekhov definiu assim o seu texto: «É uma comédia com três papéis de mulher e seis de homem. Quatro actos, uma paisagem (o panorama de um lago); muitos discursos sobre literatura, pouca acção cinco toneladas de amor». E para os actores nos ensaios: «O essencial, meus amigos – dizia-lhes - é evitar o teatral... É preciso que tudo seja simples... Verdadeiramente simples. São pessoas simples vulgares...»

A estreia foi um fracasso grandioso e retumbante, escreveu Elsa Triolet, que explica: «recita de gala a favor de uma actriz cómica. esta não fazia parte do elenco nem tinha nada a ver com a encenação. No entanto, o seu publico que enchia o teatro esperava ver um «vaudeville» e não uma peça como «A Gaivota», passando uma noite divertida.

Foi Nemirovitch-Dantchenko, amigo e companheiro de Satanislavski, quem levou Tchekhov para o Teatro d'Arte de Moscovo, inaugurado em 1898; foi ele quem conseguiu convencer, primeiro Stanislavski, e depois o próprio dramaturgo a inscrever a peça no reportório da nova e revolucionária companhia. Êxito de crítica e de público enorme, fazendo esquecer a amargura da estreia. A partir daí, Tchekhov, Stanislavski e Nemirovitch-Dantchenko, com o Teatro d'Arte de Moscovo, inscreveriam os seus nomes na História do Teatro contemporâneo, de tal maneira que o desenho de uma gaivota ficou a ser o emblema do Teatro d'Arte, e ainda é.

Sabe-se, no entanto, que houve divergências entre Tchekhov e Stanislavski em relação à leitura que o encenador fazia dos textos daquele.

Essas divergências, esquematicamente, diziam respeito ao facto de Tchekhov escrever comédias e Stanislavski criar dramas. Em vez de rir, como o escritor queria, o público chorava, de acordo com a visão do encenador. Não é esta a ocasião para analisar os dois pontos de vista mas de tentar ver se não é possível a sua conciliação, isto é, se não há nos textos de Tchekhov elementos de comédia e de drama e se não será da sua dialectização que poderá nascer o autêntico Tchekhov. Isto dito com as cautelas que estas coisas requerem.

O teatro de uma actriz

No espectáculo do Teatro do Mundo, e aqui vamos descobrir talvez uma outra coincidência, há uma tentativa de aproximar a interpretação do texto desse objectivo, coincidência que tem a ver com o facto dessa leitura ser imposta pela concepção do papel de Irina Arkadine (Manuela de Freitas). Podemos talvez dizer que há, nesta versão, dois teatros neste espectáculo: o teatro de Tchekhov e o teatro imposto pela personagem (ou seja pela actriz que a interpreta). Este teatro dentro do teatro (podemos dizer de outra maneira: existe um confronto entre a música tchekhoviana, piano, pianíssimo, e a música de Irina, fanfarra e percussão), esse teatro que explode magistralmente no teatro de câmara do dramaturgo, pode considerar-se certo em relação à própria personagem, actriz cabotina que permanece constantemente em representação, e só no final se interioriza (vejam os olhos de Manuela de Freitas) pressentindo que a comédia é finita, que agora é tempo de tragédia. A este respeito vale a pena ler o que Elsa Triolet escreveu sobre a personagem. «A actriz Arkadine, diz-se, tem semelhanças com a mulher de Potapenko, e com uma actriz chamada Yavorskaia. A cena em que Arkadine se ajoelha à frente de Trigorine, suplicando-lhe para não a trocar por Nina, as palavras que ela pronuncia pertencem ao vocabulário de Yavorskaia, ou melhor de uma personagem que ela representava: a heroína, com flores de lotus atrás das orelhas, punha-se de joelhos à frente do seu querido e gritava-lhe: «Meu único, meu extraordinário, meu divino...» Quando Tchekhov visitava Yavorskaia esta caía aos seus pés repetindo: «Meu único, meu extraordinário, meu divino». Ela trabalhava no Teatro Korch e interpretava peças de Sardou, Dumas, etc., as únicas de que gostava. É ela, que Tchekhov repelia, a heroína da peça. Exemplo maravilhoso, o escritor coloca-a acima de Treplev, de Trigorine, de Arkadine... e talvez dele mesmo.

No entanto esse carregar excessivo (será?) da personagem retira-a daquele mundo que o autor descreve, como vimos: «evitar o teatral... ser simples, pessoas simples e vulgares...»

Manuela de Freitas é uma actriz admirável e raramente terá sido tão admirável como em algumas das cenas deste espectáculo; em especial aquelas em que o seu jogo se aprofunda e nós nos apercebemos de que há mais alguma coisa para além da sua frivolidade, qualquer coisa que tem a ver com o sofrimento (medo da velhice, por exemplo). Foi pena que não se entendesse que carregando excessivamente o lado cabotino da personagem, como quando repete que o rublo é para todos (suponho que a repetição não é do original) criar-se-ia uma personagem excessivamente estereotipada, sem os matizes que todas, mas todas, as personagens de Tchekhov exigem.

Um Tchekhov mediano

Passando por essa tentativa de realçar os aspectos cómicos do texto, o trabalho de Rogério de Carvalho não ultrapassa a mediania, o que tem muito pouco a ver com aquilo a que nos habituou. Foi, aliás, a primeira vez que senti escassear, num espectáculo seu, essa imaginação das formas, que é ao mesmo tempo o sentido dos elementos dramatúrgicos que marca o seu teatro. Coincidência ou não, só no final, já depois do fim do texto, experimentei aquilo que é, no encenador, o sinal da sua criatividade. Sentada de frente para o público, como se estivesse afinal numa mesa de camarim, Manuela de Freitas deixa passar pelos seus olhos a imagem, gelada como uma lâmina, da morte pressentida; à esquerda, as luzes da sala, o ouro de pechisbeque, acendem-se; mais longe a voz de Nina, quase perdida, repete: é terrível, é terrível. Aí sim, é Tchekhov e Rogério de Carvalho.

O cenário de José Manuel Castanheira, certamente de acordo com as indicações do encenador, com o canavial do lago, o pequeno palco, e uma gaze branca que cobre o espaço e o liga ao outro teatro, à sala onde decorrem os grandes espectáculos. Ligação correcta porque é de teatro que se trata: «A Gaivota» é também uma peça sobre a criação, com todas as contradições que tal implica, incluindo aquela que o contraste entre o palco do «D. Maria» (espaço cénico e de público) e a falsa sumptuosidade da sala vazia impõe.

Entre os actores amadores do Teatro do Mundo e os amadores com que Rogério tem trabalhado parece-me que não é difícil escolher. Se exceptuarmos Manuela de Freitas, como já vimos, José Mário Branco, que faz com muita graça o velho Sorine, e, apesar de tudo, Fernanda Neves, António Branco, e ainda Jean Pierre Tailhade, prejudicado pela pronúncia, a interpretação desta «Gaivota» é claramente insuficiente. Falta às personagens a densidade que as caracteriza, mas o seu trabalho é também prejudicado pela debilidade dos aspectos simbólicos do espectáculo, sobretudo em relação a outras criações do Rogério. Há momentos em que se observa uma subida de tom, graças, por um lado, à participação de Manuela de Freitas, mas também ao trabalho do encenador que conseguiu, então, encontrar o movimento, a atmosfera exactos, ao contrário do que acontece quando a marcação é tão insignificante. O clima de «tédio campestre», a colocação da gaivota morta entre Irina e Trigorine; Manuela de Freitas junto ao pequeno teatro, como se estivesse a representar, truque que repete, e de que maneira, na cena de amor com Trigorine; um momento em que a actriz exclama «Foi tudo muito bom», enquanto os seus olhos exprimem outra realidade – são momentos conseguidos do espectáculo, embora não cheguem para o salvar.

Se a minha primeira «Gaivota» falava francês (e já esta morta hélas), se a minha segunda gaivota me pareceu empalhada se a minha terceira gaivota voltava a falar francês, e era da responsabilidade de um jovem dramaturgo Bruno Bayen que não me convenceu esta quarta gaivota não é ainda aquela de que continuo à espera (No que se refere a Tchekhov não no que se refere à vida.)

Para acabar com isto e com as coincidências devo evocar aquela que voou sobre o lago a nossa esperança em 75 (mesmo pobrezinha, ninguem no-la rouba). A Gaivota de Abril

«Um dia diferente na vida do sábio sr. Wu»: peça a apresentar em Viseu este mês

Teatro descentralizado

"Companhia de Viseu" prepara para este mês peça com raízes chinesas

A «Companhia de Teatro de Viseu» prepara o seu próximo espectáculo, baseado num texto tradicional chinês: «Um dia diferente na vida do sábio sr. Wu».

Grupo de profissionais com sede em Viseu, aquela companhia enquadra-se e participa no projecto de descentralização, apesar do pequeno subsídio que a Secretaria de Estado da Cultura lhe atribui.

Os ensaios da peça estão bastante adiantados, prevendo-se a sua estreia no Auditório do Museu Almeida Moreira, naquela cidade, ainda este mês.

A encenação da peça é de Jorge Fraga, a dramaturgia está a cargo de Katia Deccache, enquanto a cenografia e os figurinos são de Wladimir Franklin. Em «Um dia diferente na vida do sábado sr. Wu» participam ainda Vitor Esteves, Cândida Vieira, São Aguiar, Jorge Fraga, Wladimir Franklin, Manuel Sampaio e Chico Neto como actores. Da luninotécnica e da sonoplastia incumbem-se Luís Viegas e Grabiela Simões.

A «Companhia de Teatro de Viseu» apresentou «Pathelín», com encenação de Vítor Esteves, no Festival de Teatro de Setúbal.

Prémios Nacionais de Artes Plásticas e Arquitectura e Urbanismo

Através da secção portuguesa da Associação Internacional de Críticos de Arte, foram agora distribuídos os Prémios Nacionais de Artes Plásticas e Arquitectura e Urbanismo que contam com superior patrocínio e financiamento do Ministério da Cultura e Coordenação Científica.

Os referidos prémios distinguiram o pintor Costa Pinheiro e o arquitecto Álvaro Siza Vieira. Conforme ao que consta das respectivas normas regulamentares, estes prémios devem contemplar realizações de artes plásticas e de arquitectura que se considerem particularmente relevantes na vida artístico-cultural do país, sendo atribuídos em ritmo anual e tendo em atenção um balanço também anual de realizações retrospectivamente consideradas, bem como o **curriculo** dos potenciais artistas premiáveis.

Assim os Prémios Nacionais de Arte – 1982, derivaram dum juízo crítico sobre o decorrente no ano de 1981, em função do que foi decidido distinguir as personalidades acima nomeadas. Tal decisão foi da responsabilidade dum júri constituído por críticos de arte portuguesa, membros da AICA, presidido pelo prof. dr. José-Augusto França e integrado pelos arquitectos Carlos Duarte e Nuno Portas, pintor Fernando de Azevedo e crítico de arte Fernando Pernes.

Na acta desse júri, declara-se terem sido ambos os prémios atribuídos por unanimidade, lembrando-se relativamente a Costa Pinheiro, a sua exposição realizada na Fundação Calouste Gulbenkian em Junho/Julho de 1981, subordinada ao tema **Fernando Pessoa.** Sobre Álvaro Siza Vieira, atendeu-se essencialmente ao seu projecto da **Quinta da Malagueira** – 1.ª fase dum importante plano de extensão da cidade de Évora, também de sua autoria.

A estes prémios, que em 1982 são atribuídos pela primeira vez, corresponde um quantitativo de cem mil escudos cada, mas o seu maior valor e significado melhor derivará de eles poderem representar autênticas consagrações culturais.

Manuel Rafael, Lda.
TUDO EM MATERIAL ELÉCTRICO
TV. DO FORNO, 7-A (AO ROSSIO) T. 371001/2

Hoje

1 RTP

Hoje exibição de mais um episódio da série «As Grandes Aventuras do Himalaia»

15.35 **«As Grandes Aventuras do Himalaia»** – Intérpretes: Jean Atanassiet, Maurice Herzog e Reinhold Messner. Realização: Daniel Costelle.
16.30 **Sábado Desportivo**
18.10 **Festival da Força Aérea**
19.00 **Sport Billy**
19.25 **Tur/82** – termalismo e CEE.
19.55 **O Tempo**
20.00 **Telejornal** – as notícias do País e do estrangeiro.
20.35 **Aqui e Agora**
21.40 **Boletim Meteorológico para a Agricultura**
21.55 **Reportagem do Exterior**

2 RTP

19.02 **Folclore** – Festival da Régua.
19.30 **Espaço Verde** – «Magia das Plantas».
20.00 **Repetição** – do jogo Brasil - Argentina que se disputou ontem.
21.00 **Sábado Especial** – «A Nossa Cidade».
22.30 **Documentalismo Português**

Amanhã

1 RTP

11.47: 70X7 – Sines; **11.10**: Eucaristia Dominical; **12.00**: Tempo dos Mais Novos; **13.45**: RTP/Brasil; **14.10**: Sumário; **14.15**: TV Rural; **14.40**: «A Última Caçada ao Elefante»; **15.45**: Sol e Sombra; **16.10**: Campeonato do Mundo de Futebol – França - Irlanda do Norte; **18.05**: Campeonato do Mundo de Motociclismo, **19.00**: Cartaz TV, **19.50**: O Tempo; **19.55**: Campeonato do Mundo de Futebol – Polónia - URSS; **21.50**: Telejornal; **22.25**: «Enola Gay» – último episódio.

2 RTP

14.02: Ténis – final de Wimbledon; **16.00**: «Hot City»; **17.00**: Peregrinação de uma Vida – Arábia Saudita; **18.00**: Rock em Casa; **20.00**: Que Viva o Cinema – «O Amor é Triste»; **22.00**: Jazz Antibes.

FALTA-LHE ESPAÇO NA SUA BIBLIOTECA?

NÓS PODEREMOS COMPRAR-LHE OS LIVROS QUE LHE NÃO INTERESSAM, SE NOS ADQUIRIR A ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA «VERBO» (20 VOL.)

PRESTAÇÕES ULTRA-SUAVES (1 VOL./MÊS)

TELEFONE HOJE MESMO PARA 2435912 OU 579991 (ATENDEMOS ATÉ ÀS 24 HORAS)

2 RODAS
2vezes mais atenção!

Em cada 18 acidentes com veículos de 2 rodas, morre uma pessoa.
Por ano morrem cerca de 500 pessoas vítimas desses acidentes.

circular e viver.

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
hoje às 21,45h
A VIAGEM
6.º MÊS
TEXTO - HÉLDER COSTA
ENCENAÇÃO JOÃO MOTA

DE 3.ª FEIRA A SÁBADO AS 21.45
DOMINGO
– SÓ AS 17 HORAS –

PRAÇA DE ESPANHA-TEL. 76 26 24
Sub SEC

SÓ ATÉ SÁBADO
CAFE TEATRO
QUINTAS, SEXTAS E SÁBADO-23.30 h.
NÃO FUI EU FORAM ELES
SÓ ATÉ DIA 10

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
3.º JUÍZO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

FAZ-SE SABER que por este Tribunal correm éditos de TRINTA DIAS que começarão a contar-se da data da segunda e última publicação do competente anúncio, citando o executado para, no prazo de CINCO DIAS, findo o dos éditos, deduzir oposição, pagar ao exequente a quantia de 56 300$00, montante de três letras juntas aos autos, 1 994$90 de juros vencidos, bem como os vincendos à taxa de 6% até integral pagamento, custas e demais despesas legais, ou nomear à penhora bens suficientes para garantia e pagamento daquelas quantias, sob pena de, não o fazendo, se devolver esse direito de nomeação ao exequente.

EXECUÇÃO SUMÁRIA N.º 1763 2.ª SECÇÃO

EXEQUENTE — BANCO PINTO & SOTTO MAYOR, EP.

EXECUTADOS — MANUEL ALBERTO TELES NOGUEIRA ROMENO, ausente em parte incerta e com último domicílio conhecido na Rua Mariano Pina, Lote 1509, 3.º B, em LISBOA e Outro.

Lisboa, 25 de Junho de 1982
O Juiz de Direito
(assinatura ilegível)

O escrivão adjunto,
(José Maria Simões)

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!

1 RTP Festival da Força Aérea (18.10)

«A Nossa Cidade» (21.00) 2 RTP

Além de um programa à escolha oferece-lhe

2 RTP

21.00 – SÁBADO ESPECIAL – «A Nossa Cidade» – A história de duas famílias, os Cibb e os Webb, amigos de infância.

22.30 – DOCUMENTALISMO PORTUGUÊS
As actividades que se desenvolvem quotidianamente ao longo da margem direita do rio Douro, aquando da sua passagem através da cidade do Porto: a circulação, a carga e a descarga dos barcos, o rio e a sua ambiência, a ponte, os bairros onde vive a população trabalhadora, que retira o seu alimento da labuta fluvial.

ASSISTENCIA TECNICA GRUNDIG
NACIONAL RADIO – Rua B Jesus Caraça, 17 Cruz Quebrada – Tel. 2112871

roteiro cultural

«A Viagem», pela Comuna, termina hoje a sua carreira em Lisboa

Música

Hoje, pelas 21.30, terá lugar em Setúbal, na Igreja de S. Julião, o Concerto de Aniversário do Coral Luísa Todi. Na primeira parte, a Orquestra de Câmara Pró-Música, dirigida pelo maestro Manuel Teixeira, interpretará as «4 Estações», de Vivaldi. Na segunda, o Cora Luísa Todi e a Orquestra Pró-Música, sob a direcção do maestro Jorge Manzoni, interpretarão a «Missa em Sol», de Schubert.

Teatro

Termina hoje a apresentação para o público de Lisboa do espectáculo «A Viagem» que desde o passado dia 13 de Fevereiro tem vindo a ser apresentado no Teatro da Comuna, na Praça de Espanha, com lotações esgotadas praticamente desde o primeiro dia. A Comuna é obrigada, por compromissos anteriormente asumidos, a retirar o espectáculo de cena porque seguirá na próxima semana para a Alemanha, onde irá participar no Festival Internacional de Teatro de Erlangen.

Romarias

Para festejar o dia do Apóstolo Santiago, Patrono de Espanha, e dedicado à comunidade galega residente em Portugal, a Juventude de Galiza-Centro Galego, leva a efeito amanhã, na mata do Colégio dos Salesianos (Estoril), a já tradicional «Romaria de Santiago», a qual, como nos anos anteriores constituirá uma manifestação de sã confraternização luso-galaica. Não vão faltar os tradicionais «pulpo», «sidra», «rosquillas» e «melindres», e a festa será animada pelo Grupo «Xuncos do Miño», com 5 gaiteiros e 14 dançadores.

Folclore

Realiza-se amanhã, com início às 15 horas, em São Donato (lugar da freguesia de Ovar), um Festival Nacional de Folclore organizado pelo Grupo Folclórico «As Tricanas de Ovar», daquele lugar. Estarão presentes oito agrupamentos de diversas partes do País: Rancho Etnográfico de Danças e Cantares da Barra Cheia (Moita do Ribatejo), Rancho Regional de Fafel (Lamego), Rancho Folclórico de Varziela (Felgueiras), Rancho Típico de Paleão (Soure), Grupo Regional Folclórico e Agrícola de Pevidém (Guimarães), Grupo Folclórico «As Tricanas de Ovar» (Ovar), Grupo Folclórico da Casa do Povo de Santa Cruz do Bispo (Matosinhos) e Grupo Folclórico de Barcelinhos (Barcelos). Entradas livres.

Exposições

Uma exposição de trabalhos de estudo do Instituto dos Princípios Básicos de Configuração, dirigido pelo professor Rolf Lederbogen na Faculdade de Arquitectura da Universidade de Karlsruhe, trazida a Lisboa por iniciativa do Instituto Alemão, pode ser visitada até ao dia 8 na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa.

A exposição «Vida e Obra de Stuart de Carvalhais», cujo encerramento estava previsto para o final de Junho, continua patente até ao dia 11, no Palácio dos Coruchéus, em Alvalade. Desenhador, ilustrador e caricaturista, Stuart, nascido em Vila Real, foi um comentador agudíssimo de factos e costumes lisboetas. A mostra pode ser visitada das 15 às 19 horas, excepto às segundas-feiras.

Quarenta guaches de Augusto Barros estão até 10 de Julho em exposição na Galeria de Arte do Casino Estoril. O catálogo da mostra inclui um texto de apresentação do artista e da sua obra da autoria de Manuel Cargaleiro.

Pinturas de Rui Anahory constituem mais uma exposição do ciclo «Estúdios» que o Módulo-Centro Difusor de Arte do Porto tem estado a apresentar. A mostra estará aberta até 25 de Julho, de 2.ª a sábado, das 16 às 20, e aindas às sextas-feiras das 21.30 às 23 horas.

o TEATRO DO MUNDO apresenta

no TEATRO DA GRAÇA (à V. DO OPERÁRIO)
TODOS OS DIAS 21.30 EXC. QUARTAS ———

LOTAÇÃO LIMITADA — TEL. 875626 — Sub. SEC.

A PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA lembra aos condutores de veículos de 2 rodas que devem usar sempre capacete de protecção devidamente apertado, mesmo quando a distância a percorrer é curta.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	69$45	70$45
ALEMANHA FED. (marco)	33$65	34$75
AUSTRIA (xelim)	4$65	4$85
BELGICA (franco)	1$598	1$798
BRASIL (cruzeiro)	$251	$501
CANADA (dólar – notas de 1 e 2)	64$10	66$10
(notas de 5 a 1000)	64$60	66$60
DINAMARCA)coroa)	9$70	10$10
ESPANHA (peseta)	$706	$808
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	82$75	84$75
(notas de 5 a 1000)	83$25	85$25
FINLÂNDIA (marka)	17$40	18$00
FRANÇA (franco)	17$50	18$10
HOLANDA (florim)	30$40	31$40
INGLATERRA (libra)	144$15	148$15
IRLANDA (libra)	116$35	120$35
ITÁLIA (lira)	$054	$064
JAPÃO (iene)	$295	$330
NORUEGA (coroa)	13$15	13$65
SUECIA (coroa)	13$45	14$05
SUIÇA (franco)	39$45	40$55
VENEZUELA (bolivar)	17$30	18$30

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

STAR TURISMO VIAGENS
UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

«ANTENA UM»

16.00: Banda Magnética; **17.20:** Informativo de trânsito; **18.20:** Informativo de trânsito; **19.00:** Síntese informativa; **19.15:** Música de todo o mundo; **19.20:** Informativo de trânsito; **20.00:** Programa da noite; Teatro radiofónico – «O vento e os caminhos», de Domingos Monteiro; **21.00:** Lisboa, pais, cidade; **23.00:** Títulos do último jornal; **23.30:** Sinal horário; último jornal. Noticiários intercalarres às 16.00, 17.00, 18.00, 20.00, 21.00 e 22.00 horas.

PROGRAMA 2

14.30: «Ópera comentada» – «A tomada de Tróia», de Berlioz; **16.45:** Solos de guitarra; **16.45:** Música de câmara; **17.30:** Concerto; 1.ª parte; Sinfonia em si bemol, de Carlos Seixas; Sinfonia em ré maior, de João Cordeiro da Silva; Concerto n.º 9, em mi bemol maior, K. 271, DE Mozart; Intervalo; Peças de órgão do Padre Manuel Rodrigues Coelho; 2.ª parte; «O Amor Bruxo» de Manuel de Falla; **19.30:** Música de cravo; **20.10:** Música de câmara; **21.00:**Canções; **22.15:** Abertura «Semiramis», de Rossini; **22.30:** Música de câmara; **23.30:** Intercâmbio musical; Festival de Verão de Paris 1982 – gravações cedidas pela Rádio França; **00.35:** Solos de harpa; **01.00:** Noticiários de hora a hora.

Rádio Comercial (283, 290 e 397 m)

15.03: Contra-ataque; **19.03:** Musical; **20.03:** Quando o telefone toca (1.ª edição); **20.30:** Quando o telefone toca (2.ª edição); **21.30:** Tempo de desporto; **23.08:** 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.03: Contra-ataque; **19.03:** Estereotipos; **21.03:** Blues index; **22.03:** Outra música. Noticiários de hora a hora.

F.M. e O. M. de Lisboa

16.00: Transmissão Desportiva; **18.00:** Magazine regional; **18.30:** Diálogo e vida; **19.00:** Títulos de Informação; **19.03:** Saltitão (Espaço Infantil); **19.30:** Jornal da Noite (com nota de abertura); **20.00:** Paju; **21.00:** Quando o telefone toca; **21.30:** Transmissão directa do Terço do Santuário de Fátima; **22.30:** Programa especial s/Mundial 82; **23.30:** Jornal das 23.30 (com nota de abertura); **23.55:** Meditando. Noticiários intercalares às 17.00, 21.00 e 22.00

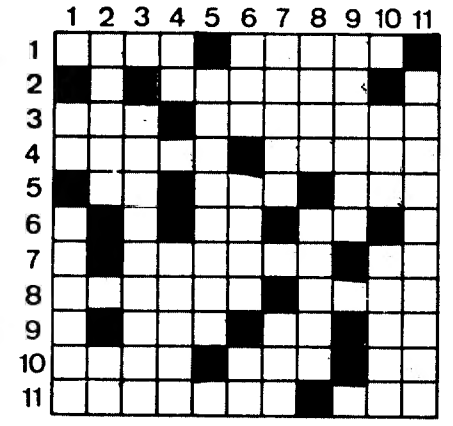
Onda Média de Muge e Porto

Programa igual ao de F.M. e O.M. de Lisboa, excepto nos seguintes casos: 16.00: Nós por cá; 20.00: Música viva; 21.00: Portugal experiência histórica; 21.30: Via Láctea.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 467



HORIZONTAIS:

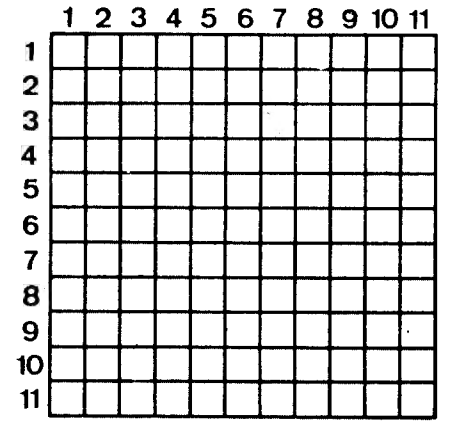
1 Pronome demonstrativo. Universo.
2 O mesmo que cigarra. (Passaro). (Bras).
3 Cidade da URSS. Lenços usados entre os Romanos para limpar a boca.
4 Nome de frutos. Flutuas.
5 Sufixo que designa estado. O sustento. Vão.
6 Caminhar. Artigo definido.
7 Favorecereis. Miriare.
8 Tombarão. Ecoas.
9 Bigorna de ourives. Cento e um em romano. Reis.
10 Remar para trás. Donativo. Cério (s.q).
11 Aplanes. Conjunção.

VERTICAIS:

1 Tempo do verbo ser. Artigo indefinido. Pequena rede de pesca. (Bras).
2 Espécie de tecido. (ant). Caminhar.
3 Crer.
4 Era cristã. Rezara.
5 Casa onde há muitos doentes.
6 Oceano. Jarro (planta). Preposição.
7 Nome de planeta. Uma das Espórades.
8 Cidade do Japão. Deste modo.
9 Dementes.
10 Animal doméstico (inv). Cunho.
11 Aparecesses em lugar alto.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9327



HORIZONATAIS:

1 República da América Central.
2 Travaremos luta com.
3 Talento poético (fig). Dobrada.
4 Palavra hebraica que significa: louvai o Senhor.
5 Perceberem.
6 Magnete natural. Experimentado.
7 Sacerdócio. (fig). Vê. Frâncio (s.q).
8 Palmeira da Amazónia. Tempo do verbo saber.
9 Li. Clima. Brota.
10 Cantigas. Zombas.
11 Extremidades dos braços. Quadro de Puvis de Chavannes (também chamado Concórdia) no Museu de Picardia em Ambiano, França.

VERTICAIS:

1 Antiga região da Ásia Menor. Oco.
2 Prestável. Mil cinquenta e dois em romano.
3 Apre! Fruto da ateira. Antes do meio-dia.
4 Cidade e porto das Filipinas. Ave trepadora.
5 Era cristã. Agiota.
6 Apelido. Carta de jogar.
7 Cercanias.
8 Moral. Cidade dos Países Baixos.
9 Defesa. Cura.
10 Preposição e artigo (inv). Cidade dos Estados Unidos da América capital do Arizona.
11 Tomarias sobre ti.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 466

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 A. VIDA. NÃO.	1 É. UM. DOM.
2 Eira. Ou. Re.	2 Elisa.
3 Elar. Amimam.	3 Via. Arcadas.
4 Ais. Ta!	4 Irradiarias.
5 Usados. Ecar.	5 Dá. Io. Rea.
6 Mari. Um. Ide.	6 Assumiras.
7 Carmona.	7 UM. MO. Li.
8 Doarei. Pt.	8 Noite. Níobe.
9 Diários.	9 Macia. Sol.
10 Aa. Alboim.	10 Ora. Ad. Im.
11 Assas. Elmo.	11 EMPRÉSTIMO.

Provérbio: A vida não é um dom, é um empréstimo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9326

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Cambraia. Os.	1 Caazapa. Pão.
2 Aparatosos.	2 Ápia. Assis.
3 Ais. Sós. Uta.	3 Massais.
4 Zás. Tá! Rs.	4 Br. Oiros.
5 Estarás.	5 Rastejarias.
6 Pai. És. Si.	6 Atoas. Riano.
7 Assoar. Ás.	7 Ios. Te. Asem.
8 Iriara.	8 As. Casar. Sa
9 Piarias. Aal.	9 Ou. Saa.
10 As. Oanes. Sa.	10 Ostras. As.
11 Assomam.	11 Assinalar.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 24

n. acons. men. 13 anos
ARTUR O ALEGRE CONQUISTADOR

SALA B

Às 14.45, 17.30 e 21
UM VIOLINO NO TELHADO
Às 23.45
INSERTS

ALVALADE 897480
Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A FORÇA DA RAZÃO
c/ Shashi Kapoor e Hema Malini
Um filme de B. Subhash
Colorido

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A
Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30
JERRY, EMFERMEIRO SEM DIPLOMA
Um filme de Frank Tashlin
Não acons. men. 13 anos

AVIS 547163
Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30 e 21.30 – N. ac. men. 13 a.
A TURMA DOS REPETENTES

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
N. ac. a men. 13 anos

UM LOBISOMEM AMERICANO EM LONDRES
7.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande

– Para Todos
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
SE O MEU CARRO FALASSE

CASTIL 530194
Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
N. acons. men. 13 anos
POR FAVOR NÃO MEXAM NAS VELHINHAS
Uma comédia de «morrer»... a rir!
de Mel Brooks

CINE 222 579460
Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
MORTE NO NILO
c/ Peter Ustinov, Jane Birkin,
Às 24 – Int. men. 18 a.
NOITES SANGRENTAS
c/ Sissy Spacek

CINEBOLSO 573407
R. Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
SEXO AO PEQUENO ALMOÇO
Pornográfico – Hardcore
Às 24
UMA AVENTURA FASCINANTE

CINE BLOCO 556824
Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
SILVESTRE
N. acons. men. 13 anos
9.ª Semana
Às 24
AMERICAN GIGOLO

CINE CAMÕES 324194
Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
JURAMENTO DE SANGUE
c/ Dharmendra, Dhruv e Shabana Azmi
Um filme de Arjun Hingorani

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2

– N. ac. men. 18 a.
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
AVENTURA EM MARRAKECH

EDEN 320768
P. dos Restauradores, 21
Às 21.30 – N. ac. men. 13 a.
OS DOIS MAGOS DA BOLA
c/ Franco Franchi e Ciccio Ingrassia
Um filme de Mariano Laurenti
Às 24
OS CINCO MESTRES DE SHAOLIN

ESTÚDIO 555134
Alam. Afonso Henriques, 35
Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 18 a.
OS MALDITOS
6.ª Semana

Um filme de Luchino Visconti

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83-B

– N. ac. men. 18 a.
Às 15.30, 18.30, 21.30 e 24
ASSALTO À 13.ª ESQUADRA

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35
Às 15,15, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O maior western de todos os tempos
DUELO AO SOL
c/ Jennifer Jones e Gregory Peck
O filme de King Vidor
Filme após início do espectáculo

LONDRES 801313
Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A CASA DO LAGO

LUMIAR 79 52 96
Calçada de Carriche, 38

Encerrado para férias em 1-6-82

MONTECARLO 681117
Av. Pedro Alvares Cabral, 37
Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A FORÇA DA RAZÃO
Colorido
À meia-noite – Int. men. 18 a.
AS MULHERES DE PRAZER DOS CAMPOS NAZIS

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha
Às 15.15, 18.15 e 21.30
– Int. men. 13 a.
OS COMANDOS DA FORÇA Z
N. B. – Na sessão da noite início da projecção do filme às 22

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B

Não ac. men. 13 anos

14.00 16.30 19.00 21.30
MOMENTOS DE GLÓRIA

ODEON 328283/4
R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
OS BANDIDOS DO TEXAS
c/ Jack Palance e Sylvia Syms

PATHE 821933
R. Francisco Sanches, 122

14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Para todos
SISSI

Ciclo Romy Schneider. Uma cena de um dos sete filmes em exibição em 2 salas do quarteto

QUARTETO 771378
R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
– Int. men. 18 a.
O IMPÉRIO DO DESEJO
Às 00.45 – N. 18 a.
SELVA NO ASFALTO
de Jonathan Kaplan

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
– N. ac. men. 13 a.
Às 22.45 – N. 18 a.
CONTOS DA LUA VAGA
de Misoguchi

SALA 3
Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
– N. ac. men. 18 a.
CÉSAR E ROSÁLIA, DUELO NA ILHA, UMA HISTÓRIA SIMPLES e A CALIFA

SALA 4
Às 14, 15.45, 19 e 23.30
– N. ac. men. 18 a.
A MULHER À JANELA, LUÍS DA BAVIERA e A BANQUEIRA

ROMA 887778
Av. de Roma, 14 M-N

Encerrado para férias até 15-7

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20
Às 14, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O RAID RELÂMPAGO DOS COMANDOS
c/ Charles Bronson e Peter Finch
Colorido

S. JORGE 579144-579344
Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1
Às 13.45, 17.30 e 21.15
– N. ac. men. 13 a.
Vencedor de 3 «Óscares»
REDS
c/ Warren Beatty e Diane Keaton
12.ª Semana

S. JORGE SALA 2
Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
– N. ac. men. 13 a.
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
26.ª Semana

S. JORGE SALA 3
Não acons. men. 13 anos
Às 14, 16.15, 18.45 e 21.30
O regresso duma obra-prima
O SENHOR DOS ANÉIS

SATÉLITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.30
Int. men. 13 anos
NOSTRADAMUS O HOMEM QUE PREVIU O AMANHÃ
Às 24
CAPRICÓRNIO UM

7.ª ARTE 730715
Av. República, à Est. de Entre Campos junto ao n.º 66
Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 24
– N. ac. men. 13 a.
007 CONTRA GOLDFINGER
Domingo às 11.15
FESTIVAL POPEYE

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às 14.30, 18 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
UNS E... OS OUTROS
36.ª Semana
Às 00.30
CÃES DE GUERRA

TERMINAL 371573
Estação do Rossio
Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
N. acons. men. 13 anos
KRAMER CONTRA KRAMER

TIVOLI 570595
Av. da Liberdade, 188
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
CÉLEBRES E RICAS
Int. men. 13 anos
6.ª Semana

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
Às 15, 18.15 e 21.30
– M. 14 a.
O personagem mais misterioso da Segunda Guerra Mundial!
O MAIOR ESPIÃO DA HISTÓRIA
c/ Romy Schneider, Yul Brynner e Christopher Plummer

XENON 368480
Av. da Liberdade, 9
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.45
– N. ac. men. 13 a.
CHAMADA MISTERIOSA
Às 23.45 – N. ac. men. 18 a.
A AVENTURA COMEÇA EM CASABLANCA
c/ Charles Bronson e Jason Roberds

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 – «O Herdeiro», às 21.30 (13 anos)
ALFA 2 – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA 3 – «O Crepúsculo dos Heróis», às 21.30 (18 anos)
CAPITÓLIO – «Odisseia Sexual», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
CITY CINE – «A Última Valsa», às 21.30 (13 anos)
POLITEAMA – «A Minha Arma Não Perdoa», às 21.30 (13 anos)
2000 – «A Fronteira da Vergonha», às 21.30 (13 anos)
MUNDIAL – «A Marca dos Gigantes», às 21.30 (13 anos)
RESTELO – «A Mulher do Lado», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA – «Falta Amor no Teu Olhar», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «Prazeres Ocultos», sessões permanentes (18 anos)
ROYAL – «O Vingador da Noite», às 21.30 (18 anos)
PÁTRIA – «Dois Amores... um Destino», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL – Casino – «Nova Iorque 1997», às 17.00 e 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Palácio – «Jesus», às 12.15 (6 anos)
CASCAIS – Oxford – «Teerão», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA – D. João V – «Califórnia», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cine-Plaza – «Herbie, um Carocha dos Diabos», às 21.30 (6 anos)
AMADORA – Lido – «Que Há de Novo Gatinha?», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «De Quem é a Vida, Afinal?», às 21.30 (13 anos)
CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «A Fortaleza Secreta», às 21.30 (18 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «A Calúnia», às 21.30 (13 anos)

MAFRA – Cine-Teatro – «Expresso Von Ryan», às 21.30 (13 anos)

Outra Banda

COSTA DA CAPARICA – Silcine – «A Coragem de um Homem», às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Cine-Almada – «Tristão e Isolda», às 21.30 (6 anos)
ALMADA – Incrível – «Sexo Louco», às 21.15 (18 anos)
ALMADA – Academia – «A Caçada Implacável», às 21.15 (13 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «O Santo e a Vendetta», às 21.15 (13 anos)

Porto

JÚLIO DINIS – «Os Sobreviventes do Fim do Mundo», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «Promessas de Amor», às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL – «Reds», às 21.30 (13 anos)
FOCO – «Blow Up», às 21.30 (18 anos)
BATALHA – «O Dragão ataca», às 21.15 (18 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «Delírios de Prazer», às 21.30 (18 anos)
SÃO JOÃO – «Amar de Novo», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO – «A Bomba H Desaparecida», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT – «Momentos de Glória», às 21.30 (13 anos)
BEBÉ – «Bye, Bye, Brasil», às 21.45 (13 anos)
OLÍMPIA – «O Terror dos Bárbaros», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI – «Balbúrdias a Bordo», às 21.30 (13 anos)
COLISEU – «Duelo dos Grandes Lutadores», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM – «Uns e Outros», 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-A – «Mas que Vizinhos», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L – «Fantasias Nocturnas», às 21.45 (18 anos)
RAIONE – «O Polícia 777», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE – «All That Jazz», às 21.45 (13 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ALCÂNTARA – Probidade – R. de Alcântara, 15-AB (Telef. 638589); **AMOREIRAS (Estação Carris) – Ivone** – R. Silva Carvalho, 232-C (Telef. 650760); **AV. ALM. GAGO COUTINHO – Estados Unidos** – Av. Est. Unidos da América, 16-B (Telef. 885859); **CHILE (Arco do Cego) – São Jorge** – Lg. do Leão, 3-AB (Telef. 534027); **GRAÇA – Almeida Dias** – Lg. da Graça, 38-39 (Telef. 862909); **LARGO DO CAMPO PEQUENO – Miranda** – Lg. do Campo Pequeno, 36-BC (Telef. 770776); **LUMIAR – Central do Lumiar** – Alm. Linhas de Torres, 254-B (Telef. 798063); **OLIVAIS (Av. de Berlim) – Olivais** – R. Alves Gouveia, 19 (Telef. 311237); **PALHAVÃ – Curie** – Av. Madame Curie, 15-A (Telef. 778439); **RESTELO (Algés) – Ocidental** – R. D. Jeónimo Osório, 18-D (Telef. 610256); **ALGÉS – Cabrita** – Prq. Res. Miraflores, Lt. 12 (Telef. 2101486); **BRANDOA – Correia** – Est. Principal, Lote 172 (Telef. 993148); **ODIVELAS – Central de Odivelas** – Alm. Infante D. Henrique, 1 (Telef. 911203).

AMANHÃ

PERMANENTE

BAIXA – Americana – Calçada de Santana, 1-3 (Telef. 863984); **CALVÁRIO – Monge** – R. dos Lusíadas, 30-32; **CAMPO GRANDE (Av. do Brasil) – Rainha Santa** – R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (telef. 765262); **CHILE (Alto de São João) – Veral** – R. Morais Soares, 109-111 (Telef. 821732); **ESC. POL. (São Bento) – São Marçal** – R. de São Marçal, 100-102 (Telef. 325318); **EST. UNIDOS (à Cx. Prev. 39) – Celta** – R. Moura Girão, 3-B (Telef. 890621); **POÇO DOS NEGROS – Modelar** – Lg. Dr. António S. Macedo, 7 (Telef. 606896); **PRAZERES – União** – R. Saraiva de Carvalho, 145-F (Telef. 663643); **REGO – Pratas & Mota** – R. da Beneficência, 91-93 (Telef. 773728); **SALDANHA – Avenidas** – Av. da República, 27-A (Telef. 533688); **VALE DE S. ANTÓNIO – Santo António** – R. Leite Vasconcelos, 72-C (Telef. 862333); **ALGÉS – Dias & Saraiva** – R. Major Afonso Pala, 19 (Telef. 2114487); **AMADORA – Igreja** – Pç. da Igreja, 22-A (Telef. 937740); **ODIVELAS – Joleni** – R. Dr. Alexandre Braga, 3-B (Telef. 910812); **PONTINHA – Leitão Ribeiro** – R. A do Falcão, 3-A.

Linha de Cascais

OEIRAS – Oeiras – L. Henrique Paiva Couceiro (telef. 2430485). Até às 22 horas; **PAREDES – Aisir** – Av. Gago Coutinho -B.º Caixas Previdência (Telef. 2472948). Permanente; **MURTAL – Primavera** – R. das Parreiras, 2 (Telef. 2472278). Até às 22 horas; **AMOREIRA – Abrantes** – Viv. Maria Carlos Anj. (Telef. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL – Ostende** – R. de Espinho, 1 (Telef. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS – A. Costa** – R. Freitas Reis..

Linha de Sintra

AMADORA – Jardim – Av. Conde Oeiras, 120 – Reboleira (Telef. 938424). Permanente; **DAMAIA – Confiança** – R. Bartolomeu Dias, Lote D (Telef. 9710231). Permanente; **QUELUZ – Correia** – L. do Mercado, 3 (Telef. 950906). Até às 22 horas; **CACÉM – Araújo e Sá** – Est. de Paço de Arcos, Lote 1-B (Telef. 2940781). Permanente; **MEM MARTINS – Cristina** – Av. Vitorino Nemésio, 14-A (Telef. 2914820). Permanente; **MERCÊS – Claro Russo** – R. Abade Faria, 2-A (Telef. 2915275). Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas. **RIO DE MOURO** – Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (telef. 2960194). Das 9 às 23 horas.
Merrazes – Estefânia (Te,ef. 2930058). Permanente.; **COLARES – Abreja** – (telef. 299088).

Outra Banda

ALMADA: Central, R. de Olivença, 13 (T. 270504). Até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE: Atlântico**, Av. P. Manuel Bernardes, 1 (T. 2764466). Permanente; **LARANJEIRO: Feijó** (T. 2490911). Até às 22 horas; **COSTA DA CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado. Até às 19 horas; **BARREIRO: Pimenta**, R. Conselheiro Joaquim António Aguiar, 7 (T. 2073012). Permanente; **SETÚBAL: Normal do Sul**, P. do Bocage, 137. Permanente.

SESIMBRA – Lopes – R. Cândido dos Reis, 21 (Telef. 2233028); **AMORA – Matos Lopes** – R. 1.º de Maio, Lote 401 (Telef. 2216355); **SEIXAL – Lusitana** – P. Cândido dos Reis, 10 (Telef. 221007). Arrentela – Até às 22 horas: **MONTIJO – Moderna** – R. Bulhão Pato, 60 (telef. 231-156); **MOITA – Silva Rocha** – P. da República, 16 (Telef. 239029); **ALHOS VEDROS – Portugal** – Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 204250); **ALCOCHETE – Nunes** – L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137).

LOURES: Saraiva, Av. da República, 86 (T. 2530027). Permanente; **SACAVÉM: Lourenço** (T. 2518151). Permanente; **CAMARATE: Nova da Charneca** (T. 2518726). Até às 19 horas.

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

HERCULANO, R. Alexandre Herculano, 384; **TERREIRO**, R. da Reboleira, 21; **BARROS**, R. do Bonjardim, 1292; **VITÓRIA**, R. de S. Roque da Lameira, 756; **MAIA**, R. do Campo Alegre, 192.

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE

MACHADO, R. Bernardo de Albuquerque (T. 23767).

teatros

TEATRO DA GRAÇA – «A Gaivota», às 21.30 (13 anos)
ADÓQUE – «Tá Entregue à Bicharada», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
ACADEMIA ALMADENSE – Grupo de Campolide – «Tempos Difíceis», às 21.45 (13 anos)
CASA DA COMÉDIA – «Dias Felizes», às 21.30 (13 anos)
MARIA MATOS – «O Meu Rapaz é Rapariga», às 21.45 (13 anos)
VASCO SANTANA – «A Classe Dominante», às 21.30 (13 anos)
SÃO CARLOS – «A Flauta Mágica», às 21.00 (13 anos)
COMUNA – «A Viagem», às 21.45 (13 anos)
TEATRO ABERTO – «Oiçam como eu Respiro», às 21.30 (18 anos)
VARIEDADES – «O Zé Arreganha a Taxa», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
ABC – «Chá e Porradas», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

Sinal de trânsito não é objecto decorativo. Respeite-o!

PORTE PAGO

DL

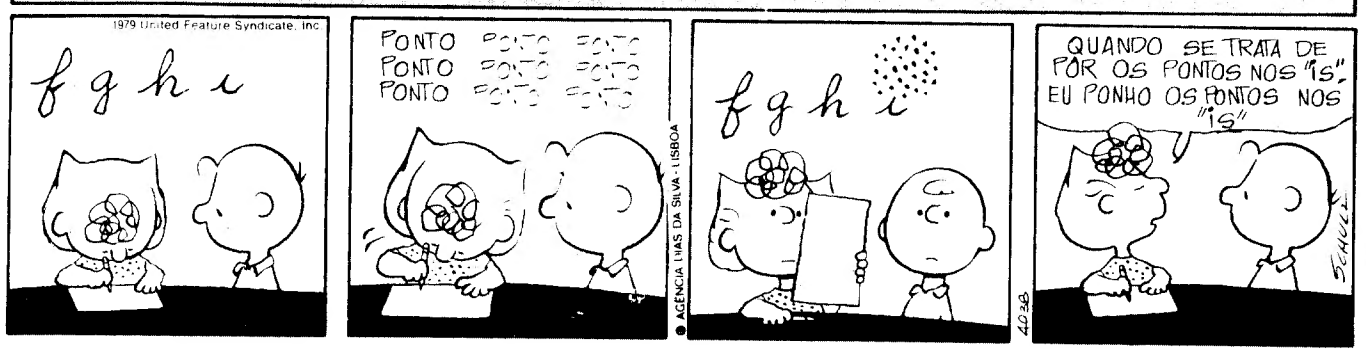
PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade
Rua Castilho, 185-1.º – 1000 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229

Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5



O TEMPO
MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
2.07	3,5 m	7.48	1,4 m
14.29	3,6 m	20.12	1,3 m
Dia 4			
2.52	3,5 m	8.25	1,3 m
15.11	3,7 m	20.49	1,2 m

TEMPERATURA DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	16º
BRAGANÇA	15º
VILA REAL	12º
PORTO	15º
P. DOURADAS	9º
COIMBRA	15º
C. CARVOEIRO	16º
PORTALEGRE	14º
LISBOA	17º
ÉVORA	16º
BEJA	15º
SAGRES	18º
FARO	19º
P. DELGADA	16º
FUNCHAL	19º

últimas

NAS MALHAS DA POLÍCIA um jovem de 21 anos precisamente de apelido Malhas, que esta madrugada ao arrancar com um automóvel roubado na Rua António Luís Inácio, no Alto do Pina, em Lisboa, embateria metros mais adiante num outro ali estacionado. Os danos são apreciáveis e para duplo azar foi logo apanhado pela Polícia e não tem carta de condução.

QUATRO MINEIROS NEGROS foram mortos e 300 foram presos durante as violentas manifestações que estão a registar-se desde ontem em quatro minas da província do Transval, na África do Sul, anunciou hoje a agência de Imprensa sul-africana SAPA.

Gerou-se um movimento de greve espontâneo durante a noite de quinta para sexta-feira por parte de cerca de 13.500 mineiros descontentes com os aumentos que lhes foram concedidos.

Os motins começaram quando, em sinal de protesto, os mineiros incendiaram as camaratas e danificaram os carros dos mineiros brancos que continuam a ser mais bem pagos do que os seus colegas negros.

Os serviços de segurança das minas recorreram então à Polícia sul-africana que, inicialmente, apenas utilizou gases lacrimogéneos. Um porta-voz da Polícia confirmou que os seus homens «foram obrigados a fazer fogo contra os manifestante que recusavam acatar a ordem de dispersão».

Em Telavive, antes de partir para a Grécia

Mário Soares longamente recebido por Sharon

TELAVIVE 3 – (Do nosso enviado especial Ribeiro Cardoso) – Mário Soares não conseguiu, ontem, avistar-se com Jumblatt líder do Partido Socialista Progressista do Líbano, apesar de o ter ido procurar a casa, um palácio situado nas montanhas Souss, a 45 quilómetros de Beirute.

Seguimos, a bordo de um helicóptero israelita, de Telavive para o palácio de Jumblatt, que foi o primeiro a afastar-se do Conselho de Salvação Nacional libanês, mas ele estava ausente e Mário Soares apenas pôde avistar-se com Anuar Fatayr outro membro da Comissão Política dos Socialistas Progressistas. Acompanhavam Mário Soares, além dos inevitáveis oficiais israelitas, Peter Carlsson e um canadiano da IS, Rui Mateus, representantes do Partido Trabalhista israelita e eu próprio. Para os israelitas, não constituiu surpresa, ao chegarmos ao nosso destino, ouvir que Jumblatt estava ausente em Beirute. Eles ofereceram a Mário Soares transporte de automóvel até à capital libanesa, por uma estrada que parcialmente sobrevoámos e onde avistámos tanques e outro material móvel israelita posto fora de combate nos confrontos com os sírios e, eventualmente, com palestinianos da OLP.

Porém, Mário Soares tinha encontro marcado com Sharon, o ministro da Defesa israelita, aqui em Telavive ao fim da tarde, e considerou-se que não havia tempo para efectuar aquele deslocação suplementar.

Soares regressou das montanhas Souss com apenas mais um número de telefone na sua agenda – aquele onde talvez seja possível encontrar Jumblatt em Beirute, se o dirigente português da IS lhe tentar ligar a partir de Atenas, onde se encontra hoje.

O encontro com Sharon

O ministro da Defesa de Begin recebeu Mário Soares em sua casa durante cerca de duas horas, depois do nosso «raid» frustrado ao palácio de Jumblatt.

Aliás, do lado israelita, a missão de contacto e informação realizada pelo líder do PS português resultou, se a avaliarmos pela profusão das entrevistas oficiais realizadas. Soares avistou-se, aqui, com representantes do MAPAM (à esquerda dos trabalhistas), do Partido Trabalhista, com o chefe do Governo, Begin, com o minstro dos Negócios Estrangeiros e finalmente com Sharon.

Do encontro de ontem nada transpirou nem mesmo para os que, como eu, estiveram também em casa do veterano de guerra e ministro da Defesa, enquanto durava a entrevista. Mas é inevitável que o ministro tenha exposto a Soares os objectivos do seu país nesta operação no Líbano.

O «Jerusalém Post» atribuía ontem a Sharon uma afirmação, feita num círculo de amigos na Knesset (o Parlamento israelita), segundo a qual «se ele fosse primeiro-ministro ajudaria os palestinianos a formarem um Estado na Jordânia, derrubando o rei Hussein».

Segundo o mesmo «Jerusalém Post», Sharon «concederia apenas 24 horas a Hussein para abandonar Aman, que deveria transformar-se em capital desse Estado palestiniano». Por outro lado, «o futuro da West Band do Jordão e da faixa de Gaza dependeriam das relações entre esse novo Estado e Isreal». O ministro da Defesa não excluíria mesmo a possibilidade de uma espécie de «confederação israelo-palestiniana» no que toca a esses territórios.

Perguntei a Sharon, no termo do seu encontro com Soares, se ele confirmava a veracidade das afirmações citadas. Ele respondeu-me ironicamente que «isso foi no passado» e que «é apenas um ministro», mas admitiu que houve «um erro histórico de Israel» na sequência do célebre Setembro negro, quando os palestinianos foram expulsos dos territórios que ocupavam. «Israel não deveria, nessa altura – disse-me Sharon – ter apoiado Hussein. Os palestinianos têm direito a território na Jordânia!»

O fim desta OLP

À medida que, nas últimas horas, se intensifica a «guerra psicológica» israelita contra Beirute Ocidental, através de voos rasantes, distribuição de panfletos, etc., adquire mais força, aqui, a convicção generalizada de que não haverá solução diplomática na capital libanesa.

Israel parece ter-se envolvido excessivamente nesta operação para poder agora, que isolou e cercou totalmente o seu objectivo militar, retirar-se sem mais danos, «salvando a face».

As autoridades israelitas reconhecem oficialmente que a operação já custou 300 mortos, e a Imprensa está a publicar sucessivas cartas e apelos de familiares destes soldados mortos exortando os dirigentes a «irem até ao fim», a «não deixarem a tarefa a meio».

Pudemos ontem verificar, de helicóptero, como Beirute Ocidental está inteiramente «fechada» sobre si própria, como se o torniquete israelita ainda não tivesse parado de se apertar à sua volta. Navios «trancam» a saída por mar; estão cortadas e ocupadas a estrada de Damasco e outra que segue para Leste. Os bairros e a periferia sul da cidade estão juncados de tanques invasores. Os falangistas libaneses fecharam a «fronteira» com a zona oriental da cidade, e dominam-na inteiramente.

Amanhã, domingo, reúne o Governo israelita, e admite-se que possa sair dessa reunião a decisão de «limpar» definitivamente Beirute Ocidental. «Definitivamente» porque, como já é «certo» aqui desde há semanas, **esta** OLP acabou (Jumblatt tinha-o afirmado no momento em que abandonou o Comité de Salvação Libanês. Ver, a este respeito, a reportagem de Dominique Pouchin e Lucien George publicada ontem no Sete Ponto Sete do «DL». NR).

Apesar das indicações a este respeito serem contraditórias, admite-se que, encurralados como estão em Beirute Ocidental, os palestinos não desejam, talvez, abandoná-la. Tudo isto acentua a credibilidade de um «forcing» israelita até segunda ou terça-feira.

Segundo uma outra versão corrente em Telavive, as autoridades e os militares – e nesse caso, Sharon, antes dos demais – estariam a jogar com o tempo para tentar que a OLP soçobre sob o peso de contradições internas, agora que parece reduzida ao seu último reduto. Nesse caso, o ataque final a Beirute Ocidental poderia ser, pelo menos, adiado por mais algum tempo, embora o cerco, a guerra psicológica e de intimidação da populção civil viessem a acentuar-se.

Manifestação contra a guerra

Hoje, sábado, está prevista em Telavive uma manifestação contra a «operação Líbano», organizada pela oposição. Julga-se que dez mil pessoas poderão concentrar-se na cidade para protestarem contra esta nova escalada belicista, e ontem à noite admitia-se a possibilidade de se virem a registar confrontos importantes entre manifestantes e contramanifestantes.

Entretanto, de madrugada, Mário Soares seguiu para a Grécia, onde tem encontro marcado com Papandreou. Dali segue para a Síria, onde se avista com o primeiro-ministro e conta encontrar-se, se for possível, com representantes da OLP

Quanto a nós, esperamos estar em Beirute este fim-de-semana.

Nova fábrica pode poluir ainda mais o Ave

PORTO, 3 – A Câmara Municipal de Guimarães aprovou na sua última reunião, por unanimidade, uma proposta do vereador António Magalhães sobre as consequências para a cidade e regiões vizinhas da instalação de uma nova unidade fabril poluente na bacia do rio Ave, em Póvoa de Lanhosa. Trata-se de uma fábgica de aglomerados de papel que está a ser instalada junto de um afluente do Ave, já altamente poluído, para o qual se julga que irão ser despejados os dejectos provenientes da laboração daquela unidade. As populações da bacia do Ave, nomeadamente Santo Tirso, cuja situação é considerada das mais graves, tem protestado contra a tendência de transformar aquele rio num esgoto ainda maior do que já é actualmente. A posição da Câmara de Guimarães, agora novamente expressa, vem nessa linha de preocupações.

"Lei descaradamente anti-APU"

«Uma lei descadamente anti-APU», assim classificou Carlos Brito, líder parlamentar do PCP, o novo diploma para as eleições autárquicas ontem aprovado na Assembleia da República, com os votos favoráveis da AD, a oposição do PCP, MDP, UEDS e ASDI, e a abstenção PS.

A nova lei determina que os símbolos das coligações eleitorais só são autorizados «desde que permitam identificar com suficiente clareza os partidos coligados segundo os respectivos símbolos». Deste modo o símbolo utilizado desde há oito anos pela APU, poderá vir a ser já alterado nas próximas eleições locais.

A nova lei proíbe ainda propaganda eleitoral na Rádio e na Televisão e estabelece normas à criação e funcionamento das coligações eleitorais. Prevê, por outro lado que urnas itinerantes possam recolher votos dos eleitores internados em hospitais.

Em comunicado divulgado após a votação, a SIP do PCP considera o novo diploma «um dos mais escandalosos atentados à seriedade dos processos eleitorais cometidos em Portugal depois do 25 de Abril».

Portugal e a África Austral

Continuação da pág. 1

estadual, não burocrática), com os interesses nacionais.

A defesa dos Estados da Linha da Frente, sendo uma condição de segurança e de estabilidade nos territórios da África Austral, é uma questão de primacial interesse para Portugal, dado que é determinante da viabilidade e do desenvolvimento da cooperação que queremos estabelecer, designadamente com a República Popular de Moçambique e a República Popular de Angola.

Depende, obviamente, essa segurança e estabilidade da cessação de operações ofensivas contra os territórios de Angola e de Moçambique, ou do apoio a actividades subversivas. E depende, também, do cumprimento, por parte da República da África do Sul, das decisões da Organização das Nações Unidas relativas ao estatuto da Namíbia.

A política portuguesa, servida das iniciativas governamentais directas e indirectamente prosseguida, num quadro de solidariedade internacional, por iniciativas não-governamentais, não admite tergiversações. A pretexto de «condenar» a realização de uma Conferência de Solidariedade com os Estados da Linha da Frente, não parece legítimo que se venha pôr em causa, com uma iniciativa que corresponde aos interesses reais do País, as próprias declarações do Primeiro-Ministro em Moçambique e no Zimbabwé.

O presidente Samora Machel, o presidente José Eduardo dos Santos e o primeiro-ministro Robert Mugabe conferiram o seu alto patrocínio à Conferência de Lisboa. As declarações que pretendem inutilizar uma iniciativa, adquirem, portanto, um estranho significado no termo da viagem do dr. Francisco Pinto Balsemão. Há posições que são irresponsáveis. Há declarações que são inoportunas.

DL